

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

VANESSA DOS SANTOS RIBEIRO

**Adaptação cultural, avaliação semântica, análise descritiva e propriedades  
psicométricas do *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey*  
com estudantes brasileiros**

RIBEIRÃO PRETO  
2022

VANESSA DOS SANTOS RIBEIRO

**Adaptação cultural, avaliação semântica, análise descritiva e propriedades  
psicométricas do *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey*  
com estudantes brasileiros**

Tese apresentada ao Programa Interunidades de  
Doutoramento em Enfermagem da Escola de  
Enfermagem de Ribeirão Preto da  
Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Doutor em Ciências.

Linha de pesquisa: Fundamentos Teóricos e  
Filosóficos do Cuidar

Orientadora: Emilia Campos de Carvalho

RIBEIRÃO PRETO  
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

RIBEIRO, Vanessa dos Santos

Adaptação cultural, avaliação semântica, análise descritiva e propriedades psicométricas do *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* com estudantes brasileiros. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2022. 154 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Ciências) – Interunidades de Doutorado em Enfermagem da Escola de de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências

1. Enfermagem. 2. Incivilidade. 3. Estudos de validação. 4. Educação. 5. Alunos. 6. Professores.

RIBEIRO, Vanessa dos Santos

Título: Adaptação cultural, avaliação semântica, análise descritiva e propriedades psicométricas do *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* com estudantes brasileiros

Tese apresentada ao Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

**Aprovado em:**     /     /

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

*À Deus*, por permanecer comigo no decorrer desta pesquisa e me dar força para que eu nunca me afastasse do meu propósito.

*Aos meus pais João Carlos e Maria Lúcia (in memorian)*, por permanecerem me apoiando, incentivando, compreendendo as minhas faltas e dando o suporte necessário para chegar até aqui. Em especial, minha mãe que durante a caminhada deixou este plano, mas sempre esteve dando apoio necessário para que continuasse firme na minha formação acadêmica.

*Ao meu irmão*, que mesmo distante, sempre esteve me motivando e rezando por mim.

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

*À Profa. Dra. Emilia Campos de Carvalho, Exemplo de profissional, pela orientação, dedicação, paciência, e, principalmente, pela confiança e por ter me despertado interesse pela ciência.*

## AGRADECIMENTOS

*Aos participantes desta pesquisa, que colaboraram para que este estudo se realizasse.*

*Ao Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem da Universidade de São Paulo, pela oportunidade desta formação e crescimento profissional.*

*À Profa. Dra. Cynthia M. Clark, Professora Emérita da Boise State University, pelo incentivo no desenvolvimento deste estudo e por disponibilizar o instrumento INE-R para ser utilizado no Brasil.*

*À Profa. Dra. Claudia Benedita dos Santos, Professora Titular da EERP-USP, pelos ensinamentos substanciais desde a elaboração do projeto dessa pesquisa.*

*Ao Professor Dr. João Paulo Maroco, Professor Associado da Universidade Nova de Lisboa e ao estatístico Jonas Bonini Alonso da EERP-USP, por estarem presentes no tratamento estatístico dos dados.*

*Ao corpo docente da disciplina de Semiologia e Semiotécnica, Profa. Dra. Luciana Kusumota, Profa. Dra. Fernanda Raphael Escobar Gimenes de Souza, Profa, Dra. Cristina Mara Zamarioli e Profa. Dra. Emilia Campos de Carvalho, por terem proporcionado um ambiente de aprendizagem da docência universitária durante o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE).*

*Às Profa. Dra. Cristina Mara Zamarioli, Profa. Dra. Danielle Cristina Garbuió e Profa. Dra Aline Helena Appoloni Eduardo, pelas valiosas contribuições e companhereismo ao longo da minha formação.*

*À Rosemeire Garcia, pela amizade e colaboração durante esses anos de convívio no Laboratório de Comunicação da EERP-USP.*

*À Enfermeira Margareth Yuri Miyazaki e ao graduando Elias Tristão, pela disponibilidade em colaborar na fase inicial deste estudo.*

*Às amigas Karen, Ana Flávia, Gabriela Bragagnollo, Jucely, Isabela, Vanessa e Juliana agradeço o aprendizado, colaboração profissional, descontração e amizade.*

*À Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, sempre de portas abertas, pelo amor e carinho que fez crescer em mim durante minha formação profissional e pela oportunidade de continuar na pós-graduação.*



*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.*

## **EPÍGRAFE**

*“A persistência é o caminho do êxito”*

**CHARLES CHAPLIN**

## RESUMO

RIBEIRO, V. S. **Adaptação cultural, avaliação semântica, análise descritiva e propriedades psicométricas do *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* com estudantes brasileiros.** 2022. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo, 2022.

O objetivo deste estudo foi validar o *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* de Clark<sup>©</sup> com estudantes brasileiros de graduação em enfermagem. Realizado em uma escola paulista, em três etapas: adaptação cultural, avaliação semântica e análise descritiva e das propriedades psicométricas do instrumento adaptado. A adaptação cultural contou com a tradução, síntese das traduções, retro tradução, análise por comitê de especialistas e apresentação da versão final à autora do *survey*. A avaliação semântica para o idioma português do Brasil com a população-alvo seguiu o método DISABKIDS<sup>®</sup> adaptado para o Brasil pelo Grupo de Pesquisa sobre Medidas em Saúde (GPEMSA – CNPq). A análise das propriedades psicométricas dos 24 itens relacionados a comportamentos de estudantes e igual número relacionado a comportamentos de docentes envolveu: validade de construto, por Análise Fatorial Confirmatória, por meio das medidas de ajuste Qui quadrado/Graus de liberdade ( $\chi^2/ GL$ ), Raíz do Erro Quadrático Médio de Aproximação (RMSEA), Índice de ajuste Normalizado (NFI), Índice de Ajuste Comparativo (CFI) e Índice de Tucker-Lewis; fidedignidade, pelo teste-reteste para verificação da reprodutibilidade calculada pelo Coeficiente de Correlação Intraclasse e pela consistência interna por meio do Coeficiente *alpha de Cronbach*. A parte final do *survey* consta de questões, analisadas quanto à frequência e tipos de respostas e alcance dos propósitos do instrumento. Os resultados obtidos retratam uma versão traduzida com poucas divergências da versão original; a avaliação semântica apontou os itens de dificuldade pelos estudantes e sugestões ao instrumento; destas, foram feitos ajustes em quatro itens. A versão final adaptada à cultura brasileira foi aprovada pela autora da versão original. A validação de construto evidenciou ajuste ao modelo proposto da Análise fatorial confirmatória, com dois fatores (baixa e alta incivildade) e para todos os itens referentes ao professor; para os itens relativos aos comportamentos dos estudantes, apenas o valor de ajuste ao modelo RMSEA não foi satisfatório, destacando-se três itens com baixa carga fatorial. Os valores das medidas de ajustes, para os itens correspondentes a comportamentos de estudantes e de professores, respectivamente, foram:  $\chi^2/GL$  de 3,461 e 1,957; *p*-valor 0,000 e 0,000; CFI

1,000 e 1,000; TLI 1,000 e 1,000; NFI 1,000 e 1,000; RMSEA 0,091 e 0,044. O ICC foi 0,53 (-0,02-0,78); a consistência interna foi de 0,94 (0,93;0,95) para os itens de estudantes e de 0,97 (0,97;0,98) para os de professor. A análise descritiva das questões finais mostrou serem as mesmas adequadas para identificar se a incivilidade se apresenta como problema para o curso de enfermagem, os agentes dos comportamentos incivis, o nível de incivilidade e as estratégias para elevar o nível de civilidade. As questões abertas propiciaram a identificação, pelos participantes, de exemplos de comportamentos de incivilidade na instituição, da causa de incivilidade, das consequências desses comportamentos e maneiras de promover civilidade acadêmica. Ainda, no teste reteste, essas questões evidenciaram ser estáveis. Conclui-se que o INE-R *survey* versão brasileira apresentou fidedignidade; quanto à validade, a AFC reiterou a proposta do modelo original e sugerimos a revisão de tres itens relacionados a estudantes.

**Palavras chaves:** Enfermagem; Incivilidade; Estudos de validação; Educação; Alunos; Professores.

## ABSTRACT

RIBEIRO, V. S. **Cultural adaptation, semantic evaluation, descriptive analysis, and psychometric properties of the Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey with Brazilian students.** 2022. Dissertation (Doctor of Science) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo, 2022.

This study aimed to validate the Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey by Clark<sup>®</sup>, 2014, with Brazilian undergraduate nursing students. Conducted in a school in São Paulo state, it consisted of three phases: cultural adaptation, semantic evaluation, and descriptive analysis as well as analysis of the adapted instrument's psychometric properties. The cultural adaptation included translation, synthesis of translations, back translation, analysis by an expert committee, and presentation of the final version to the author of the survey. The semantic evaluation for Brazilian Portuguese with the target population followed the DISABKIDS<sup>®</sup> method, which was adapted for Brazil by the Research Group on Health Measures (GPEMSA - CNPq). The analysis of the psychometric properties of 24 items related to students' behaviors and the same number of items related to teachers' behaviors involved: construct validity, by Confirmatory Factor Analysis, through adjustment indexes Chi square/Degrees of freedom ( $\chi^2/GL$ ), Root Mean Squared Error of Approximation (RMSEA), Normalized Fit Index (NFI), Comparative Fit Index (CFI), Tucker-Lewis Index; reliability was evaluated by test-retest to verify reproducibility as calculated by the Intraclass Correlation Coefficient and Cronbach's alpha coefficient. The final part of the survey consists of questions, which were analyzed regarding the frequency and types of answers and the scope of the instrument's purposes. The results obtained portray the construction of a translated version with few divergences from the original version; the semantic evaluation pointed out the items of difficulty by the students and suggestions of the survey, with adjustments being made in four items. The final version, adapted to the Brazilian culture, was approved by the author of the original version. The construct validation showed adjustment to the proposed model of Confirmatory Factor Analysis, with two factors (low and high incivility) and for all teacher-related items related. As for the items related to the students' behaviors, only the value of adjustment to the model RMSEA was not satisfactory, highlighting three items with low factor loading. The values of the adjustment measures for the items corresponding to students' and teachers' behaviors, respectively, were:  $\chi^2/GL$  of 3.461 and 1.957; p-value 0.000 and

0.000; CFI 1.000 and 1.000; TLI 1.000 and 1.000; NFI 1.000 and 1.000; RMSEA 0.091 and 0.044. CCI was 0.53 (-0.02-0.78); internal consistency was 0.94 (0.93;0.95) for student items and 0.97 (0.97;0.98) for teacher items. The descriptive analysis of the final questions showed that they were adequate to identify whether incivility presents a problem for the nursing program, the agents of uncivil behavior, the level of incivility, and strategies to raise civility levels. The open-ended questions allowed participants to identify examples of incivility behaviors in the institution, the cause of incivility, the consequences of such behaviors, and ways to promote academic civility. Furthermore, in the test-retest, those questions proved to be stable. It is concluded that the Brazilian version of the INE-R survey showed reliability; as for validity, AFC reiterated the proposal of the original model, and we suggest the revision of the three student-related items.

**Key words:** Nursing; Incivility; Validation Studies; Education; Students; Teachers.

## RESUMEN

RIBEIRO, V. S. **Adaptación cultural, evaluación semántica, análisis descriptivo y propiedades psicométricas del *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* con estudiantes brasileños.** 2022. Tesis (Doctorado em Ciências) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo, 2022.

El objetivo de este estudio fue validar el *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey*, de Clark<sup>®</sup>, 2014, con estudiantes brasileños de pregrado de enfermería. Realizado en una escuela del estado de São Paulo, consistió en tres etapas: adaptación cultural, evaluación semántica y análisis descriptivo y de las propiedades psicométricas del instrumento adaptado. La adaptación cultural incluyó la traducción, la síntesis de las traducciones, la retraducción, el análisis por parte de un comité de expertos y la presentación de la versión final a la autora del *survey*. La evaluación semántica para la lengua portuguesa brasileña con la población objetivo siguió el método DISABKIDS<sup>®</sup>, adaptado para Brasil por el Grupo de Investigación sobre Medidas de Salud (GPMSA - CNPq). En la tercera etapa se analizaron las propiedades psicométricas de 24 ítems relacionados con las conductas de los estudiantes y otros tantos relacionados con las conductas de los profesores; se evaluaron en cuanto a la validez de constructo, mediante el Análisis Factorial Confirmatorio, analizándose los índices de ajuste Chi cuadrado/Grados de libertad ( $\chi^2/GL$ ), Error de aproximación cuadrático medio (RMSEA), Índice de ajuste normalizado (NFI), Índice de ajuste comparativo (CFI), Índice de Tucker-Lewis; la fiabilidad, mediante el test-retest para verificar la reproducibilidad calculada por el Coeficiente de Correlación Intraclase y por el Coeficiente alfa de *Cronbach*. La parte final del *survey* consta de preguntas, que se analizaron en cuanto a la frecuencia y los tipos de respuestas y el alcance de los fines del instrumento. Los resultados obtenidos retratan la construcción de una versión traducida con pocas divergencias respecto a la versión original; la evaluación semántica señaló los ítems de dificultad por parte de los estudiantes y sugerencias en el *survey*, realizándose ajustes en cuatro ítems. La versión final adaptada a la cultura brasileña fue aprobada por la autora de la versión original. La validación de constructo mostró ajuste al modelo propuesto del Análisis Factorial Confirmatorio, con dos factores (baja y alta incivilidad) y para todos los ítems relacionados con el profesor; para los ítems relacionados con los comportamientos de los estudiantes, sólo el valor de ajuste al modelo RMSEA no fue satisfactorio, destacando tres ítems con baja carga factorial. Los

valores de las medidas de ajuste, para los ítems correspondientes a los comportamientos de los estudiantes y de los profesores, respectivamente, fueron:  $\chi^2/GL$  de 3,461 y 1,957; p-valor 0,000 y 0,000; CFI 1,000 y 1,000; TLI 1,000 y 1,000; NFI 1,000 y 1,000; RMSEA 0,091 y 0,044. El ICC fue de 0,53 (-0,02-0,78); la consistencia interna fue de 0,94 (0,93;0,95) para los ítems de los estudiantes y de 0,97 (0,97;0,98) para los ítems de los profesores. El análisis descriptivo de las preguntas finales mostró que eran adecuadas para identificar si la incivilidad se presenta como un problema para el curso de enfermería, los agentes de los comportamientos de incivilidad, el nivel de incivilidad, y las estrategias para elevar el nivel de civilidad. Las preguntas abiertas permitieron a los participantes identificar ejemplos de comportamientos de incivilidad en la institución, de la causa de la incivilidad, de las consecuencias de estos comportamientos y de las formas de promover la civilidad académica. Además, en el test-retest, estas preguntas demostraron ser estables. Concluimos que la versión brasileña del *INE-R survey* presentó fiabilidad; en cuanto a la validez, el AFC reiteró la propuesta del modelo original y sugerimos la revisión de tres de los ítems relacionados con los estudiantes.

**Palabras clave:** Enfermería; Incivilidad; Estudios de validación; Educación; Estudiantes; Profesores.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Distribuição dos participantes da avaliação semântica do INE-R <i>Survey</i> adaptado à cultura brasileira (n=21). Ribeirão Preto, 2020.....	71
Tabela 2 -	Estatística descritiva da idade dos estudantes (n=21). Ribeirão Preto, 2020.....	78
Tabela 3 -	Frequência percentual da avaliação geral do INE-R <i>Survey</i> adaptado, segundo o método DISABKIDS® adaptado (n=21). Ribeirão Preto, 2020...	79
Tabela 4 -	Análise descritiva das características sociodemográficas dos participantes do estudo (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	84
Tabela 5 -	Estatística descritiva (médias e medianas) dos níveis de incivilidade dos comportamentos de estudantes e de professores, por domínio (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	89
Tabela 6 -	Estatística descritiva (médias e medianas) das frequências de ocorrências dos comportamentos de estudantes e de professores, por domínio de incivilidade (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	91
Tabela 7 -	Consistência interna das dimensões do INE-R <i>Survey</i> - versão brasileira segundo os itens referentes aos comportamentos de estudantes e professores (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	92
Tabela 8 -	Análise da concordância das respostas de estudantes nas fases de teste e reteste (ICC) para o nível de incivilidade e a frequência de ocorrência de comportamentos de estudantes e professores (n=29). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	93
Tabela 9 -	Medidas de ajustes do modelo testado para os itens sobre comportamentos relacionados a estudantes e a professores (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	97
Tabela 10 -	Resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) dos itens relativos a comportamentos de Estudantes (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	98
Tabela 11 -	Resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) dos itens relativos a comportamentos de Professores (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.....	99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Sugestões emanadas na avaliação geral do INE-R <i>Survey</i> - versão adaptada. Ribeirão Preto, SP - Brasil, 2020.....	80
Quadro 2 -	Sugestões dos estudantes emanadas na Avaliação Semântica da versão adaptada do INE-R <i>Survey</i> . Ribeirão Preto, SP - Brasil, 2020.....	81
Quadro 3 -	Varição dos escores dos comportamentos de estudantes e de professores INE-R <i>Survey</i> - versão brasileira, quanto ao nível de incivilidade. Ribeirão Preto, SP - Brasil, 2021/2022.....	87

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Diagrama de caminhos de Domínios de Baixa e Alta incivilidade do INE-R survey - versão brasileira, considerando-se a estrutura fatorial original. Ribeirão Preto, 2021/2022.....	101
Figura 2 -	Frequência das três opções de estratégias para melhorar o nível de civilidade, assinaladas por ordem de prioridades, nas fase de teste e reteste (n=29).....	105

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AFE	Análise Fatorial Exploratória
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil
CFI	Índice de Ajuste Comparativo
CLE	<i>Clinical Learning Environment</i>
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNQ-B	<i>Civility Norms Questionnaire-Brief</i>
DCI	<i>Defining Classroom Incivility survey</i>
DWLS	Mínimos quadrados ponderados diagonalmente
F-FI	<i>Faculty-to-Faculty Incivility Survey</i>
GL(df)	Graus de liberdade
GLS	Mínimos quadrados generalizados
GPMSA	Grupo de Pesquisa sobre Medidas em Saúde
ICC	Coefficiente intra classe
INE	<i>Incivility Nursing Education</i>
INE-R	<i>Incivility Nursing Education - Revised</i>
IOLE	<i>Incivility in Online Learning Enviroments Survey</i>
MV	Máxima Verossimilhança
NAQ-R	<i>Negative Acts Questionnaire-Revised</i>
NEES	<i>Nursing Education Environment Survey</i>
NFI	Índice de ajuste Normalizado
NICE-Q	<i>Nurses's Intervention for Civility Education Questionnaire</i>
NIS	<i>Nursing Incivility Scale</i>
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Aproximation</i>
SCIM	<i>Student Classroom Incivility Measure</i>
SCIM-F	<i>Student Classroom Incivility-Faculty Measure</i>
SIS	<i>Straightforward Incivility Scale</i>
SPPB	<i>Student Perceptions of Professor Behaviors Survey</i>
SPSS	<i>Statistical Package Social Science</i>
SRMR	<i>Standardized root mean square residual</i>

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TLI	Índice de Toker-Lewis
UBCNE	<i>Uncivil Behavior in Clinical Nursing Education</i>
ULS	Mínimos quadrados não ponderados
USA/EUA	<i>United State of America / Estados Unidos da America</i>
UWBC	<i>Uncivil Work place Behavior Questionnaire</i>
WATQ	<i>Workplace Aggression Tolerance Questionnaire</i>
WCS	<i>Workplace Civility Scale</i>
WIS	<i>Workplace Incivility Scale</i>
WLS	Mínimos quadrados ponderados generalizados
WLSMV	<i>Weighted least squares</i>
$\chi^2$	Qui quadrado

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	24
1. INTRODUÇÃO.....	26
1.1. Revisão da Literatura.....	27
1.1.1. O contexto educacional.....	34
1.1.2. Incivilidade no ensino de enfermagem.....	38
1.1.3. Incivilidade em aulas remotas e durante a pandemia de COVID 19.....	44
1.2. Enfrentamento da incivilidade no ambiente escolar.....	49
1.3. Instrumentos de medida de incivilidade.....	55
2. DESENVOLVIMENTO DO <i>INCIVILITY NURSING EDUCATION (INE) SURVEY</i> E SUA REVISÃO.....	58
3.OBJETIVOS.....	65
3.1. Geral.....	65
3.2. Específicos.....	65
4. MÉTODO.....	66
4.1. Local de estudo.....	66
4.2.População.....	66
4.3.Delineamento.....	66
4.4.Desenvolvimento.....	67
4.4.1. Primeira Etapa: Adaptação cultural.....	67
4.4.2. Segunda Etapa: Avaliação semântica.....	69
4.4.3.Terceira Etapa: Análise descritiva e psicométrica da versão adaptada <i>INE-R Survey</i> .....	72
4.5. Análise dos dados .....	73
4.6. Aspectos éticos .....	76
5. RESULTADOS.....	77
5.1. Adaptação cultural.....	77
5.2. Avaliação semântica.....	77
5.3. Análise das propriedades do <i>INE-R Survey</i> – versão brasileira.....	83
5.3.1. Características dos participantes.....	84
5.3.2. Resultados descritivos dos itens sobre comportamentos incivis de estudantes e professores do <i>INE-R survey</i> – versão brasileira.....	85

5.3.3. Análise das propriedades psicométricas do INE-R <i>survey</i> – versão brasileira.....	91
5.3.3.1. Fidelidade do INE-R <i>Survey</i> – versão brasileira.....	91
5.3.3.2. Reprodutibilidade do INE-R <i>Survey</i> – versão brasileira.....	92
5.3.3.3. Análise Fatorial Confirmatória do INE-R <i>Survey</i> - versão brasileira.....	97
5.4. Análise descritiva das questões sobre civilidade e incivilidade do INE-R <i>Survey</i> - versão brasileira.....	102
5.4.1. Análise descritiva das questões sobre civilidade e incivilidade no teste e reteste do INE-R <i>Survey</i> - versão brasileira.....	104
6.DISSCUSSÃO .....	106
7.CONCLUSÃO.....	120
8.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	122
ANEXOS.....	146
APÊNDICES.....	14933

## **APRESENTAÇÃO**

Um breve olhar sociológico aponta relação dos comportamentos sociais atuais às mudanças na segunda metade do século passado, que fortaleceram o surgimento do movimento de globalização. Há uma alteração do paradigma de valorização das relações e dos sentimentos, manutenção de tradições e das relações sociais para aquele que confronta a estabilidade e ordenação (LOPES; CARVALHO, 2019). Observa-se, dentre outros aspectos, o aumento de dispositivos eletrônicos, telefones móveis, plataformas, aplicativos nos mais diversos ambientes a compreensão de ausência de distancia ou limites temporais para se estabelecer contatos; e as relações sociais, sobretudo entre díades passam a ocorrer de forma superficial, rápida, predominantemente por meios eletrônicos, em grupos, formatando um novo comportamento social, direcionado mais à massa, como descrevem Lopes e Carvalho (2019), Marques e Marques (2022) e Bauman (2001).

A Escola não fica imune a essas mudanças observando-se o crescimento dos casos de violência, de individualização, de falta de diálogo e de ineficiência no desenvolvimento do aluno (GUERREIRO; CHAGAS; LACERDA, 2020). A relação professor-aluno está, cada vez mais, imersa em conflitos e comprometida, consequência das crises e enfraquecimento dos vínculos sociais (CAMARGO, 2015).

Atos de violência, assédio ou *bullying* têm sido apontados como fatores intervenientes no bem estar dos indivíduos, vítimas já há algumas décadas; em que pese haja inúmeros artigos voltados para esses temas, os comportamentos mais sutis de violência ou até mesmo ambíguos, que caracterizam a incivildade, somente nos últimos anos têm merecido maior atenção dos pesquisadores e educadores. Mas muitas lacunas ainda estão por ser trilhadas.

A presente tese busca contribuir com o manejo da incivildade no ensino superior de enfermagem, a saber, pela sua identificação. Prioritariamente, buscou-se uma forma de identificá-la, não sendo encontrado nenhum instrumento voltado para essa população acadêmica validado na cultura brasileira.

Dentre os instrumentos disponíveis optou-se pelo *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* elaborado por Clark em 2004 e revisado em 2014 (CLARK *et al.*, 2015), o qual foi adaptado cultural e semanticamente para uso com estudantes brasileiros, bem como, teve as questões abertas e de múltiplas escolhas analisadas qualitativamente; medidas psicométricas foram verificadas para os itens da escala. Estas etapas constituem o relato, ora apresentado.



A disponibilidade de um instrumento validado justifica-se por permitir não só identificar inicialmente um fenômeno como também comparar seu estado em momentos distintos. Nesse sentido, julgamos disponibilizar um instrumento capaz de permitir avaliar o efeito de alternativas para a sua resolução, uma vez constatada.

Tal desenvolvimento apoia-se nas recomendações de Eka e Chambers (2019); ao fazerem uma revisão sistemática da literatura identificaram quatro aspectos abordados, quais sejam, as instâncias percebidas, os fatores relacionados e o impacto da incivilidade, bem como, as estratégias de enfrentamento do problema com a valorização da civilidade. Diante disso, recomendam a necessidade de se desenvolver estudos que sejam robustos, como os de intervenções randomizados.

O processo de validação permitiu ainda refletir sobre propostas de manejo da incivilidade em uma dada realidade, no caso as instituições de ensino superior de enfermagem.

A literatura aponta várias vantagens do uso de estratégias dinâmicas, destacando diversas alternativas exitosas; dentre elas, a simulação e os jogos educativos, capazes de promoverem mudanças comportamentais de adolescentes e adultos, serem bem aceitos por estudantes e por estarem em uso crescente em nosso meio. Esse será um próximo desafio e para tanto, reforça-se a relevância de se ter instrumento confiável, como o INE-R *survey* versão brasileira.

## 1. INTRODUÇÃO

O exercício da docência no ensino superior tem exigido dos professores um olhar para além da formação específica, com maior atenção aos aspectos sociais no processo educacional (LIMA; BRAGA, 2016; JUNGES; BEHRENS, 2016), em especial pelas divergências de objetivos dos estudantes para com a Universidade e sua formação (JUNGLES; BEHRENS, 2016).

Vários movimentos comuns na sociedade se reproduzem nas instituições educacionais, em especial quando se considera as questões de vulnerabilidade dos jovens que, por vezes, culminam em violência em distintos graus; essas podem estar relacionadas a fatores sociais como desemprego, falta de lazer, discriminação, pobreza, dentre outros (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002).

A literatura aponta a preocupação dos docentes com comportamentos/ações de estudantes que retratam desrespeito na relação professor e aluno. Atos frequentes de incivildade estão presentes no ambiente de ensino que podem resultar em situações conflituosas; e, na tentativa de romper com as atitudes violentas, há um desgaste físico e emocional tanto do professor quanto do estudante (ALMEIDA; HOLANDA, 2016).

No ambiente de sala de aula, a incivildade é definida por qualquer ação que interfira na aprendizagem e apresenta três características: violação das normas e do respeito, intenção ambígua e baixa intensidade (LIM; CORTINA; MAGLEY, 2008)

Charlot (2002) destaca que comportamento incivil não é infringir leis ou regimentos, mas as regras de boa convivência, como pequenas grosserias, piadas de mau gosto e indiferença para com o ensino. Mendonça, Siqueira e Santos (2018), complementam que a incivildade inclui somente comportamentos direcionados à outra pessoa de forma menos agressiva, como por exemplo, um insulto. Em contrapartida, Mutchinick (2017) aponta que as incivildades se caracterizam em desacordos, violência, conflitos e até mesmo em agressão física entre indivíduos.

Para Clark (2008a; 2013), comportamentos incivis estão atrelados aos modos rudes e disruptivos na relação estudante-professor, como uma fala ou ação desrespeitosa causando impactos negativos com perda da autoconfiança, autoestima, segurança, doenças temporárias ou permanentes e relacionamentos conturbados entre ambos. Pode representar qualquer diálogo ou comportamento que atinge desfavoravelmente o bem-estar de alunos ou docentes, enfraquecendo as relações profissionais e bloqueando o processo de ensino-

aprendizagem (CLARK; DAVIS-KENALEY, 2011; MARCHIONDO; MARCHIONDO; LASITER, 2010).

Assim, a presença de comportamentos incivis traz ao professor um desgaste tanto emocional quanto físico e, aos alunos, o comprometimento do processo de aprendizagem ou mesmo da sua evolução na relação social (ALMEIDA; HOLANDA, 2016).

Os efeitos de encontros incivis podem ser prolongados e significativos, dado que comportamentos disruptivos, isto é, os que interrompem o seguimento normal de um processo, além de atrapalharem o ambiente de aprendizagem também são considerados não profissionais (CLARK *et al.*, 2015). Muitas vezes, comportamentos incivis perpetuam no ambiente de trabalho dos recém-formados e, posteriormente, associam-se aos erros, acidentes, desgaste, absenteísmo, baixa satisfação e irresponsabilidade para com o trabalho (PALUMBO, 2018).

Frente aos potenciais prejuízos na aprendizagem e, possivelmente, na vida futura profissional, é relevante desvelar os comportamentos de incivilidade, entender esse conceito e os demais a ele relacionados, bem como, saber identificar sua ocorrência para tentar evitá-la.

### **1.1. Revisão da Literatura**

A sociedade se organiza com um conjunto de regras, valores, comportamentos e atos que geram - ou não - sua harmonia, a depender dos membros que nela vivem. E tais elementos entrelaçam-se nos diferentes contextos e instituições, incluindo-se a escola, objeto de nosso interesse. Neste cenário, ambiente escolar universitário, um conceito que se destaca é o de disciplina.

Disciplina significa agir com respeito cumprindo normas de convivência em sociedade, ao contrário da indisciplina que equivale à ausência de disciplina; quando dentro da educação torna-se exaustiva e desafiadora no trabalho do professor (SILVA *et al.*, 2017).

A indisciplina caracteriza-se pelo não cumprimento do conjunto de regras, normas e comportamentos estabelecidos por um determinado grupo ou sociedade (GARCIA, 2006), condutas inadequadas e comportamentos antissociais (NUNES; CARIDADE; SANI, 2018). A indisciplina prejudica não só o indivíduo na escola, mas também no âmbito social, familiar, na vida pessoal e na aprendizagem onde é visto como um obstáculo (SILVA *et al.*, 2017).

Para Santos e Medina (2018), a indisciplina e a violência na escola são resultados da

incivilidade da sociedade, tais como conflitos travados dentro de casa e trazidos para escola, provocações, intimidações e assédio moral, comportamentos estes que em geral causam desordem no ambiente escolar. Além de ser uma antítese de civilidade é uma contraposição às permissões da lei (BALLESTRIN, 2015).

Expressões de indisciplina, por vezes, também se entrelaçam aos de violência e *bullying*. Violência é ferir ou ameaçar a dignidade, a integridade moral e física do indivíduo (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019). Para Silva (2016), as violências podem se apresentar isoladas ou concomitantes, quer no âmbito legal jurídico (violência criminal), estrutural (desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas), institucional (regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas das instituições), interpessoal (na forma da pessoa se relacionar com o outro), intrafamiliar ou mesmo intrapessoal (auto infligida).

*Bullying* é caracterizado por diversos tipos de manifestações, comportamentos, implicações biopsicossociais, papéis desempenhados, principalmente entre pares com desigualdade de poder (SEIXAS; FERNANDES; MORAIS, 2016), onde há a percepção, pelo intimidador ou por outros, desse desequilíbrio de poder social, político ou físico; tem sido considerado do ponto de vista psicológico ou moral, físico, virtual ou *cyberbullying* e verbal. É utilizado para caracterizar o desejo consciente de maltratar outra pessoa, com a intenção de humilhar, submeter abusivamente e colocá-la sob tensão (TREVISOL; CAMPOS, 2016). É um comportamento repetitivo (FANTE, 2011) e entre pares (FANTE, 2015).

Violência e *bullying* têm chamado atenção dos estudiosos de forma geral. A título de exemplificação, como mencionado nas publicações nacionais a seguir, violência tem sido considerada em relação aos aspectos físicos, relações interpessoais e familiares, contextos em que ocorrem e a aspectos emocionais, tais como:

-Violência física: compreende comportamentos como brigar, chutar, bater, dar tapa, dar soco e esmurrar (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018; BARROS *et al.*, 2013; SILVA *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2017; RIBEIRO *et al.*, 2015; GIATTI *et al.*, 2014; MAIA; ARAÚJO; SANTOS JÚNIOR, 2012; SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014,) jogar objetos no outro (MEDEIROS *et al.*, 2015), fazer uso de armas, branca ou de fogo (OLIVEIRA *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2018; MAIA; ARAÚJO; SANTOS JÚNIOR, 2012; MALTA *et al.*, 2014), queimar, esfaquear, matar (MAGALHAES *et al.*, 2017), ferir o outro ou causar-lhe dor, lavar a boca de outro com pimenta ou sabão, forçar a ficar ajoelhado, na água ou ambiente quente ou frio, privar de ir e vir ou de alimento, forçar a fazer algo perigoso (RIBEIRO *et al.*, 2015).

-Violência relacional: envolve fazer o outro sentir vergonha ou baixa autoestima, mentir a respeito de uma pessoa, envolver outro em problemas, inventar histórias a respeito do outro, desrespeitar por características físicas (cabelo, peso), perseguir ou ofender pessoas, transformar qualidades em defeitos (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018), dar apelidos, encorajar a brigas e excluir colegas de grupos ou brincadeiras (SILVA *et al.*, 2014).

-Violência verbal: são exemplos os comportamentos de ameaçar ou zombar do outro (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014), de exclusão social (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018), caçoar, apelidar, xingar, insultar (SILVA *et al.*, 2017); são expressões predominantes de *bullying* (MORENO *et al.*, 2012).

-Violência sexual: inclui produzir ou divulgar pornografia, pagar por relações sexuais (RIBEIRO *et al.*, 2015), fazer comentários sexuais, tocar o outro (lábios, seios, genitais, anus) ou ter relações sexuais sem permissão ou de forma humilhante ou desconfortável (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018; RIBEIRO *et al.*, 2015).

-Violência psicológica: contempla comportamentos como ameaçar, isolar o outro (SILVA *et al.*, 2017), agredir verbalmente (OLIVEIRA *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2012), humilhar, falar palavrões (RIBEIRO *et al.*, 2015; MAIA; ARAÚJO; SANTOS JÚNIOR, 2012), atribuir apelidos, amedrontar, ofender, manifestar intolerância ao outro em relação às suas características físicas, comportamentais e cognitivas, enfrentar, denegrir ou desrespeitar o professor (MAIA; ARAÚJO; SANTOS JÚNIOR, 2012) evidenciar preconceito racial/religioso/cultural ou por problemas de saúde (RIBEIRO *et al.*, 2015).

-Violência moral: são as situações de constrangimento, mal-estar ou humilhação (GOUVEIA *et al.*, 2012).

-Violência doméstica: caracteriza o ambiente onde a agressão ocorre; pode ser física, mental ou sexual (SILVA; HASSELMANN, 2018).

-Violência interpessoal: retrata as manifestações de conflitos, medo de apanhar na escola ou em casa; ato de revidar agressão (NOBRE *et al.*, 2018), (MELANDA *et al.*, 2018).

-Violência intrafamiliar: presença de agressões de criança, adolescente ou adulto no contexto familiar (MACHADO; BOTTOLI, 2011).

-Violência virtual: contempla as mensagens por meio de celular e internet, tais como com conteúdo enganosos, ofensivos, divulgação de imagens ou gravações que denigrem uma pessoa ou contenham ameaças psicológicas ou físicas (STELKO-PEREIRA *et al.*, 2018), ameaças pela internet (DALOSTO; ALENCAR, 2013).

-Violência de resistência: resposta a uma tentativa de ameaça com conteúdo de natureza similar (CRUZ; PEREIRA, 2013).

-Violência simbólica: comportamento de uso de poder ou dominação de ordem moral, psicológica ou social que não envolve força física (CRUZ; PEREIRA, 2013).

Nota-se a complexidade do conceito violência e a consideração de um mesmo comportamento em distintas categorias, a depender dos autores citados e do foco de interesse na análise.

Em que pese o uso corrente do termo *bullying*, a dificuldade para identificar e enfrentar o problema é marcante; tais aspectos podem ser vistos na revisão feita por Franco (2020), a partir da produção acadêmica nacional.

No Brasil, a Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de combate à intimidação sistemática (*bullying*), destaca em seu Artigo 3º os tipos de *bullying*, quais sejam, verbal, moral, sexual, social, psicológico, físico, material e virtual, a depender de sua natureza, bem como, estabelece (Artigo 4º) os objetivos do programa para a prevenção e o combate destes comportamentos. Ainda, o Artigo 5º destaca o papel das instituições de ensino na identificação, prevenção e enfrentamento do problema (BRASIL, 2015).

Inúmeros autores nacionais têm caracterizado os comportamentos relacionados a intimidação sistemática, como xingar, ameaçar, ridicularizar, fazer intrigas, brigar, desprezar ou excluir alguém de alguma atividade (MARCOLINO *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2014; BRITO; OLIVEIRA, 2013; DALOSTO; ALENCAR, 2013; SILVA *et al.*, 2013; AVANCI; ASSIS; OLIVEIRA, 2008), falar com tom de voz agressivo, fazer piadas de mau gosto, falar mal de colegas, fazer humilhações ou ofensas verbais (VIEIRA *et al.*, 2016, MAIA; ARAÚJO; SANTOS JÚNIOR, 2012), dar tapas (DALOSTO; ALENCAR, 2013), empurrar (MARCOLINO *et al.*, 2018; MEDEIROS *et al.*, 2015), jogar objetos em colegas (MALTA *et al.*, 2014; MAIA; ARAÚJO; SANTOS JÚNIOR, 2012), colocar objetos para que tropecem, pisar em colegas propositalmente, chutar ou dar pontapés em colegas, esbarrar propositalmente em colegas ((MEDEIROS *et al.*, 2015; SAMPAIO *et al.*, 2015), publicar fotos na internet ridicularizando colegas, divulgar vídeos ofensivos ou constrangedores sobre outros, fazer ameaças psicológicas (STELKO-PEREIRA *et al.*, 2018); passar-se por outra pessoa (AVANCI; ASSIS; OLIVEIRA, 2008), criar grupos ou comunidades para ridicularizar colegas, rasgar roupas e/ou quebrar objetos do outro, pegar algo sem permissão, amedrontar, intimidar, isolar e humilhar (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018; SAMPAIO *et al.*, 2015); constranger a nível emocional, físico ou até espiritual (OLIVEIRA; ANTÔNIO, 2006);

apelidar (SILVA *et al.*, 2018; PIGOZI; JONES, 2016; MEDEIROS *et al.*, 2015; SAMPAIO *et al.*, 2015); promover difamações (PIGOZI; JONES, 2016); retirar pertences de outro e insultar devido à cor ou origem étnica (SILVA *et al.*, 2013; OLIVEIRA; ANTÔNIO, 2006).

O *bullying* tem como consequência a ansiedade e insegurança; no âmbito escolar, compromete negativamente o desenvolvimento do estudante que pode apresentar menor interesse, déficit de atenção, manifestações físicas, psicológicas, dentre outras (CARVALHO *et al.*, 2017).

Os comportamentos considerados como violência psicológica podem acarretar sérios danos sociais, emocionais, neurológicos e psicológicos (MIZEN, 2019). Santos *et al.*, (2014a) destacam que muitas vezes os danos psicológicos são piores que os físicos, pois aumentam as chances de doenças e problemas mentais.

Outro conceito relevante ao se considerar as relações pessoais, independente do ambiente, é o de Civilidade. Do latim “*civilis*”, representa o conjunto de atos, comportamentos dos membros de uma sociedade em respeito às normas de convívio entre eles (LIMA, 2012). É identificado como “*civilité*” na língua francesa, “*civility*” no inglês, “*civilitá*” no italiano e “*zivilität*” para o alemão (NORBERT, 1995). Refere-se à generosidade, confiança, saber ouvir e resolver os problemas de maneira respeitosa (CARTER, 1999; ALVES; BECKER, 2019).

O conceito civilidade propagou-se no início do século XVI na educação das crianças ocidentais como formação de um novo padrão de comportamento, relacionado a bons comportamentos (PILLA, 2003).

Norbert (1995), ao estudar a evolução dos costumes e regras sociais, destaca o aumento dos controles sociais dos comportamentos, ao longo do tempo, reduzindo a espontaneidade e ampliando-se a repressão na vida privada. Tais controles, que impactam a expressão de civilidade, aplicam-se a uma gama de cenários que envolvem ideias religiosas, costumes, alimentação e sistemas organizacionais como o judiciário, a escola, dentre outros.

A civilidade no trabalho, segundo Nitzsche (2015), traz benefícios com resultados positivos evidenciados pela redução da intenção de sair do emprego.

Em 2008, Clark e Carmoso, por meio de uma análise de conceito, caracterizaram civilidade como “*respeito autêntico pelos outros ao expressar desacordo, disparidade ou controvérsia. Envolve tempo, presença, vontade de se engajar em um discurso genuíno e intenção sincera de buscar um terreno comum*” (CLARK; CARNOSSO, 2008, p. 13). Em 2022, Clark, Gorton e Bentley realizaram uma revisão desse conceito ampliando-o e incluindo

“a escolha de se envolver em alternativas respeitadas, acolhedoras e inclusivas para promover equidade, pertencimento, comunidade e conexão, considerando opiniões contrárias” (CLARK; GORTON; BENTLEY, 2022, p. 266), Tais autoras destacam, ainda, que civilidade é para além de polidez; “engloba o exercício de se ter voz e influência para apoiar e promover todos os indivíduos, grupos, sociedades” (CLARK; GORTON; BENTLEY, 2022, p. 263).

Em contraponto, a incivilidade é caracterizada pela negação da civilidade com impolidez, grosseria, indelicadeza, ação momentânea ou contínua, que exclui o respeito a si mesmo e ao outro (SILVA *et al.*, 2013). É notada por meio de comportamentos rudes, desrespeito com outros ou com regras, isto é, o oposto da civilidade (AZIZAN; RAZLINA, 2015).

São considerados comportamentos incivis, rudes ou disruptivos qualquer fala ou ação desrespeitosa que cause impactos negativos (CLARK, 2008a). Para outros autores, contemplam grosserias, falta de comprometimento (DEMSKY *et al.*, 2019), competição, trapaça, maus-tratos (MORENO *et al.*, 2012) ou supervisão abusiva (ROSEN *et al.*, 2016).

Ao realizar a análise do conceito incivilidade, Vagharseyyedin (2015), examinando 50 estudos que abordaram essencialmente tal conceito no ambiente do trabalho, identificou os seguintes atributos: intenção ambígua, violação do respeito mútuo, ausência de agressão e baixa intensidade da ação. Para que a incivilidade neste contexto exista, há a necessidade da presença de duas ou mais pessoas, caracterizando a fonte e o alvo da incivilidade. Como consequência, foram identificados o custo para a organização, o desempenho reduzido da cidadania, o sofrimento psicológico e ansiedade.

Incivilidade, portanto, tem sido considerada um modelo de comportamento contrário às normas de convivência em grupo (CHARLOT, 2002) ou aos códigos elementares da sociedade (DEBARBIEUX, 2002). Para Nitzsche (2015), no âmbito do trabalho é considerada como a precursora de *bullying* e da violência; aumenta a exaustão emocional e cinismo e reduz o compromisso no trabalho.

Independentemente se centrado em suas consequências ou nos comportamentos expressos, trata-se de um processo que, como destacam ROSEN *et al.* (2016), se propaga, permeia as organizações e pode se transformar em um processo em cadeia, no qual incividades geram mais incividades. E, se professores e gestores não forem aptos para reduzir esses comportamentos no ambiente educacional, a formação prática do futuro enfermeiro estará comprometida (ROSE *et al.*, 2020).



Há estudos sobre essa temática em diversas áreas; a título de exemplificação, pode ser citado o estudo de Arasli *et al.*, (2018), com 42 funcionários, que investigaram se havia incivildades no setor de hotelaria, no norte da ilha de Chipre; os autores identificaram, dentre outros achados, que a incivildade de clientes influencia negativamente no desempenho dos funcionários, mas a de colega e supervisores, não; ainda, que a alta incivildade de clientes e supervisores moderam a relação entre qualidade do funcionário e o seu desempenho enfraquecendo-a, mas que a incivildade de colegas não afeta essa relação. Tais resultados permitiram sugerir uma política de seleção de funcionários adequados e de premiação para mantê-los, assim como, as políticas de tolerância zero para casos de incivildade e a de treinamentos de habilidades interpessoais ao se admitir um funcionário.

Na enfermagem, por sua vez, Thomas e Burk (2009) alertam para a ocorrência frequente de violência no local de trabalho, caracterizando o que se denomina como violência horizontal; mas esses autores destacam que quando há violência entre indivíduos com nível distinto de poder, trata-se do que denominaram violência vertical; como por exemplo, quando há tais atos por parte de enfermeiros direcionados a estudantes, no campo da prática profissional.

Khan; Elahi e Abid (2021), em um estudo com o propósito de identificar o papel do bem estar subjetivo e perdão entre expressões de incivildade e satisfação no trabalho, comprovaram a influência negativa da incivildade na satisfação no trabalho e no bem-estar subjetivo. Este por sua vez desempenha um papel mediador no efeito negativo da incivildade no local de trabalho sobre a satisfação no trabalho. O clima de perdão modera a relação entre incivildade e satisfação no trabalho.

Arakelian e Rudolfsson (2021) destacam o ambiente cirúrgico como um dos que a incivildade entre os membros da equipe de saúde ocorre mais frequentemente gerando efeitos negativos e tendo como consequência maior incidência de saída do emprego nesses setores.

Alguns comportamentos favorecem o surgimento da incivildade, como longas jornadas de trabalho, trabalho noturno, posturas inadequadas, desgaste físico e emocional, remuneração inadequada e falta de valorização social (RIBEIRO *et al.*, 2015), estímulos a boatos, faltar com o apoio, haver intimidação e abuso psicológico (MACNAMARA, 2012; CLARK; WERTH; AHTEN, 2012).

Apreende-se, pelo exposto que indisciplina, violência, *bullying* e incivildade apresentam interfaces e tais atos sugerem graus distintos de agressividade e frequência de ocorrência e, por sua vez, aceitação ou permissividade social, também diferente. Esses

comportamentos ou atos são passíveis de ocorrer em qualquer contexto, mas nos reportaremos à incivildade no ambiente educacional.

### **1.1.1. O contexto educacional**

Patel e Chrisman (2020), examinando o conceito de incivildade e considerando-o limitado a outros contextos, propuseram analisa-lo no âmbito acadêmico, a partir de 20 artigos, de 2008 a 2019, dirigidos a enfermeiros, estudantes, professores e gestores. Identificaram como atributos deste conceito os comportamentos verbais e não verbais que rebaixam, monosprezam ou excluem o indivíduo. As causas desses comportamentos identificados foram cultura da incivildade e níveis de poder; e, como consequências, identificaram o sofrimento psicossocial e fisiológico.

No âmbito deste estudo, incivildade será entendida como o não cumprimento das regras de boa convivência (CHARLOT, 2002) e dos comportamentos direcionados à outra pessoa, no campo educacional, isto é, a contraposição ao que Woodworth (2016, p. 201) denomina de civilidade no ensino, ou seja, um conjunto de *“comportamentos e atributos positivos que influenciam a comunicação, relacionamentos, aprendizados e resultados do paciente”*.

São exemplos, no contexto das instituições educacionais, as relações sociais entre alunos, professores, funcionários e administradores que podem apresentar distintos comportamentos que violam as normas institucionais de respeito mútuo, cortesia e amabilidade que caracterizam a incivildade (ANDERSSON; PEARSON, 1999).

Segundo Almeida e Holanda (2016), envolvem atos de desrespeito entre estudantes e professores e entre os pares, tornando o ambiente escolar um caos. Para esses autores, as incivildades mais frequentes em sala de aula foram os simples empurrões, xingamentos, gritarias, insultos, grosserias, indelicadeza e vandalismo, sejam na relação aluno com aluno ou aluno com professor.

O foco nesses comportamentos centraliza-se no fato de que comprometem o ensino e, conseqüentemente, afetam o futuro profissional que está em formação. A gama de fatores que estão associados à incivildade escolar, os seus determinantes ou os resultados em ocorrência de comportamentos indesejáveis configura tanto sua complexidade como gravidade.

A literatura aponta que essa temática tem despertado atenção e se ampliado, quer contemplando suas causas, os agentes envolvidos, alguns fatores mediadores ou moderadores e, sobretudo, pelas consequências que a incivildade produz. Destacam- estudos como os de

Nordstrom, Bartels e Bucy (2009); Hachi (2020); D'ambra e Andrews (2014), Caza e Cortina (2007), Arasli *et al.* (2018), dentre outros.

A exemplo do já citado por Thomas e Burk (2009), no cenário do trabalho, a incivilidade pode ocorrer de indivíduos de status mais alto, como professor-aluno, chefe-subordinado (incivilidade vertical) ou entre pares como alunos ou enfermeiros (lateral). Para Caza e Cortina (2007), dois mecanismos cognitivos são mediadores chaves na expressão da incivilidade: a injustiça percebida e o ostracismo social percebido, que influenciam o impacto da incivilidade nos resultados subsequentes, levando a prejuízo do bem-estar individual.

Em análise do complexo contexto da violência escolar, Abramovay (2002), apoiada nas considerações de Debarbieux (1999) e Guimarães (1998), destaca a influência de fatores internos de gestão institucional, que degradam a instituição; a violência do entorno da escola (gângues, tráfico de drogas e exclusão social) e a característica intrínseca da própria instituição em ser mais ou menos violenta. Acolhe a visão de violência escolar sob três aspectos: a violência física, a simbólica ou institucional e as incivilidades (ABRAMOVAY, 2002; DEBARBIEUX, 1999; GUIMARÃES, 1998).

A violência simbólica ou institucional evidencia-se na relação de poder no âmbito escolar (ABRAMOVAY, 2002). Pode ser exemplificada por não ensinar a matéria, falta de compromisso do professor, desprezo do professor em relação ao aluno, desrespeito do professor, humilhação pelo professor e perseguição do professor (CRUZ; PEREIRA, 2013).

Comportamentos incivis, por vezes, são invisíveis, mas, afetam autoestima e segurança, enquadram-se no âmbito das relações interpessoais e podem ser atribuídos ao perfil típico do estudante ou de faixas etárias; são quebras de regras e expectativas de convivência (GARCIA, 2006; ABRAMOVAY; AVANCINI, 2000).

Para Garcia (2006), as questões de indisciplina parecem estar voltadas à ideia do não seguimento de normas regulatórias e às questões das esferas pedagógica por parte do estudante; quando essa esfera se amplia e envolve atos de professores, a literatura tem denominado de incivilidade.

As incivilidades causam desequilíbrio no ambiente, além dos sentimentos negativos que geram desarmonia entre os indivíduos que presenciam ou vivem a situação (Mutchinick (2017)); destacam-se o estresse, as frustrações e distrações em alunos e professores, que interferem no ensino aprendizagem (CITTOLIN; CLARO, 2014).

Fatores institucionais que favorecem o surgimento de comportamentos incivis incluem maior nível de estresse nos cursos do que os estudantes esperavam; classes com

muitos alunos; instituições mais orientadas para pesquisas do que as voltadas para o ensino; classes com alunos de graduação, que evidenciam mais comportamentos incivis do que os de pós-graduação; classe de disciplina geral do que a de um curso específico; ausência de um código de conduta no início da disciplina, dentre outras (ALENCAR, 2018; CONNELLY, 2009; DAVIS, 2002; INDIANA UNIVERSITY, 2000; CARBONE, 1999; SCHNEIDER, 1998).

Quanto ainda à incivilidade no ensino superior, Swinney; Elder e Scaton (2010) identificaram nos cursos de Contabilidade de universidades americanas, através de um *survey* nacional, que seus professores são mais propensos a definir comportamentos altamente incivis e a reportar a presença desses comportamentos do que professores de áreas interdisciplinares.

O aumento progressivo da incivilidade no ensino superior, do ponto de vista do professor, segundo alguns autores, é um dos fatores que colaboram para a insatisfação na profissão (RUDOLPH, 2005; MARLOW, 2013; CITTOLIN, 2014), impacta diretamente a ascensão docente e a carreira acadêmica.

Os estressores psicossociais provocam distanciamento e afastamento do campo de trabalho dos professores, gerado por um descontentamento, decepção, desilusão, da tristeza e desprazer, associado a atitudes depreciativas sobre seu trabalho e alunos, além das condições precárias de trabalho (KRUG; KRUG; TELLES, 2018; CARLOTTO, 2011).

Para os professores, caracteriza uma situação desafiadora, pois tem interferido diretamente no processo ensino-aprendizagem. Incivildades estas que se contrapõem às normas de convivência, expressas por grosserias, desordens, ofensas verbalizadas, absenteísmo, não desenvolver o trabalho, indiferença com o ensino, ataques ao direito do aluno, professor ou funcionário (CITOLIN, 2014).

Em uma Universidade da Austrália, cerca de 20 professores relataram, ao serem questionados sobre comportamentos inadequados de colegas de trabalho, já terem sofrido intimidações de seus superiores e de subordinados, *bullying* ou foram mal interpretados, além de presenciado mentiras e comportamentos de pessoas que se sentem superiores as outras (HEFFERNAN; BOSETTI, 2021).

Ao se considerar as incivildades do ponto de vista dos alunos, Feldman (2001) considerou um conjunto de comportamentos característicos do estudante incivil, categorizáveis em: adormecer, sonhar acordado, ler jornais, falar ao celular e sair precocemente da classe. Incluem-se ainda, na opinião de outros autores os atrasos na aula, absenteísmo, humor irônico, comentários humilhantes e palavrões (ALT; ITZKOVICH,

2016), impolidez, grosseria, indelicadeza, ação momentânea ou contínua que exclui o respeito a si mesmo e ao outro (ALMEIDA; HOLANDA, 2016; SILVA, 2016), ato que gera ou é gerado por violência (SILVA, 2016), dentre outros.

Em estudo sobre o perfil dos comportamentos de estudantes, com 423 estudantes e 101 professores universitários da Indonésia, os participantes elencaram quatro categorias de comportamentos incivis, sendo desrespeito aos instrutores, desrespeito a outros incluindo comportamentos verbais e não verbais, má conduta e violação da integridade e uso de celulares. Sete comportamentos foram mais recorrentes: chegar tarde ou sair cedo; colar em provas; dormir durante a aula; levantar-se durante a aula, sair e voltar; arrumar os livros antes do fim da aula; fazer comentários ou mandar mensagens depreciativas (CAHYADI; HENDRYADI; SURYANI, 2021).

Santana e Koehler (2013), estudando a opinião de professores de uma instituição de ensino superior privada no estado de São Paulo, relataram que para os docentes, os comportamentos de incivilidade mais relevantes foram a não participação, indiferença ou desprezo do aluno para a aula; citaram ainda esquecer o material, conversar constantemente durante a aula ou atender celulares. As autoras apontaram que, embora tais evidências possam gerar desconforto para o professor e reduzir a atenção do estudante, deve-se avaliar quais os comportamentos que efetivamente afetam o docente. Apontam também que a cultura que permeia o ambiente escolar, a filosofia e missão da instituição são fatores que afetam o comportamento dos funcionários e usuários.

Cabe destacar outro olhar feito por alguns estudiosos; eles discutem os efeitos que os comportamentos em desconformidade ao esperado podem representar, ou seja, a busca pela quebra de um contínuo que não se concorda, onde se expressa o descontentamento, discordância, protesto à uma atividade solicitada, ou forma de chamar a atenção. São comportamentos para que recebam respeito, tenham reconhecimento ou sintam-se engajados (RABOW; PAYNE, 2016; CONNELLY, 2009).

Desta perspectiva, o ensino público é um desafio e há necessidade, como destaca Luchesi (2013), de reformulações para contribuir com uma educação que corresponda aos desafios da sociedade, por meio de ações que previnam a violência e promovam o desenvolvimento seguro e saudável do estudante.

### 1.1.2. Incivilidade no ensino de enfermagem

A presença de incivilidade no ambiente de ensino e de prática de enfermagem é um fenômeno global (HACHI, 2020) e tem aumentado cada vez mais (WAGNER *et al.*, 2019; SPRUNK; LASALA; WILSON, 2014).

Uma revisão da literatura com 21 artigos de distintos continentes aponta que a violência é ato constante no contexto do ensino de graduação em enfermagem, ocorrem no contexto teórico e prático de aprendizagem e os indivíduos presentes no ambiente escolar ora padecem, em decorrência dos atos, ora são os próprios perpetradores desses atos. A incivilidade foi a categoria mais frequente, pautada pela falta de respeito, agressividade, grosseria e rudez (MAFFISSONI *et al.*, 2020). Diferentes significados e valores também neste contexto têm sido atribuídos à incivilidade, podendo um comportamento ser entendido como incivil por uma pessoa, mas não por outra (BJORKLUND; REHLING, 2010).

Na Universidade da Jamaica, um estudo com 132 estudantes de enfermagem e 20 professores, identificou que 75% dos alunos e 31% dos professores reportaram incivildades no meio acadêmico; houve diferença ( $p < 0,01$ ) no nível de incivilidade percebida entre estudante e professores. Os comportamentos mais incivis dos alunos, na percepção dos alunos e dos professores, foram fazer comentários rudes condescendentes e enviar e-mails impróprios ou rudes. Por outro lado, os comportamentos mais incivis de professores, na percepção dos alunos e professores, foram dar notas injustas e exercer superioridade (DELEVEAUX, 2018).

Outro estudo, empregando métodos qualitativos, evidenciou que as causas de incivildades entre estudantes, a partir do ponto de vista de 17 professores e 9 estudantes iranianos, podem ser agrupados em três grandes categorias: fatores relacionados aos estudantes (como não engajamento institucional, falta de motivação, personalidade e pouco preparo dos estudantes), fatores relacionados aos professores (como falta da expertise, personalidade, incivildades) e fatores relacionados a organização (falta de entendimento de regras ou regimentos e falta de sistema de avaliação docente) (RAD; ILDARABADI; MOHARRERI; KARIMI MOONAGHI, 2016). Esses achados corroboram os de Clark e Spring (2007), dentre outros.

Autores destacam que na enfermagem a incivilidade é manifestada por meio de comportamentos inadequados em relação a poder, tanto em excesso como reduzido (AZIZAN; RAZLINA, 2015). É bastante comum incivilidade na relação de poder com

graduandos de enfermagem e recém-formados, considerados mais vulneráveis, por terem menos experiência pessoal e profissional; com isso lidam com inibições e confrontos de profissionais antigos (RIBEIRO *et al.*, 2015).

A violência escolar, de profissionais para estudantes, em situações de campos de estágios, como cita a literatura, pode ser identificada na ocorrência de verbalizações de um profissional para acadêmicos tratando-os com constante desigualdade, xingamentos e palavrões. Pode também ocorrer entre os colegas que, muitas vezes, não aceitam a opinião do outro e acabam emitindo comentários desabonadores; e de estudantes para professores, (ZANATTA *et al.*, 2018), em geral por avaliações acadêmicas.

Clark *et al.* (2012) em estudo com alunos e professores chineses, avaliaram a autopercepção de atos de incivilidade, no ambiente acadêmico; segundo os participantes, a incivilidade interfere no relacionamento de ambos e desencadeia mais incivilidade sendo que a falta de respeito mútuo, a má comunicação, a existência de fatores gerenciais e ambientais e as características de alunos e professores influenciam essa interação recíproca.

Na Universidade Sapienza, em Roma, no curso de graduação em enfermagem, um estudo com 33 participantes (oito docentes e 25 alunos) apontou que o local em que trabalham foi considerado por 45,5% moderadamente incivil; destacaram ocorrer o cancelamento de aulas e o estudante chegar atrasado para aula. As principais estratégias identificadas para melhorar o nível de civilidade no ensino de enfermagem foram a adoção de códigos de conduta e o fornecimento de treinamento para comunicação eficaz e negociação de conflitos; e, as principais consequências da incivilidade identificadas no ensino de enfermagem foram prática de ensino inadequada e educação de má qualidade (UNIM *et al.*, 2020).

Em uma revisão da literatura, 17 estudos retrataram que as incivildades que acontecem no ambiente educacional, com alunos de graduação em enfermagem e professores, afetam a ambos diretamente, impactando a formação dos futuros profissionais; causam baixa produtividade, autoestima e credibilidade, São exemplos desses comportamentos incivis: o desrespeito em sala de aula ou ambiente online, chegar atrasado, conversas paralelas, uso inadequado de tecnologias, baixa autoconfiança e comportamentos rudes (RAWLINS, 2017).

Vink e Adejuno (2016) desenvolveram um estudo na África do Sul com o propósito de compreender os fatores predisponentes aos comportamentos incivis, a partir da perspectiva dos professores de enfermagem. Onze professores fizeram parte do estudo e, por meio de entrevistas amplas e gravadas, foi possível identificar três grupos de temas: fatores

acadêmicos (ambiente acadêmico, preparo do estudantes, atitudes ou comportamentos do professor e influência do Conselho de Representantes estudantil), sociais (aspectos sociais e culturais) e psico-patológicos (distúrbios emocionais, abuso de substâncias).

Em um estudo para avaliar a percepção de professores e alunos quanto a variáveis que apresentavam relação com incivilidade, os autores identificaram que fatores políticos, irresponsabilidade de estudantes e comportamentos agressivos do estudante tiveram correlação positiva com incivilidade ( $r = 0,293, 0,246$  e  $0,277$ , respectivamente) (IBRAHIM; QALAWA, 2016).

As avaliações de desempenho e conduta de estudantes muitas vezes são responsáveis pelo conflito entre professor e estudantes (MILLER, 2009); igualmente, o tamanho das turmas com grande número de participantes (ELDER; SEATON; SWINNEY, 2010) e as situações estressoras para o aluno como as desencadeadas por motivos financeiros ou de manejo das atribuições e expectativas acadêmicas (CLARK; SPRINGER, 2007a; 2010). Contudo, por vezes, nenhum fator prévio é associado à expressão de um ato incivil (LUPARELL, 2004; 2019).

Também na África do Sul, Bence *et al.* (2022) estudaram a associação entre ambiente de ensino e os indicadores de alguns resultados do corpo docente, como *burnout*, engajamento, incivilidade, satisfação no trabalho e intenção de sair do emprego. A percepção da qualidade do ambiente de trabalho pelos professores de instituições públicas apresentou correlação com comportamentos de baixo nível de incivilidade ( $r = -0,516, p < 0,001$ ;  $r = 0,330$ ) e de alto nível de incivilidade ( $r = -0,330, p < 0,001$ ); já o tempo de trabalho no ensino superior na mesma instituição foi positivamente associado tanto à baixa incivilidade ( $r = 0,189; p = 0,025$ ) como à alta incivilidade ( $r = 0,241; p = 0,004$ ).

O objetivo de um estudo em Botsuana foi avaliar a incivilidade de professores de enfermagem, estrangeiros, e como isto afetava o trabalho e subsistência. Foram entrevistados 13 educadores e utilizada uma metodologia fenomenológica; neste estudo de caso específico, emergiram três temas: comportamentos hostis (desconfiança, cinismo, humilhações, piadas e grosserias por serem estrangeiros), discriminação (exclusão de benefícios e injustiça social no trabalho) e desigualdade em relação à política e processos (situações burocráticas de renovação de contrato de trabalho). Os professores de enfermagem estrangeiros que experimentaram tais incivildades deixaram de trabalhar neste local (THUPAYAGALE-TSHWENEAGAE, 2020).



Luparell (2004), empregando a técnica de incidentes críticos, buscou identificar os impactos para os professores decorrentes das situações envolvendo comportamentos incivis. Descreveu 36 situações, a maioria entre apenas o professor e o estudante e outras, com grupos de estudantes; os professores apontaram o desconforto em alguns encontros com agressividade moderada a alta e, em vários, envolvendo abuso verbal de estudantes. Eles referiram, ainda, situações de insegurança pessoal ou direcionadas à familiares ou pessoas significativas, o que ocasionou consequências emocionais e físicas ao corpo docente, alteração da autoestima, impacto no processo de ensino e até encerramento das atividades de ensino por parte de alguns dos professores.

Já em relação à opinião dos estudantes e docentes, em um estudo quantitativo, realizado com 640 participantes iraquianos, Rad *et al.* (2014) identificaram, como comportamentos incivis mais importantes para os alunos, o desperdício de tempo de aula, distração, incompetência na gestão da aula, discriminação, avaliação ruim, insulto e ameaça por parte dos educadores. Já os docentes apontaram a desordem de classe, humilhação de outros alunos, frequências irregulares às aulas, má postura sentada, não observância dos padrões islâmicos e alunos virem despreparados para a aula.

Altmiller (2012) examinou a questão da incivilidade da perspectiva dos estudantes e comparou os resultados aos achados da literatura emanados por professores; os 24 estudantes de graduação, júnior e sênior, de quatro diferentes instituições, por meio de grupo focal, apontaram o reconhecimento da existência da incivilidade no ambiente de cursos de enfermagem, sendo os comportamentos identificados os mesmos já apontados pelos docentes, na literatura; ainda, os participantes do estudo destacaram que o professor pode ser elemento chave tanto para a redução da incivilidade, como, se a manifestar, pode gerar tais comportamento pelos alunos, intensificando-os. Por fim, os alunos apontaram que esperavam o decoro de professores e expressão de comportamentos adequados quanto à civilidade.

Para Galo (2012), a incivilidade está associada à comunicação ineficaz entre professor a estudante; essa associação pode resultar em ambiente de aprendizado enfraquecido, comportamentos inadequados dos envolvidos ou aumento dos comportamentos incivis.

Do mesmo modo, Masoumpoor *et al.* (2017) avaliaram a percepção de estudantes de enfermagem do Teerã (Irã) sobre incivilidade; estes disseram que se trata de comportamentos perturbadores que afetam a comunicação, o contexto ético e a aprendizagem.

Um estudo iraniano, com 178 estudantes de enfermagem sobre incivildade de docentes, apontou que 61,8% dos estudantes “às vezes” e “sempre” experimentavam avaliações injustas e, em menor frequência, a falta/redução de sinceridade e contato interpessoal frio ou distante; tais dados contribuíram para estimular o preparo do docente para estabelecer relações respeitadas, amigáveis e para recomendar que os docentes realizassem avaliações condizentes com o ensino e a realidade (MOHAMMADIPOUR *et al.*, 2018).

Outro estudo, realizado com estudantes de graduação dos Emirados Árabes, teve o objetivo de identificar prevalência de possíveis ações ou comportamentos de incivildade na educação em enfermagem, por meio de entrevista semiestruturada e abordagem fenomenológica. Os estudantes relataram sentirem-se humilhados, menosprezados, com medo e falta de autoconfiança em situações incivis resultando em desmotivação para estudar; mencionaram apresentar comportamentos incivis de confronto em relação aos professores. Em relação aos comportamentos dos docentes, mencionaram que estes desconsideram as regras de sala de aula, como atrasos, cancelamento de aulas sem aviso prévio, o uso de telefones celulares nas aulas, falta de comprometimento com a aprendizagem, e enfrentamento e desvalorização dos estudantes como favorecer os alunos com base na aparência, atratividade física, cor da pele, desempenho acadêmico e nacionalidade dos alunos (HACHI, 2020).

Lashley e Meneses (2001) buscaram avaliar em um amplo inquérito norteamericano, do qual participaram representantes de 611 cursos de enfermagem, a existência de comportamentos incivis de estudantes presenciados por professores. Identificaram dois grupos de comportamentos: aqueles moderados, como chegar atrasado à aula, sair da classe durante atividades e desatenção durante a aula, comuns em 100% dos cursos e outros comportamentos, mais sérios, que envolviam abuso verbal contra professores ou instrutores (43%) ou contatos físicos não adequados à situação (25%).

Em centro cirúrgico, um local onde o ritmo é rápido e o risco alto (SHEN *et al.*, 2020), estudantes atuam em conjunto com vários membros da equipe; tal contexto motivou o estudo chinês com 215 estudantes; 56,7% vivenciaram distintos graus de incivildade no local. Houve diferença significativa de acordo com idade e grau de escolaridade; destacaram quatro tipos de comportamentos incivis para com os alunos: elevar a voz, usar tom inadequado, constranger na frente dos outros, fazer comentários sarcásticos. Os cirurgiões e enfermeiros do setor foram os interlocutores que mais comportamentos incivis direcionaram aos

estudantes. Os autores alertam os docentes para a atenção às relações neste campo de prática e a proteção e apoio aos estudantes nessas situações (SHEN *et al.*, 2020).

Em estudo realizado por Orfan (2022) com 948 estudantes de quatro Universidades do nordeste do Afeganistão, foram elencados comportamentos incivis de professores presenciados por alunos, que podem ser considerados em duas amplas categorias. Uma congregando comportamentos de desempenho como, por exemplo, parecer despreparado para a aula, aplicar exames muito difíceis ou complicados, chegar atrasado para aula ou estar indisponível. Outra, em relação a comportamentos diretamente direcionados a alunos, como por exemplo, criticar, comentar sobre a aparência e não fazer contato visual, não corrigir o mau comportamento, falar mal ou ameaçar reprovar.

Thomas (2003) teve em seu estudo o propósito de identificar, por meio de entrevistas, as experiências de estudantes com os comportamentos incivis e agressivos de professores. Sentimentos negativos, como irritabilidade, foram reportados pelos estudantes, quando os professores descumpriam as regras ou programações de atividades acadêmicas previamente estabelecidas.

Estudantes de enfermagem canadenses relataram presenciar comportamentos incivis; 93,6% disseram chegar atrasado na aula; 86,2% conversar durante a aula; 80,9% sair mais cedo da aula; 69,2% insultar ou desrespeitar professores e 64,5% usar equipamentos eletrônicos durante a aula (SMALL *et al.*, 2019).

O estudo de Clark (2008b), realizado no departamento de enfermagem da Universidade de Idaho (EUA), por meio de análise qualitativa, com sete estudantes de enfermagem, identificou os seguintes temas inerentes à incivilidade: 1) comportamentos humilhantes e depreciativos, 2) tratar alunos de maneira injusta e subjetiva e 3) pressionar os alunos a se conformarem como exigentes inadequadas dos professores. A maioria das respostas foi sobre incivildades do professor, seguindo-se as que tratam da percepção e comportamento de estudantes.

Corroborando com a hipótese de que há impactos da incivilidade na saúde física e mental, Sauer, Hannom e Beyer (2017) identificaram que estudantes que vivenciaram altos níveis de incivilidade de seus colegas, apresentaram maiores níveis de estresse e menor qualidade de saúde física e mental.

Frente à diversidade de estudos nos diversos continentes e as diferentes culturas dos participantes desses estudos, apreende-se que os atos incivis são para além de barreiras geográficas, contextos e atores do processo ensino-aprendizagem.

Como já citado, a presença de atos incivis ou outras formas de violência não ocorrem apenas nas relações presenciais; a incivilidade virtual ou *online*, frequentemente é encontrada nas comunicações em redes e em especial com comentários raciais, étnicos, religiosos, de cunho sexual ou discursos (CHEN *et al.*, 2019; CLARK *et al.*, 2012). Abordaremos tais aspectos a seguir.

### **1.1.3. Incivilidade em aulas remotas e durante a pandemia de COVID-19**

As redes sociais constituem um meio de comunicação em massa em que a ausência do contato direto, dentre outros aspectos, gera a falsa compreensão de liberdade total para inserção de informações de distintas naturezas. Elas favorecem contatos pessoais que, fora delas não se dariam; mas, esses são superficiais, sem intimidades e favorecem o afastamento social. Ainda, o tempo gasto com mensagens é superior ao destinado a atividades escolares ou a aquisição de conhecimento. (Silva; Silva, 2017; Young; Abreu, 2011).

A redução do contato face a face e a percepção de que não há consequências nas comunicações virtuais, em especial pelo afastamento social, parece reduzir a inibição e estimular o uso de formas comunicacionais menos polidas. Ainda que tais atos possam ter sido mais comuns nos últimos tempos, não se iniciaram recentemente.

Os estudos mostram que redes sociais são locais que os usuários apontam, disseminam e validam comportamentos incivis, por meio de xingamentos, rotulações, vulgaridades, mentiras, difamação, discriminação de gênero e raça; além disso, há um engajamento, motivação e tolerância à incivilidade (CÂNDIDO, 2019). Por vezes, também se observam tais comportamentos em atividades educacionais remotas.

Em que pese o ensino *online* facilitar o contato entre os indivíduos, por outro lado contribui para perder a aproximação emocional entre os pares, dificulta lidar com o outro desconhecido e dificulta fazer a leitura corporal (AHMED; ZIMBA; GASPARYAN, 2020). Nesse sentido, os professores têm encontrado muitos dilemas, pois, durante as aulas, os estudantes não querem abrir a câmera por se sentirem envergonhados com o ambiente doméstico (KLAR, 2020). Em aulas *online*, o professor não consegue fazer uma avaliação da comunicação não verbal do aluno gerando relação interpessoal limitada, podendo a falta de participação (do estudante) ser interpretada como falta de respeito para com o professor (CHEN *et al.*, 2019). Sem o contato visual, é mais fácil para o receptor interpretar as intenções erroneamente; um e-mail ou mensagem também pode ser mal interpretado e entendido como

agressivo (SWARTZWELDER *et al.*, 2019).

Nas aulas remotas, há incivildades que podem ser originadas ou dirigidas a qualquer participante, professores, colegas ou mesmo à instituição, de forma individual ou coletiva (CLARK; WERTH; AHTEN, 2012).

A incivildade online é entendida como qualquer atividade hostil (CHEN *et al.*, 2019); para Clark *et al.*, (2012), ela se configura pelo uso de dispositivos eletrônicos no campo educacional ou uso de meios *online* para desrespeitar e ofender pessoas.

Dentre as originadas por alunos e dirigidas aos professores, podem ser destacadas: o uso de autoridade desafiadora, exigir um tratamento especial, expressar a mentalidade “paguei por isso”, fazer comentários ofensivos, perder prazos (sem negociar com o professor antes), relutar em responder a perguntas ou participar de discussão *online*, desafiar a credibilidade do professor, insultar ou menosprezar os outros, desafiar o conhecimento do professor, fazer ameaças verbais ou físicas ao professor e/ou outros alunos, envolver-se em desonestidade acadêmica (trapaça e/ou plágio), fazer assédio, tornar o ambiente hostil com comentários, enviar *e-mails* inadequados ao professor ou fazer uso inapropriado da mídia social para compartilhamento ou promoção de trabalho acadêmico (HOPKINS *et al.*, 2017); desobediência ao professor e trapaça ou interpretação incorreta das falas do professor (SWARTZWELDER *et al.*, 2019)

Dentre as ações realizadas pelos estudantes, não necessariamente direcionadas aos professores, é visto como incivildade qualquer comportamento que atrapalhe o desenvolvimento da aula (CLARK; WERTH; AHTEN, 2012), o não comparecimento às aulas (HONG *et al.*, 2020), dar respostas desnecessária usando o botão responder à todos (KIM; LEE; De GAGNE, 2020), usar outras plataformas online durante as aulas que não voltadas para aquisição do conhecimento programado (GAGNE; YAMANE; CONKLIN, 2016); relutar em responder perguntas de discussões sobre a aula (HOPKNIS *et al.*, 2017) ou por e-mail (KAY *et al.*, 2019); ter pouca participação na atividade (KAY *et al.*, 2019); realizar atos impulsivos e agressivos (CLARK; LUPARELL, 2020) ou atividades de próprio interesse (KAY *et al.*, 2019); praticar *cyber bullying* com os colegas; divulgar publicações e comentários depreciativos (KAY *et al.*, 2019); atos de desrespeito; comentários hostis e ameaças; depreciação envolvendo raça, religião e orientação sexual (KAY *et al.* 2019) e fazer plágios acadêmico (RIECK; CROUCH, 2007; HOPKNIS *et al.*, 2017).

Para além dos problemas já conhecidos no ensino *online*, as atividades acadêmicas em 2020 transcorreram no contexto de uma pandemia; esta ocorreu devido ao vírus COVID-19,

encontrado inicialmente em Wuhan, China, causador da doença denominada SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave Coronavírus 2), que até maio de 2021 acometeu mais de três milhões de pessoas no mundo (KHAN *et al.*, 2021). No Brasil, observamos o uso do ensino remoto também em 2021 e, em algumas instituições, até o primeiro semestre de 2021, variando o número de disciplinas que adotaram tal estratégia.

O uso do ensino remoto foi praticamente imposto e não adotado como estratégia de escolha, frente à disseminação do vírus definida pela ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2020) como pandemia. Para reduzir a quantidade de contaminação foram necessárias adaptações e diminuição de contato entre os indivíduos, destacando-se a quarentena, o isolamento, distanciamento social e as medidas de contenção comunitárias (WILDER-SMITH; FREEDMAN, 2020). Tais aspectos intensificaram o uso no ensino remoto dos recursos online e interferiram na dinâmica das vidas dos estudantes, professores e demais pessoas levando a impactos socioemocional-financeiros que por si só eram fontes estressoras.

Houve a necessidade de ter um distanciamento social, com isso, os alunos deixaram de frequentar salas de aula nos distintos níveis educacionais. Para que não fossem prejudicados, o ensino remoto foi aliado neste período (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

As mudanças impostas para adaptação a um novo modo de viver proporcionaram à educação reflexões sobre modelos de ensino, substitutivos e complementares ao ensino presencial, prioritário até então no ensino de enfermagem nacional. Reflexões sobre protagonismos do ensino a distância (FERNANDES *et al.*, 2019; ARRUDA, 2020), especificidades do ensino remoto emergencial ou não (SILVA *et al.*, 2020, KLAR, 2020), legislações de ajustes para ensino da disciplina em tempos de crise (GIMENEZ, 2021), implicações para a formação do enfermeiro em relação a atenção ao SUS (CASSIOLATO; FALCÓN; SZAPIRO, 2021), experiências já exitosas com uso de ensino virtual (TORRES *et al.*, 2021), inserção do estudante no ambiente didático, a partir da navegação em um meio virtual (BEZERRA, 2020; SYLVESTRE, 2021), dentre outros aspectos relacionados, estão disponíveis na literatura.

Quanto à influência deste período na expressão de atos incívicos, há controvérsias. Estudo como o de Alt, Itzkovich e Naamati-Schneider (2022) mediu, durante o período de confinamento, a percepção da incivildade presente no ambiente de aprendizagem; em especial, verificaram a presença/frequência de comportamentos incívicos alguns meses antes da pandemia, quando 288 estudantes preencheram o questionário de incivildade e durante a

mesma, quando 108 responderam o mesmo instrumento em 2020. Os alunos perceberam mais comportamentos incivis na pré-pandemia, em aulas presenciais, do que em aulas online, durante a pandemia com diferença estatística entre os dois períodos ( $p < 0,001$ ).

No estudo de Smith, Urban e Wilson (2022), realizado nos Estados Unidos, com estudantes de bacharelado em enfermagem, os dados evidenciaram que durante a pandemia houve uma relação positiva entre as variáveis resiliência e incivilidade ( $p \leq 0,001$ ) e entre estresse e incivilidade ( $p \leq 0,001$ ), indicando que os comportamentos de incivildades durante a pandemia causaram estresse, mas os alunos foram mais resilientes nesta situação.

Ainda, ao buscar identificar a presença de incivilidade nesse período e em ambiente *online*, um estudo do Paquistão, com 232 estudantes de odontologia e 35 docentes, apontou que, dentre os alunos que participaram, 72% disseram ser a incivilidade um problema, serio ou moderado, enquanto 56% dos docentes relataram a incivilidade como um problema inexistente ou leve. Foram ainda considerados que os comportamentos de estudantes são mais frequentes que os de professores, pelos dois grupos de participantes. Contudo, estudantes do sexo feminino e aqueles que referiram menor grau de experiência em usar tecnologias online referiram maior nível de incivildades nos comportamentos de professores ( $p < 0,05$ ). Diversos comportamentos relacionados a estudantes foram citados, a exemplo dos já mencionados. Já os comportamentos incivis do docente foram: atribuir notas sem fornecer *feedback*; ameaçar reprovar um aluno por não cumprir as exigências do corpo docente (FARID *et al.*, 2022). Frente a estes dados foi recomendado, pelos autores, treinamento para redução desses comportamentos.

Em estudo que buscou investigar o *bullying* em dois momentos entre 2019 e 2021, antes e durante a pandemia, dentre 2006 estudantes de graduação e pós graduação, que participaram do estudo, recrutados por revistas científicas e sociedades científicas, oriundos de distintos países, 84% relataram ser alvo e 59% ter testemunhado *bullying* acadêmico, em especial as mulheres ( $p < 0,005$ ); a maioria dos perpetradores eram homens. Em relação à pandemia COVID-19, os autores afirmam que nesse período exacerbou o *bullying* acadêmico e mudou os padrões de comportamentos, possivelmente devido à natureza remota das interações (MOSS; MAHMOUDI, 2021).

Em uma Universidade do Arizona, um levantamento *online* com 157 professores sobre comportamentos incivis de estudantes apontou como mais frequentes comportamentos considerados pouco ofensivos, como solicitar mudança de nota, e moderadamente ofensivos,

como usar celular durante a aula e dormir durante a aula; vários outros comportamentos, em menor frequência, foram relatados (ABRAHAM *et al.*, 2022).

Outro artigo, oriundo de uma Universidade no sudeste dos Estados Unidos, em que participaram alunos e professores, as entrevistas aconteceram de forma online, em meio a pandemia. Os resultados apontam relatos de docentes sobre comportamentos de colegas que criticaram abertamente outros colegas de trabalho; de professores fazendo comentários inadequados sobre alunos; de professores elevando o tom da voz quando não conseguem o que querem, durante reunião administrativa; ocorrência de má comunicação ou ausência de respostas a e-mails. Também descrevem comportamentos de desatenção e conversas paralelas, interrupções sem motivos, uso de celular desnecessariamente e outros em concordância com estudos já citados. Por outro lado, dos relatos dos estudantes, a maioria das incivildades era em relação ao corpo docente, tais como, baixo desempenho, comparar trabalhos entre os alunos ou avaliar negativamente os mesmos (HUDGINS *et al.*, 2022).

Esses estudos exemplificam fatores intervenientes no processo ensino aprendizagem existentes durante a pandemia, percebidos tanto por estudantes quanto por professores. Cabe destacar ainda que, segundo Klar (2020), o ensino remoto adotado em tempos de pandemia pode ser configurado em dois estilos: o emergencial ou temporário, durante uma crise, e o intencional, estabelecido a partir de um processo organizacional, voltado para a qualidade da aprendizagem. O primeiro, adotado durante o ano de 2020, pode ter favorecido a ocorrência de comportamentos de incivildade, pelos aspectos apontados a seguir.

Ainda que a tecnologia tenha favorecido a participação do estudante em grupos virtuais, onde é possível se conectar com várias pessoas ao mesmo tempo e as aulas remotas tenham contribuído positivamente, os impactos negativos manifestados em relação ao comprometimento, aumento da evasão escolar, continuidade das atividades e curto período para elaborar novas estratégias foram sentidos (SENHORAS, 2020).

Para o docente de enfermagem, em cujo ensino prevalece o modelo presencial, houve o desafio de se reorganizar para continuar, após curta interrupção, com as atividades programadas.

Cabe lembrar que a situação emergente apresentou aspectos positivos, com estímulo a uso de estratégias inovadoras, mas potencializou alguns negativos, como também apontado por Silva *et al.*, (2020): deparou-se com a necessidade de manter o interesse e concentração dos alunos, bem como, estabelecer um ambiente com maior interação e sem possibilidades de realizar leituras corporais, em um ambiente propício para distração. Complementarmente,



houve necessidade de investir em organização de um espaço no ambiente doméstico para desempenhar suas atividades, organização das atividades domésticas e profissionais, provisão de dispositivos e equipamentos compatíveis e com qualidade para as transmissões das aulas e reuniões, evitando ou reduzindo eventuais interferências nas mesmas.

Fatores como estresse, tanto pela própria situação sanitária como pela incerteza do êxito nas atividades acadêmicas, dificuldade de se adaptar aos novos métodos de transmissão e obtenção do conhecimento, exposição de imagem pessoal e do ambiente doméstico, acesso a dispositivos de transmissão de informações, sobrecarga de atividades cotidianas, dentre outros, são fatores que podem gerar comportamentos de incivildades tanto de alunos como de professores.

Os tipos de quebras das normas acordadas para o ambiente escolar, presencial ou remoto, durante ou não um evento como a pandemia vivida recentemente, agridem o processo de ensino aprendizagem e devem ser identificados, para que possam ser manejados e enfrentados. Para tanto, destacamos algumas estratégias já empregadas na Enfermagem.

## **1.2. Enfrentamento da incivildade no ambiente escolar**

Diversos estudos têm proposto intervenções, de distintas naturezas, para minimizar incivildade no ensino em enfermagem. Mas cabe destacar que para se manejar a incivildade dentro do ambiente de formação, deve haver espaço de negociação e sociabilidade entre os integrantes (ZAGO, 2000).

Identificar os elementos que compõem o ciclo do surgimento das incivildades, os fatores que predispõem, mediam ou moderam tais respostas, assim como os reduzem, torna-se essencial; soma-se a cultura institucional e o envolvimento dos partícipes – funcionários e docentes - como também o corpo discente.

Há ainda que se entender a manifestação desses comportamentos frente a situações de restrições, como respostas a outros estímulos estressores ou situações externas ao ambiente escolar, mas que interferem no comportamento de seus usuários.

A literatura destaca que medidas de reversão de tais comportamentos devem ser adotadas pelas instituições de saúde que acolhem estudantes (THOMAS; BURK, 2009). Também, que as escolas não devem tolerar incivildade quando essas afetam sua missão e os docentes devem adotar medidas que busquem reduzir a incivildade e estimular padrões de

conduta adequados. Tentar ignorar atos de incivilidade, é a chance de se repetirem (FELDMANN, 2001).

Neste sentido, sugestões para reduzi-los incluem: autorreflexão e autoavaliação por parte do corpo docente para identificar seus pontos fortes e áreas em que podem melhorar; estimular o corpo docente a dar exemplo de comportamento civil e profissional; providenciar educação sobre diversidade de pensamentos e tipos de personalidades para entender a si e aos outros; estabelecer diretrizes entre estudantes sobre respeito mútuo; criar ambiente seguro e inclusivo livre de julgamentos; prover treinamento sobre comunicação, trabalho em equipe e liderança; adoção da cultura de humildade na instituição; impulsionar a pesquisa e a elaboração de políticas de enfrentamento da incivilidade considerando os aspectos éticos e legais (MILESKY *et al.*, 2015).

Olhando para o estudante, as oficinas e as estratégias educacionais são apontadas como adequadas para o manejo da autoafirmação - que pode ser vista como autoconfiança e autoestima; elas constituem estratégias de enfrentamento para se adquirir autocontrole diante de comportamentos de incivildades (RAD; MIRHAGHI; SHOMOSSI, 2015).

São ainda citadas como positivas as sugestões de se ter espaços para relações dialogadas, restauração do equilíbrio do ambiente escolar, aproximação da escola com a família e comunidade, flexibilização da gestão e estímulo a atividades dos alunos, como cafés pedagógicos (SCOTUZZ; SANTOS, 2019).

Connelly (2009) cita que a primeira experiência de estudantes universitários americanos, ao entrarem em uma Universidade na Califórnia, é receberem os ensinamentos que o ambiente universitário é diferente do ensino médio juntamente com um manual de ensinamentos sobre civilidade no meio acadêmico; destaca o autor que há programas de orientação, seminários de primeiro ano e outras atividades planejadas que visam deixar claro para os alunos que eles entraram em uma nova realidade e devem adquirir novos valores e expectativas.

No contexto da educação em enfermagem, estratégias de enfrentamento desse problema, embora recentes, têm sido reportadas. Em relação ao posicionamento dos docentes, é valorizado que, no início do curso, explicitem as regras de comportamentos esperadas pelos novos integrantes do corpo docente; complementarmente, é estimulado o treinamento dos docentes para lidarem com a incivilidade (SUPLEE; LACHMAN; SIEBERT; ANSELM, 2008), estabelecerem os planos de estudo e trabalho (GALBRAITH; JONES, 2010), aplicarem de forma consistente as políticas institucionais sobre uso de celular em sala de aula,

pontualidade, condições para exames de reposição e revisão de notas, bem como, desenvolverem manual para os estudantes alertando sobre as políticas institucionais em caso de incivilidade (COURSEY; RODRIGUEZ; DIECKMANN, 2013). Para estes autores, se os alunos compreenderem as políticas institucionais, mais compreenderão as normas de civilidade (COURSEY; RODRIGUEZ; DIECKMANN, 2013).

Nesse sentido, ações que busquem a adoção de política de civilidade, incorporação desse tema no currículo, uso de estratégias de enfrentamento da situação frente à ocorrência de ações de incivilidade, como por exemplo, denúncias anônimas, qualificação dos recursos humanos, com treinamento para enfrentar situações de incivilidade como modelagem de comportamento civil, devem ser valorizadas pelas instituições na opinião de Hachi (2020).

Mitchell, Ahmed e Szabo (2014) destacam que é necessário interromper o ciclo da incivilidade e exigir tolerância zero para comportamentos inaceitáveis. Neste propósito, de combater a incivilidade, uma forma segura é a comunicação aberta e respeitosa (FRANKLIN; CHADWICK, 2013).

Trabalhar a autoafirmação, que pode ser vista como autoconfiança, é uma estratégia de enfrentamento para se controlar diante das incivildades, melhorar a autoestima; oficinas e estratégias educacionais são adequadas para essa finalidade (MOSTAFARAD; MIRHAGHI; SHOMOSSI, 2015).

No trabalho, a prevenção contra incivilidade é uma intervenções recomendada, obtida com o desenvolvimento de habilidades interpessoais e treino de estratégias de enfrentamento psicológico (DI FABIO; DURADONI, 2019)

Ainda, é essencial os docentes laçarem mão de estratégias pedagógicas interativas, pois quando os alunos estão cansados, facilmente se dispersam e têm comportamentos incivis (CLARK, 2008a; CLARK, 2008b). Em outro estudo, Clark, Farnsworth e Landrum (2009), após apresentação de um material educativo contendo narração e vídeo sobre comportamentos de incivilidade, destacaram que os estudantes identificaram grande incidência de incivildades como chegar atrasados para as atividades programadas e deixar de realizar as atividades do cronograma, e os professores reconheceram atraso em atividades programadas, cancelamento de atividade agendada sem avisar previamente e uso de métodos ineficazes de ensino.

Murray (2020) questionou-se sobre o aumento da capacidade de os estudanes identificarem e lidarem com comportamentos incivis quando estes ocorressem, após participarem uma intervenção educativa, onde se discutia autoeficácia e confiança. O

resultado evidenciado em aumento significativo nos escores de autoeficácia e confiança apoiam a recomendação de se educar os estudantes de enfermagem sobre tais aspectos.

Estratégias de manejo de comportamentos incivis também envolvem a identificação dos mesmos quer sejam emitidos por outros ou pela própria pessoa. Palumbo (2018) observou que o uso de intervenção educativa (um módulo *e-learning*) para estudantes sobre o que caracteriza a incivildade acadêmica, a expectativa institucional sobre tais comportamentos, as estratégias para identificar e as melhores evidências para enfrentar tais comportamentos propiciou que os alunos obtivessem aumento na autoeficácia em relação à sua capacidade de definir, detectar e combater a incivildade acadêmica. Também Muliira; Natarajan e Colff (2017) utilizaram uma intervenção *e-learning*, que demonstrou ser uma estratégia eficaz para aumentar a percepção de estudantes e docentes em relação à incivildade.

Wetter (2018), por sua vez, propôs a criação de um módulo de aprendizagem para enfermeiros que é centrado em princípios cristãos; considera que aplicação de conselhos bíblicos e reflexão pessoal são ferramentas que uma enfermeira cristã pode usar para neutralizar a hostilidade no local de trabalho.

Abedini e Parvizi (2019a) obtiveram melhora do nível de percepção sobre civilidade por estudantes após desenvolverem um programa de aprendizagem baseado em cenários. Foram realizados oito cenários, com duração aproximada de 90 minutos, com cerca de 20 estudantes por grupo, onde se abordou atos incivis vivenciados pelos estudantes (ser não honesto, desrespeitoso, indelicado, sem responsabilidade) com a finalidade de fazê-los pensarem e falarem sobre tais temas e, por conseguinte, elevar o conhecimento sobre conceitos civis (dignidade, responsabilidade, simpatia, privacidade e respeito). Os resultados mostraram diferenças, entre os dois momentos, quanto à percepção da incivildade propiciando aos autores recomendarem essa estratégia dada a sua eficácia.

Em outro estudo, a intervenção foi uma simulação com realidade semivirtual, com o propósito de aumentar a conscientização sobre civilidade e incivildade de estudantes de enfermagem; os resultados reforçam a recomendação deste tipo de intervenção (estratégias de sensibilização sobre civilidade) na formação do enfermeiro (ROSE *et al.*, 2020).

Também foi positivo o efeito de um programa educacional sobre civilidade no trabalho de enfermagem. Os funcionários da instituição participantes do estudo realizaram uma sessão semanal de 60 minutos, durante cinco semanas, com discussões sobre artigos que retratavam os efeitos da incivildade no local de trabalho, estudos de caso e recomendações para um ambiente de trabalho saudável. Tais encontros trouxeram à luz que a incivildade causa

consequências prejudiciais, diminuição taxa de satisfação no trabalho, afeta o tratamento dos pacientes, afeta a autoestima dos enfermeiros, aumento da rotatividade, abandono de cargo; eles concluíram que há necessidade de se abordar este tema para que tais aspectos sejam solucionados (NIKSTAITIS *et al.*, 2014).

Abedini e Parvizy (2019b) compararam o efeito de um grupo de discussão com oito encontros de uma hora e o de um grupo de autoaprendizagem por meio de uma cartilha eletrônica, nos níveis e escores de incivilidade de estudantes. Os grupos, com 42 estudantes cada, foram mediados por 10 docentes; ao final, evidenciou-se que houve uma maior percepção dos estudantes em relação à civilidade em ambos os grupos, mas com diferença maior para o grupo que participou das discussões. Os autores recomendam o uso da estratégia discussão em grupo para aumentar a percepção sobre civilidade e reduzir comportamentos incivis.

Autores consideram que a incivilidade é um processo interativo e que reconhecer que ambas as partes têm responsabilidades nesse processo, que estudantes e professores devem trabalhar juntos, respeitarem um ao outro, amplia as possibilidades de se obter ambiente mais civil (BRAXTON; BAYER, 2004).

A estratégia de autoavaliação também favorece a redução de comportamentos incivis; nesse sentido, são recomendados: pedir para os alunos e colegas de trabalho para fazerem avaliação, ter engajamento nas atividades acadêmicas, usar técnicas interativas, provocar interesse no aluno, revisar o conteúdo e material a ser administrado para os alunos, usar a prática baseada em evidência, ter ambiente com índice reduzido de estresse cotidiano e carga horária de trabalho adequada (AUL, 2017).

No estudo realizado na África do Sul, por Vink e Adejumo (2015), são apontadas algumas outras sugestões à administradores e educadores que vivenciam problemas de incivilidade para minimiza-los; são elas: triagem de estudantes ao iniciar o curso, ter um sistema institucional de apoio a docentes para lidarem com situações de incivilidade, suporte a alunos que podem estar com dificuldades de ajustar-se à condição de ensino/vida universitária, fórum de compartilhamento de experiências exitosas para enfrentar a incivilidade no ambiente escolar.

Para melhor lidar com a incivilidade *online*, Swartzwelder *et al.* (2019) sugerem ao professor como agir nesse contexto: permanecer calmo e no foco da aula, responder um problema imediatamente, não perder a credibilidade ao tentar se opor as incivildades e estar sempre preparado para orientar e administrar consequências do comportamento incivil.

Ambiente e interlocutores que promovam aprendizagem significativa estimulam a permanência do estudante na escola e a participação nas atividades acadêmicas, amplia o exercício para uma sociedade mais diversificada e democrática, o que conduz o indivíduo a controlar seus comportamentos, a minimizar a incivildade quer seja de alunos, professores e gestores (DALCASTAGNER; NUNES, 2019). Embora tais autoras estivessem se reportando ao ensino fundamental, prioritariamente, em suas considerações, as mesmas se aplicam ao ensino superior. Somam-se à essas estratégias, outras de gestão institucional ou de ensino com o mesmo propósito, como as descritas a seguir.

Além de incentivar a resiliência aos que vivenciam esta situação (THOMPSON *et al.*, 2016), oficinas acadêmicas (CLARK, 2011), *e-learning* (PALUMBO, 2018), workshops, realidade virtual na web mostrando o lado positivo do comportamento civil (TSCHANNEN *et al.*, 2012; LIAW *et al.*, 2015), treinamento, e desenvolvimento de habilidades de comunicação para lidar com a incivildade (LIAW *et al.*, 2015; GOSSELIN; IRELAND, 2020) a promoção de jogos online sobre reduzir a incivildade (PINES *et al.*, 2012)

Cabe reiterar que os jogos, *online* ou não, podem ser aliados dos professores e merecem um olhar especial; eles são estratégias de ensino aprendizagem que deixam seus participantes ativos, mais aptos à resolução de problemas, com maiores chances de manter os alunos envolvidos e motivados no período de sua formação acadêmica (SANTOS *et al.*, 2017).

Também são ferramentas frequentemente utilizadas como intervenções para mediar situações que precisam ser solucionadas, com resultados exitosos, por exemplo, na prevenção de violência contra gênero (FORNARI; FONSECA, 2019) e na interação dos estudantes (OLIVEIRA; JOAQUIM, 2020), dentre outros. Portanto o jogo é uma ferramenta eficaz no ensino que pode se mostrar útil no intuito de conscientizar os alunos e professores sobre as incivildades.

Enfrentar a existência de incivildade no âmbito escolar auxilia a minimizar as ocorrências na prática profissional, dado que, como afirma Luparell (2011), ao analisar as conexões da academia com os ambientes clínicos, os estudantes de hoje serão os enfermeiros de amanhã.

Peters (2015), a partir de uma análise de conceito, identificou que as interações incivis são desrespeitosas, depreciativas, ameaçadoras e intimidadoras. Em que pese os atributos desse conceito não tenham mudado ao longo do tempo, recomenda-se criação de

políticas com propósito de prevenção de incivilidade nos ambientes de ensino superior e de trabalho e sua avaliação.

Além da necessidade de enfrentamento da presença dos comportamentos incivis no ambiente escolar, destacamos algumas formas de medir, de forma acurada, tais comportamentos, por meio de instrumentos úteis para a Saúde e a Enfermagem.

### 1.3. Instrumentos de medida de incivilidade

Alguns instrumentos avaliam a civilidade ou a incivilidade no **ambiente de trabalho**, da área de saúde ou não, como por exemplo:

-*Workplace Civility Scale* (WCS) (OSATUKE *et al.*, 2009), desenvolvido nos Estados Unidos, é utilizado para medir indicadores organizacionais de civilidade e orientar intervenções no ambiente de trabalho na área de saúde, não necessariamente na enfermagem. A versão brasileira foi validada por Andrade *et al.* (2020).

-*Escala geral de Incivilidade no Trabalho* (ANDRADE *et al.*, 2020), de origem nacional, busca medir a presença de comportamentos e percepções de atos hostis, rudes e pouco gentis entre colegas e supervisores em organizações de trabalho.

-*Civility Norms Questionnaire-Brief* (CNQ-B) (WALSH *et al.*, 2012), instrumento direcionado as normas que favorecem ambiente de civilidade nas relações de trabalho.

-*Workplace Incivility Scale* (WIS) (CORTINA *et al.*, 2001), que avalia os comportamentos incivilizados com funcionários da área da advocacia, financeiro e administradores, que apresentaram insatisfação, abandono da carreira e sofrimento psicológico nos últimos cinco anos. A versão revisada deste instrumento encontra-se adaptado para a cultura brasileira por Tonin (2018)

-*Workplace Aggression Tolerance Questionnaire* (WATQ) (COOMBS; SHERRY, 2004), que avalia comportamentos de agressão física ou verbal que causam intimidação no local de trabalho.

-*Uncivil Work place Behavior Questionnaire* (UWBC) (MARTIN; HINE, 2005), validado entre funcionários do setor de construção civil, comércio, administração, educação e serviços de saúde e comunitários, que avalia hostilidade, “fofoca” e falar mal pelas costas.

-*Negative Acts Questionnaire-Revised* (NAQ-R) (EINARSEN; HOEL, 2001), avalia o fenômeno do *bullying* no trabalho como intimidação, exclusão, qualidade/sobrecarga e subvalorização no trabalho.

-*Nursing Incivility Scale (NIS)* (GUIDROZ *et al.*, 2010) que se destina a avaliar experiências de incivildade por enfermeiros hospitalares, médicos, supervisores e pacientes.

- *Straightforward Incivility Scale (SIS)* (LEITER; DAY, 2013), de origem canadense, avalia incivildade oriundas das pessoas do ambiente do trabalho como supervisores, colegas, subordinados, clientes e funcionario.

-*Incivility from Customers Scale* (WILSON; HOLMVALL, 2018), escala unidimensional, que se destina a medir comportamentos incivis relacionados à agressão psicológica e justiça interpessoal de clientes.

Outros **instrumentos** voltam-se especificamente para o contexto educacional, como os que se seguem:

-*Defining Classroom Incivility survey (DCI)* (ROYCE, 2000), instrumento desenvolvido na Universidade de Indiana - EUA, que buscou identificar se professores consideravam 30 comportamentos como incivis (em escala com alternativas sempre, em certas condições ou nunca) e a frequência que tais comportamentos ocorriam (em escala com alternativas sempre, algumas vezes, raramente, nunca).

-*Student Classroom Incivility Measure (SCIM)*, instrumento dividido em 3 partes. A primeira refere-se a incivildades dos estudantes (frequência e probabilidade de envolvimento em comportamentos incivis), com 14 itens, medidos em instrumento likert 5 pontos. As duas outras partes avaliam quão disruptivas são as incivildades de professores e alunos, medidas em escala de 4 pontos tipo Likert (HANSON, 2000)

*Student Classroom Incivility-Faculty Measure (SCIM-F)* (Hanson, 2000), instrumento semelhante ao SCIM, em especial nas segunda e terceira partes, porém voltado para professores (HANSON, 2000).

-*Clinical Learning Environment (CLE)* (DUNN; BURNETT, 1995), que avalia os relacionamentos entre alunos, paciente e gestores no ambiente clínico de enfermagem.

-*Bullying in Nursing Education Questionnaire (BNEQ)* (COOPER *et al.*, 2009), que avalia a percepção de estudantes de enfermagem sobre o *bullying*, como “xingar” e humilhar colegas de classe.

-*Nursing Education Environment Survey (NEES)* (MARCHIONDO; (MARCHIONDO; LASITER, 2010), que mensura a visão de incivildade de estudantes de enfermagem em relação aos professores.

-*Student Perceptions of Professor Behaviors Survey (SPPB)* (STORKY; HARTLEY, 2009), composto de 56 itens, construído por meio de grupo focal com estudantes, apresenta alternativas de comportamentos de professores, compondo dois domínios (um, competência



e interesse do professor e o outro, respeito ao individualismo do estudante) para os quais os estudantes manifestam sua percepção, em uma escala que varia de 1- nada ofensivo a 6- extremamente ofensivo.

-*Nurses's Intervention for Civility Education Questionnaire* (NICE-Q) (KERBER; JENKINS, WOITH *et al.*, 2012), um instrumento utilizado para avaliar intervenções de civilidade, no ensino em enfermagem.

-*Incivility in Online Learning Enviroments Survey* (IOLE) (CLARK; AHTEN; WERTH, 2012; CLARK; WERTH; AHTEN, 2012), que mede percepções do professor e estudante de enfermagem sobre frequência de comportamentos incivilizados em ambientes *online* de aprendizagem;

-*Uncivil Behavior in Clinical Nursing Education* (UBCNE) (ANTHONY *et al.*, 2014) que mede tais experiências com estudantes de enfermagem no ambiente clínico como, por exemplo, quanto o estudante se sente hostil e excluído da equipe.

-*Faculty-to-Faculty Incivility Survey* (F-FI) (CLARK, 2013; CLARK *et al.*, 2013) foi utilizado para medir comportamentos de professores e gestores de enfermagem considerando o estresse e a carga horária de trabalho.

- *Incivility in Nursing Education* (INE) *Survey* trata-se de um instrumento para medir a incivilidade na educação em enfermagem, nas perspectivas tanto do estudante quanto do professor; foi testado inicialmente em 2004, retestado em 2006 e em 2009 foi revisado por Clark, Farnsworth e Landrum (2009). Posteriormente o INE *Survey* foi revisado por Clark *et al.*, (2015) e denominado INE-R *Survey*.

Há que se destacar outros instrumentos elaborados a partir daqueles citados na literatura, avaliados quanto a validade aparente e de construto, confiabilidade e reprodutibilidade, como o instrumento árabe construído por Vural e Bacioğluem (2020), com a finalidade de mensurar a frequência da incivilidade no ensino superior e as estratégias de  *coping* adotadas, contendo um conjunto de 61 itens relacionados a estudantes, compondo três fatores (comportamentos em relação a professores, comportamentos em sala de aula, comportamentos relacionados ao estado dos estudantes).

Frente à contribuição do *Incivility in Nursing Education - Revised* (INE-R) *Survey* de Clark<sup>©</sup>, 2014 (CLARK *et al.*, 2015), cujas propriedades psicométricas estimulam seu emprego para identificar comportamentos incivis em especial a autoavaliação de alunos e para verificar possíveis efeitos de intervenções direcionadas a mudanças na expressão de tais comportamentos, seu desenvolvimento e fundamentação serão brevemente expostos.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO *INCIVILITY IN NURSING EDUCATION (INE) SURVEY* E SUA REVISÃO

Clark (2008b), a partir de um estudo qualitativo, com método fenomenológico (2008b), elaborou uma proposta conceitual evidenciando a influência, para o estudante, das percepções de atos incivis emanados de professores, que podem ser classificados em humilhar, menosprezar; tratar de maneira injusta ou avaliar de forma subjetiva; ou pressionar para se ajustar às demandas do professor. A autora destacou que o estudante, ao entrar no curso de enfermagem, percebe tais comportamentos incivis de professores e passa a apresentar respostas emocionais que podem ser consideradas em três grupos: sentir-se traumatizado, sentir impotência ou desamparo; sentir raiva de si ou de outros. Ainda, o estudante pode apresentar respostas comportamentais frente à situação, como sair do ambiente, dar voz ao fato (desafiar) ou seguir fiel aos seus propósitos de permanecer na instituição. Um achado destacado no estudo foi o efeito positivo da atenção e apoio do professor para o estudante que experiência incivilidade, reduzindo inclusive a evasão no curso. A limitação desse estudo ao retratar apenas o estudante foi apontado pelos autores; contudo, os diversos estudos posteriores disponíveis, entre pares e entre docentes-estudantes, contribuíram para reduzir os vazios até então existentes na literatura.

Em 2009, Clark apresentou sua compreensão de que incivilidade reflete um problema que se dá em um *continuum*; essa proposta foi revisada a partir de vários estudos da própria autora e os achados na literatura. Esse *continuum* tem em seus extremos comportamentos irritantes, chatos ou de distração, denominados disruptivos (isto é, nível mais baixo de incivilidade) até comportamentos agressivos, ameaçadores ou violentos (alto nível de violência). Em ordem crescente neste continuum, a variação pode ser exemplificada por comportamentos não verbais ou expressões faciais, sarcasmo, *bullying*, preconceito racial/étnico, intimidação, assédio moral, violência física até tragédia (CLARK, 2008b, p.286; CLARK, 2013; CLARK *et al.*, 2013; CLARK *et al.*, 2015, p.309).

Esses conceitos deram suporte para a revisão do INE; o processo de elaboração do INE-Revisado está descrito a seguir.

Como já citado, para mensurar incivildades, a autora debruçou-se sobre os comportamentos identificados em suas pesquisas iniciais, apoiou-se em ampla análise da literatura e na ausência de instrumentos para medir incivilidade na enfermagem culminando na elaboração do *Incivility in Nursing Education (INE) Survey*, pioneiro nesse propósito. Em

relato da construção desse instrumento (CLARK; FARNSWORTH; LANDRUM, 2009; CLARK *et al.*, 2012; CLARK *et al.*, 2015), apreende-se ter ele sido fundamentado em três instrumentos prévios disponíveis: o Defining Classroom Incivility Survey (DCI) (ROYCE, 2000), o Student Classroom Incivility Measure (SCIM) e o Student Classroom Incivility-Faculty Measure (SCIM-F) (HANSON, 2000).

O INE, proposto em 2004, continha uma parte (sessão I) dedicada aos dados demográficos e outra (sessão II) composta de uma lista de itens que retratavam a percepção de comportamentos em duas categorias - disruptivos ou incivis - de professores e estudantes; a partir desses itens também se buscava identificar a frequência em que nos últimos 12 meses esses comportamentos ocorriam no ambiente educacional. Ao final dessa parte ainda havia duas questões, uma voltada a identificar em que extensão o respondente identificava a incivildade como um problema, e a outra a identificar quem se engajava mais em comportamentos incivis, se estudantes ou professores. Cabe destacar que a lista continha comportamentos de dois níveis: os incivis (sendo 16 relativos a comportamentos de estudantes e 20 de professores) e os comportamentos conhecidos como mais agressivos (13 de professores e 13 de estudantes). A seção III incluía quatro questões abertas sobre como estudantes e professores poderiam aumentar a civilidade na escola, quais estratégias poderiam ser usadas para tal, dentre outros aspectos gerais (CLARK; FARNSWORTH; LANDRUM, 2009, p.9).

Essa versão foi testada com 356 estudantes e professores de enfermagem sendo possível, neste teste piloto, identificar similaridades com outros estudos de outras áreas de conhecimento. Chamou atenção dos autores que os resultados apontaram que a percepção dos professores sobre incivildade era de comportamentos de menor nível de agressividade do que a percepção dos estudantes. Também identificaram quatro categorias de incivildade: disruptiva em sala de aula por estudantes; disruptivas fora de sala de aula por estudantes; comportamentos incivis de professores, e possíveis causas de incivildade no ambiente escolar (CLARK; SPRINGER, 2007a, 2007b; CLARK; FARNSWORTH; LANDRUM, 2009).

Clark, Farnsworth e Landrum (2009) também apontam que em 2006, o INE foi aplicado a uma amostra de 504 participantes. Foi realizada a análise fatorial exploratória que apontou que os itens relativos aos estudantes se organizavam em 3 fatores: fator 1- comportamentos de distração e desrespeito dentro da sala de aula; Fator 2: desrespeito ou descaso com os outros; e Fator 3: desinteresse geral pelas aulas. Igualmente, os itens de comportamentos relativos ao professor apresentaram três fatores: Fator 1: fazer gestos rudes

para com os outros, Fator 2: refere-se a questões de gerenciamento de sala de aula; e Fator 3: flexibilidade. A AFE apontou bons coeficientes para os três domínios da subescala dos docentes e para os domínios 1 e 2 da subescala dos estudantes; o fator 3 apresentava apenas dois itens, o que pode explicar o resultado não tão satisfatório para o mesmo.

Esta versão do instrumento apresentou alfa de Cronbach satisfatórios para as subescalas com os comportamentos relacionados a professores e estudantes. Este estudo apontou divergência com achados anteriores do estudo piloto, dado que a percepção de comportamentos incivis similares por parte de estudantes e professores foi similar (CLARK; FARNSWORTH; LANDRUM, 2009).

Segundo Vickous (2015), o INE foi revisado em 2007, teve discretas alterações na versão de 2009; esta versão foi traduzida para Farsi, Hebraico e Mandarim Chinês (CLARK; FARNSWORTH; LANDRUM, 2009)

A versão chinesa do INE foi apresentada após ser realizada uma pesquisa em parceria com pesquisadores americanos e da República Popular da China, em 2007. A versão original foi traduzida para o mandarim, foram feitas as adaptações culturais, semânticas e de conteúdo respeitando-se o instrumento original. Essa versão foi disponibilizada em mandarim e inglês. Foi aplicada em professores e estudantes de uma escola de enfermagem e os dados psicométricos da versão chinesa apontaram por meio de validação de constructo (análise fatorial), confiabilidade e reprodutividade: os 16 itens de comportamentos incivis foram reduzidos para oito, com carga fatorial variando de 0,630 a 0,857; os 16 itens de frequência de comportamentos incivis foram reduzidos a duas categorias, de 7 e 4 itens respectivamente; os 11 itens de comportamentos ameaçadores foram reduzidos a três categorias com 2 itens cada. Totalizaram 23 itens. Quanto a confiabilidade, o alfa de Cronbach foi  $>0,90$  para a escala total, itens de professores e de estudantes em relação a percepção de nível de incivilidade dos comportamentos; e foram  $> 0,80$  para a frequência total dos mesmos de estudantes ou de professores, A consistência interna da versão, após os itens ajustados, foi adequada para valor total e subescalas (CLARK *et al.*, 2010).

Outra versão foi disponibilizada em 2010, a qual foi a usada no estudo de Vickous (2015), com estudantes americanas; segundo esta autora, tal versão foi disponibilizada na forma eletrônica em 2010.

Em 2013, o INE em língua inglesa foi revisado a partir das evidências da literatura (CLARK *et al.*, 2013). E, considerando que incivilidade apresenta níveis variados, descrito em um *Continuum*, com extremos de comportamentos de alta e baixa incividades, o

instrumento foi novamente revisado, sendo então denominado *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* (Clark<sup>®</sup>, 2014); nessa versão foram ainda incluídas outras questões e espaço narrativo para registro de opiniões dos respondentes sobre tais comportamentos (CLARK *et al.*, 2015). Participaram do processo de validação dessa versão professores e estudantes de 20 escolas de enfermagem norte-americanas.

O INE-R *Survey* (CLARK *et al.*, 2015) é autoaplicável, dividido em sessões, iniciando pela conceituação de incivilidade e de ambiente acadêmico, seguindo-se os dados demográficos do respondente (estudante ou professor), que serão determinados a critério do estudo em desenvolvimento (tais como, gênero, idade, origem étnica/racial, anos de formação, programa ao qual o respondente pertence, posição/cargo do docente ou semestre letivo do estudante, dentre outros). A seção seguinte apresenta uma lista de 48 itens, sendo 24 relativos a comportamentos de estudantes e 24 relacionados às ações de professores; em relação aos comportamentos do estudante, tem se como exemplo “matar a aula ou outras atividades programadas” e em relação ao comportamento docente “cancelar a aula ou outra atividade sem aviso prévio”. Cada item é avaliado por uma escala tipo *Likert* que apresenta as seguintes possibilidades de respostas: não incivil; pouco incivil moderadamente incivil e altamente incivil. Também avalia a frequência do comportamento nos últimos 12 meses, isto é: nunca; raramente; às vezes e frequentemente. Em ambas as escalas os valores variam de 1 a 4 para cada item. A última seção apresenta um conjunto de questões e um espaço narrativo, para o respondente descrever situações, opinar sobre incivilidade na educação em enfermagem, comportamentos incivis de estudantes e professores, nível de civilidade na instituição, priorização de estratégias para elevar nível de civilidade, bem como causa e consequência de incivilidade acadêmica.

O instrumento original foi avaliado quanto à fidedignidade e validade, sendo os dados dos alunos e dos professores analisados separadamente; foi utilizada análise fatorial exploratória, com modelo de um e dois fatores, sendo sugerida a proposta de dois fatores (fator alta incivilidade: compostos por nove itens e fator baixa incivilidade com quinze itens). A análise fatorial confirmatória, que reiterou a proposta teórica, foi realizada no mesmo estudo; a fidedignidade, verificada pelo *alpha de Cronbach*, apontou valores satisfatórios na escala respondida por estudantes e professores ( $\geq 0,94$ ) (CLARK *et al.*, 2015).

Além da versão americana, em língua inglesa, De Gagne, Kang e Hyun (2016) apresentaram a versão coreana do INE-R, após ser realizada a adaptação cultural e verificada a validade de constructo e confiabilidade; participaram estudantes de enfermagem de três

idades da Coréia do Sul. Os resultados do *alpha de Cronbach* igual a 0.96, sendo  $\alpha = 0.97$  para alto nível de incivilidade e  $\alpha = 0.93$  para baixo nível de incivilidade, apontaram que o instrumento INE-R *Survey* na versão coreana é um instrumento confiável para avaliar as percepções de incivilidade de estudantes e professores de enfermagem naquela cultura. A análise fatorial confirmatória apontou ajuste ao modelo teórico para os dois fatores (alta e baixa incivilidade) apenas para os itens correspondente aos professores; foi então proposta a análise fatorial exploratória para os itens dos estudantes, na qual emergiram três novos fatores para os itens originariamente considerados de baixa incivilidade para as respostas dos estudantes.

Uma versão árabe do INE-R também foi apresentada, no qual participaram estudantes de enfermagem de quatro universidades públicas do Iraque. Esta versão apresentou consistência interna pelo *alpha de Cronbach* de 0.87, evidenciando ser um instrumento confiável para avaliar incivilidade na população estudada (AL-JUBOURI; SAMSON-AKPAN; JAAFAR, 2019). A análise confirmatória, feita apenas com os itens relativos aos estudantes, não apresentou ajustes satisfatórios ao modelo teórico inicial; na análise fatorial exploratória, o instrumento apontou cinco fatores, com reorganização dos itens principalmente os de baixa incivilidade.

A versão persa foi adaptada culturalmente e avaliada semanticamente por um comitê de especialistas (validade de conteúdo = 0,9), apresentou consistência interna pelo coeficiente alfa de Cronbach (0,94) e reprodutibilidade (ICC=0.94); não foram identificados resultados quanto à validade de constructo (MOHAMMADIPOUR *et al.*, 2018)

Este instrumento está também traduzido e adaptado culturalmente para o idioma italiano; estão disponíveis (até o momento) as informações da análise semântica (UNIM *et al.*, 2020).

A literatura mostra que diversos estudos utilizaram o instrumento original INE *Survey* (CLARK; FARNSWORTH; LANDRUM, 2009) sendo que os mais recentes têm utilizado a versão revisada (CLARK *et al.*, 2015). O emprego desses instrumentos tem se dado em distintos países, cenários acadêmicos ou de prática, como os exemplos destacados a seguir.

O estudo desenvolvido por Clark e colaboradores em 2007, com pesquisadores americanos e chineses e utilizando o INE, a partir das questões descritivas do mesmo, além de identificar a autopercepção de alunos e professores sobre atos de incivilidade, bem como os fatores que contribuem para incivilidade, possibilitou revisar o modelo conceitual para

fomentar a civilidade na educação, divulgado em 2007, agora direcionado para a República Popular Chinesa (CLARK *et al.*, 2012)

O estudo de Muliira, Natarajan e Colff (2017), que teve o objetivo reconhecer e auto avaliar as condutas no meio acadêmico com graduandos de enfermagem de uma universidade pública de Omã, antes e após uma intervenção educativa, também utilizou o INE *Survey* versão inglesa, descrito por Clark, Farnsworth e Landrum (2009).

Aul (2017) realizou um estudo no nordeste dos Estados Unidos utilizando o INE com 159 estudantes e 14 professores de enfermagem para avaliar a percepção de incivilidade após um curso de pós-graduação de licenciatura com aulas presencial; foi possível identificar a diferença nas respostas dos participantes entre os dois momentos ( $p < 0,05$ ).

Vickous (2015) usou o INE para verificar eventuais diferenças nas percepções de estudantes dos cursos de graduação (*Baccalaureate Program Students – BSN*) e do curso associado (*Associate Program Students – ASN*), sobre comportamentos incivis de professores e alunos. Os comportamentos disruptivos de estudante mais frequente foi usar tecnologias não relacionadas com a aula e conversas de distração; já a percepção sobre comportamentos disruptivos de professores apontou o desvio do conteúdo da aula e ignorar o comportamento perturbador do estudante; como comportamento ameaçador, de ambos os grupos, foi apontado desafiar o conhecimento ou a credibilidade do professor. Os alunos do curso de graduação perceberam comportamentos mais disruptivos do que os do associado.

Nas distintas culturas, os estudos que empregaram o INE-R para medir a percepção de estudantes e professores quanto ao nível e frequência de incivilidade presente nos comportamentos emanados por um ou outro, ou ambos, ou para verificar o efeito de uma dada intervenção, evidenciaram que ele é adequado para identificar tais propósitos.

Em um estudo que envolveu diversas universidades do sudoeste dos Estados Unidos, para diagnosticar e entender as percepções e experiências de alunos e professores, á luz dos conceitos de Clark (2007, 2020) e inteligência emocional, os autores, utilizando INER – *Survey*, identificaram comportamentos incivis independente da pandemia, que transcorreu duante o estudo (HUDGINS *et al.*, 2022).

Êxito, também, obteve o estudo desenvolvido no Irã com a finalidade de identificar incivildades de docentes a partir da percepção de estudantes, empregando o INE-R *Survey* (MOHAMMADIPOUR *et al.*, 2018), possibilitando traçar estratégias de enfrentamento do problema diagnosticado.

Na Universidade da Jamaica foi aplicado o *INE-R Survey* para identificar as percepções de atos incivis de um grupo de alunos e de professores de enfermagem (DELEVEAUX, 2018), permitindo estabelecer as distinções das percepções dos dois grupos, com destaque para a diferença entre eles, sendo que estudantes consideraram itens sobre arma de fogo e danos físicos e, os professores, o uso de celular e outros dispositivos.

Já no estudo quase experimental com 81 estudantes de enfermagem de uma Universidade no Irã, realizado por Abedini e Parvizy (2019a), foi utilizado o *INE-R Survey* antes e pós um curso sobre civildade, ofertado a ambos os grupos. Tal instrumento permitiu avaliar que tanto docentes como estudantes apresentaram melhora do nível de percepção sobre incivilidade, após a intervenção ( $p = 0,01$ ).

Em outro estudo, Abedini e Parvizy (2019b) compararam o efeito da estratégia de discussão em grupo e a de autoaprendizagem sobre a percepções do estudante dos níveis de incivilidade de estudante, utilizando *INE-R Survey*; foi possível verificar que após as sessões houve a percepção dos estudantes em relação a civildade ( $p < 0,05$ ).

Frente aos êxitos do instrumento *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R Survey)* (CLARK *et al.*, 2015) e a necessidade de se ter um instrumento voltado para a população estudantil de enfermagem no país, desenvolvemos o presente estudo, que abordará o processo de validação para a cultura brasileira do *INE-R* para a população de estudantes. Os objetivos e passos metodológicos constam a seguir.



### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Geral**

Validar o *Incivility in Nursing Education - Revised (INE-R) Survey* para estudantes de enfermagem brasileiros.

#### **3.2. Específicos**

- Adaptar culturalmente o instrumento *INE-R Survey*.
- Validar semânticamente a versão adaptada do instrumento para o português do Brasil.
- Analisar as propriedades psicométricas da versão adaptada do instrumento para o português do Brasil.
- Avaliar as questões abertas e de múltipla escolha da versão adaptada do instrumento para o português do Brasil.

## 4. MÉTODO

### 4.1. Local de estudo

O estudo foi realizado em uma instituição de ensino superior em enfermagem do interior do Estado de São Paulo.

### 4.2. População

O estudo envolve a participação de estudantes de graduação em enfermagem da Instituição sede, regularmente matriculados no Curso Bacharelado em Enfermagem, que conta com ingresso anual de 80 alunos, e no Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, que conta com ingresso anual de 50 alunos.

Foram convidados todos os estudantes, exceto os do primeiro ano letivo, em atendimento a orientação dos autores do instrumento, dado que, para avaliação do conteúdo, os participantes devem ter previamente 12 meses de vivência no curso.

Deste contingente, participaram da etapa de avaliação semântica 21 estudantes, recrutados por meio da técnica *Snowball* (ALBUQUERQUE, 2009). E participaram da etapa de análise das propriedades psicométricas 264 estudantes.

### 4.3. Delineamento

Trata-se de um estudo metodológico. Foram realizadas as seguintes etapas:

- a adaptação cultural do INE-R *Survey* (Clark *et al.*, 2015) segundo os passos propostos por Beaton *et al.*, (2000);
- a avaliação semântica segundo o método DISABKIDS® (2004) adaptado para o Brasil pelo Grupo de Pesquisa sobre Medidas em Saúde (GPEMSA – CNPq) (ROMEIRO *et al.*, 2020);
- a análise das propriedades psicométricas (Fidedignidade e Validade de construto segundo análise da estrutura fatorial) do instrumento;
- a análise das questões descritivas, sobre as experiências e percepções dos estudantes sobre civildade/incivildade, do instrumento adaptado para o português.

#### 4.4. Desenvolvimento

Foram adotados distintos procedimentos para alcance dos objetivos em cada etapa da pesquisa.

##### 4.4.1. Primeira Etapa: Adaptação cultural

Esta etapa foi realizada no período de novembro de 2019 a janeiro de 2020. Foram adotados os estágios sugeridos por Beaton *et al.* (2000), a saber: tradução (que geram as versões T1 e T2), síntese, retrotradução (que geram as versões RT1 e RT2), revisão por comitê de peritos (que concluem com um registro dos passos e produzem a versão final) e, por fim, o teste do instrumento com a população alvo. Em caso de dúvidas com itens do instrumento, o comitê pode rever os ajustes necessários. Recomenda-se, ainda, o envio aos autores do instrumento.

##### Estágio 1 – Tradução inicial

O instrumento original *INE-R Survey* (Clark *et al.*, 2015) em língua inglesa foi traduzido para o idioma português do Brasil. Foram realizadas duas traduções (T1 e T2) por tradutores bilíngues, cuja língua mãe é o português do Brasil.

Ambas as traduções foram realizadas independente uma da outra, comparadas e observadas, quanto a semelhanças e discrepâncias.

##### Estágio 2 – Síntese das Traduções

Os dois tradutores e uma terceira pessoa, neutra nesta fase do processo, sintetizaram as traduções e produziram uma versão única das traduções (T12), sempre tendo em vista o instrumento original.

Após o consenso, este grupo construiu um relatório sobre o conteúdo discutido.

##### Estágio 3 – Retrotradução

A versão síntese construída em português do Brasil foi retro traduzida para o idioma da versão original, por duas pessoas, com língua materna o inglês americano, que produziram duas novas versões de forma independente (RT1 e RT2).

Os dois tradutores tinham conhecimento sobre o conceito abordado no instrumento.

#### Estágio 4 – Comitê de especialistas

Nesta fase, um comitê, composto por três profissionais de saúde, enfermeiros com experiência em validação de instrumento e dois tradutores envolvidos no processo até o momento, examinaram as duas versões traduzidas do inglês para o português, bem como a síntese das duas traduções do inglês para o português, versões retrotraduzidas do português para o inglês e os relatórios do processo de tradução e retrotradução.

Com a finalidade de se verificar eventual desconformidade entre as versões, o comitê avaliou a equivalência entre as mesmas, a partir dos quatro aspectos propostos por Beaton *et al.* (2000), considerando: Equivalência Semântica (como o uso de termos com significados múltiplos e problemas gramaticais); Equivalência Idiomática (como o emprego de expressões idiomáticas e coloquialismos); Equivalência Experimental (a verificação se os hábitos da vida diária ou ações da cultura original são similares aos da cultura alvo); e Equivalência Conceitual (validade dos conceitos na cultura original e na de interesse). Ao final desta análise, por consenso, foi produzida por este comitê a versão final do instrumento (versão adaptada).

#### Estágio 5 - Teste da versão adaptada

É sugerido por Beaton *et al.* (2000) que a versão emanada pelo comitê (versão adaptada) seja testada no público-alvo. Esta etapa tem o propósito de investigar a compreensão do instrumento e propiciar sugestões úteis de cada item do instrumento, se for o caso.

Para esta etapa empregou-se a adaptação semântica de acordo com o método DISABKIDS® (2004) adaptado para o Brasil pelo Grupo de Pesquisa sobre Medidas em Saúde (GPEMSA – CNPq) (ROMEIRO *et al.*, 2020), descrito a seguir, na etapa 2 deste estudo.

#### Estágio 6 – Apresentação da Documentação à Coordenação do Processo de adaptação cultural e aos desenvolvedores do instrumento

Na etapa final do processo de adaptação cultural, foram apresentados todos os relatórios, formulários, versão traduzida e resultados do teste com o público alvo ao comitê de avaliação; após análise das sugestões de mudanças, constituiu-se a versão adaptada para cultura brasileira, a qual foi encaminhada para a autora que desenvolveu o instrumento.

#### 4.4.2. Segunda Etapa - Avaliação semântica

A versão do instrumento aprovada pelo comitê foi aplicada ao público-alvo para a avaliação dos aspectos semânticos no idioma português do Brasil. Esta etapa foi realizada no período de 05 de fevereiro a 05 de março de 2020.

Para tal análise, conforme já citado, utilizou-se o método DISABKIDS® (2004) adaptado para o Brasil pelo Grupo de Pesquisa sobre Medidas em Saúde (GPEMSA – CNPq) (ROMEIRO *et al.*, 2020). O grupo DISABKIDS® trabalha com instrumentos que avaliam a qualidade de vida de crianças e adolescentes em condições crônicas de saúde; mas o método tem sido utilizado para avaliar diferentes instrumentos, para uso em pessoas de distintas idades, em vários idiomas e em diversos países.

Segundo Romeiro *et al.* (2020), o referido método já foi utilizado em nosso meio para validação de instrumentos para o português do Brasil. São exemplos o estudo sobre atributos associados a qualidade de vida de crianças e adolescentes em hemodiálise (ABREU, 2014); qualidade de vida em crianças e adolescentes com dermatite atópica (DEON, 2009); adaptação do módulo genérico dos instrumentos de qualidade de vida em condições crônicas (FEGADOLLI *et al.*, 2010); o de mensuração da qualidade de vida em crianças/adolescentes com fibrose cística (SANTOS *et al.*, 2014b); o de avaliação da transferência do tratamento diretamente observado (TDO) como política de controle da tuberculose (SILVA *et al.*, 2015); de identificação da prática sobre prevenção e manejo das radiodermatites (FUZISSAKI *et al.*, 2016); de avaliação da recuperação cirúrgica retardada em homens prostatectomizados (EDUARDO *et al.*, 2016); do Questionário de Conhecimentos sobre Práticas de Enfermagem Forense, com alunos de enfermagem (FELIPE *et al.*, 2019); da Spiritual Care Competence Scale (GUILHERME *et al.*, 2020); de avaliação psicológica de crianças obesas (FERNANDES *et al.*, 2018); de avaliação da habilidade de cuidado com cuidadores (DAMASCENO; ZAZZETTA; ORLANDI, 2019), de avaliação de relato de estigma de tuberculose (CRISPIM *et al.*, 2016) e o estudo para validar escala para medir a internalização do estigma do peso (TAROZO, 2019). Estudo recente foi realizado com o Módulo Específico Diabetes - escalas *Patient Reported Outcomes* e *Observer Reported Outcomes* - dos Instrumentos DISABKIDS®, de caráter multicentrico, com sete países (CONACCI, 2020), com a coordenação do GPEMSA.

Esta etapa busca investigar problemas e compreensão dos itens existentes no instrumento (DEON *et al.*, 2011) pela população-alvo. Portanto, no presente estudo, uma

amostra foi composta por estudantes dos distintos anos letivos, exceto o primeiro, para realização de tal avaliação.

O INE-R *Survey* (CLARK *et al.*, 2015) é composto por 48 itens sobre comportamentos de incivildade, sendo metade representativo de ações do estudante e a outra metade do professor, isto é, dois blocos de 24 itens, sendo 15 considerados de baixo grau incivildade e nove de alta de incivildade. Esta distribuição foi utilizada no bloco de itens sobre os comportamentos de estudantes como no de professores. Dentre os itens, 16 são idênticos nos dois blocos (por exemplo, item 22 - Fazer ameaças de danos físicos a outras pessoas) e oito são similares (por exemplo, item 15 bloco estudante: Exigir provas substitutivas, extensões de prazos ou outros favores especiais; e item 15 bloco professor: Recusar-se a discutir sobre provas substitutivas, extensões de prazos e alterações de notas).

Todos os participantes do estudo realizaram a análise da impressão geral do INE-R *Survey* (CLARK *et al.*, 2015), por meio do instrumento de Avaliação Geral (ANEXO A).

A análise específica dos itens foi feita pelo instrumento de Avaliação Semântica (ANEXO B). Para tanto, os 48 itens foram distribuídos aleatoriamente em seis subconjuntos de oito itens (A, B, C, D, E e F), dentre os dois níveis de incivildade. Cada subconjunto de itens foi avaliado por um grupo de três estudantes, de distintos níveis. Considerando que o instrumento ainda contém questões, de natureza descritiva, essas constituíram outro subconjunto (G) (ANEXO C) e foram examinadas três estudantes.

Segue-se a distribuição dos itens para avaliação específica:

Subconjunto de itens A: 1, 2, 3, 4, 5, 13, 14 e 17 (comportamentos de estudantes).

Subconjunto de itens B: 6, 7, 8, 9, 10, 19, 20 e 21 (comportamentos de estudantes).

Subconjunto de itens C: 11, 12, 15, 16, 18, 22, 23 e 24 (comportamentos de estudantes).

Subconjunto de itens D: 1, 2, 3, 4, 5, 13, 14 e 17 (comportamentos de professores).

Subconjunto de itens E: 6, 7, 8, 9, 10, 19, 20 e 21 (comportamentos de professores).

Subconjunto de itens F: 11, 12, 15, 16, 18, 22, 23 e 24 (comportamentos de professores).

Subconjunto G - Questões Gerais

Dessa forma, alunos de distintos graus acadêmicos examinaram itens do INE-R *Survey* de cada um dos níveis de incivildade, quer sejam comportamentos de estudantes ou de professores. Ao todo, participaram desta etapa 21 estudantes de enfermagem (TABELA 1), recrutados por meio da técnica Snowball (ALBUQUERQUE, 2009).

A composição dos grupos de estudantes, segundo o curso e ano escolar a que pertence, para análise de cada subconjunto de itens deu-se da seguinte forma (TABELA 1).

**Tabela 1** – Distribuição dos participantes da avaliação semântica do INE-R *Survey* adaptado à cultura brasileira (n=21). Ribeirão Preto, 2020.

Itens avaliados	Curso							Total
	Bacharelado em Enfermagem			Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem				
	Anos letivos			Anos letivos				
	2º	3º	4º	2º	3º	4º	5º	
Subconjunto de itens A	1		1			1		3
Subconjunto de itens B		1		1			1	3
Subconjunto de itens C		1			1		1	3
Subconjunto de itens D	1		1				1	3
Subconjunto de itens E		1		1			1	3
Subconjunto de itens F		1			1		1	3
Subconjunto G -Questões	1		1			1		3

Fonte: Dados da Pesquisa

A coleta de dados transcorreu após a aprovação dos Colegiados pertinentes da Instituição e do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Os participantes desta etapa foram previamente informados dos objetivos desta etapa do estudo e os que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE A).

A versão final, com as considerações acolhidas pelo comitê de avaliação semântica, foi enviada ao autor original.

#### **4.4.3. Terceira Etapa: Análise descritiva e psicométrica da versão adaptada para o Brasil do INE-R Survey**

Esta fase do estudo, realizada no período de junho de 2021 a março de 2022, analisou as respostas dos participantes ao INE-R Survey (Clark *et al.*, 2015) adaptado para estudantes de graduação brasileiros, com a finalidade de identificar as validades do instrumento (PASQUALI, 2009).

A validade de construto foi realizada por Análise Fatorial Confirmatória (BROWN, 2015) e a Fidedignidade pelo teste-reteste para verificação da estabilidade, calculada pelo Coeficiente de correlação intra classe (ICC) e por meio da consistência interna dos itens, segundo coeficiente *alpha de Cronbach* (HAIR *et al.*, 2009).

Complementarmente, foi verificada a potencialidade de as questões finais do instrumento alcançarem seus objetivos, por meio de análise descritiva da responsividade dos participantes às questões.

Segundo a literatura, para realização da análise fatorial computa-se de 5 a 10 respondentes por questões do instrumento (HAIR *et al.*, 2009). Pretendia-se obter a participação de aproximadamente 60% dos matriculados (n=340), o que constituiria em sete respondentes por itens, dentro da faixa recomendada na literatura. Tendo em vista a expectativa de análise fatorial que exige maior número de participantes, adotou-se convidar todos os alunos matriculados em 2020 na Unidade, nos distintos anos letivos, exceto os primeiros anos, dado que o instrumento solicita que o respondente considere experiências dos últimos 12 meses. Em função das alterações do andamento das atividades escolares pela pandemia que impactaram as atividades presenciais no ano de 2020 e 2021, a coleta de dados estendeu-se até os meses iniciais de 2022, mantendo-se os métodos estabelecidos.

Para obtenção dos dados os participantes foram recrutados, fora do horário das atividades acadêmicas programadas, ou seja, nos intervalos entre os períodos de atividades; isto se deu após a aquiescência dos Colegiados pertinentes. O convite e o fornecimento do consentimento informado e dos instrumentos de coleta foram feitos pela pesquisadora.

Cada estudante preencheu o instrumento sóciodemográfico, contendo data de nascimento, gênero, etnia autorreferida, ano escolar e curso. Na sequência, recebeu o INE-R Survey adaptado para responder individualmente.

Com a finalidade de se verificar a reprodutibilidade do instrumento, 60 estudantes foram sorteados; contudo, nem todos compareceram para realizar a nova coleta de dados;



participaram dessa etapa estudantes dos dois anos finais dos cursos da instituição. Esse pós-teste ocorreu em torno de 15 dias após a primeira coleta, período este considerado adequado para esse tipo de estudo (TERWEE *et al.*, 2007).

#### 4.5. Análise dos dados

Os dados das diferentes variáveis foram inseridos, em dupla digitação, em uma planilha eletrônica do aplicativo Excel, constituindo um banco de dados estruturado. Na fase de validação semântica deste estudo, os dados foram exportados para software estatístico *Statistical Package Social Science* (SPSS), versão 2.5 for Windows. sendo estes descritos de forma quantitativa.

Para as variáveis curso, sexo e idade utilizou-se estatística descritiva; para a variável idade, como medida de tendência central, foi estabelecida a média e a mediana, e como medida de dispersão o desvio-padrão.

A equivalência semântica foi analisada por meio do cálculo das porcentagens das respostas apresentadas pelos estudantes para cada componente do instrumento de avaliação geral e também para cada item avaliado do INE-R *Survey*, considerando a sua relevância e dificuldade de compreensão (BEATON *et al.*, 2000). Resultados iguais ou superiores a 80% de aceitação, em cada elemento analisado, foram considerados válidos para esta etapa do estudo. Os demais foram avaliados quanto a possíveis ajustes no instrumento.

A versão adaptada do INE-R *Survey* manteve os 24 itens para alternativas de comportamentos de estudantes e igual número para comportamentos de professores; estão divididos em dois domínios ou fatores, correspondentes a baixa e alta incivilidade, com 15 e nove itens, respectivamente.

A análise das propriedades psicométricas deu-se por meio da verificação da validade de construto, ou seja, da dimensionalidade da escala; para tanto foi utilizada a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), que visa a verificar se há a reprodução, na amostra estudada, daquelas correlações obtidas no estudo original, por meio da modelagem de equações estruturais.

A modelagem de equações estruturais permite especificar como “*variáveis não observáveis (variáveis latentes) podem ser mensuradas através de variáveis observáveis utilizando equações de mensuração*” (MELHADO, 2004, pg. 4).

Os métodos clássicos de estimação dos coeficientes do modelo são: máxima verossimilhança (MV), mínimos quadrados generalizados (GLS) e mínimos quadrados não

ponderados (ULS). Quando não há normalidade moderada, ou seja, pelo menos uma variável não é contínua ou quando as variáveis são contínuas (escala intervalar) e não normais, recomenda-se utilizar o método de mínimos quadrados ponderados generalizados (WLS) ou a função de ajustamento para o método de mínimos quadrados ponderados diagonalmente (DWLS) (MELHADO, 2004; MAROCO, 2010).

O uso da versão robusta do *weighted least squares* (WLSMV ou DWLS no *lavaan*) para variáveis categóricas foi também sugerido por Brown (2015).

Em relação à análise da qualidade do ajuste do modelo a razão qui-quadrado/gl pode ser utilizada. Valores que não excedam a 5 indicam bom ajuste. Devido à sensibilidade do teste qui-quadrado ao tamanho amostral, outros índices de ajuste absoluto, índices de ajuste incremental e índices de parcimônia são tomados como alternativas para a verificação do ajuste global do modelo (BYRNE, 2009; HAIR *et al.*, 2009).

As medidas de ajuste absoluto avaliam apenas o ajuste geral do modelo (estrutural e de mensuração coletivamente). As medidas de ajuste parcimonioso ajustam modelos que envolvam o mínimo de parâmetros possíveis a serem estimados e que explique bem o comportamento da amostra.

As medidas de ajuste incremental comparam o modelo proposto com outro modelo especificado pelo pesquisador enquanto que as medidas de ajuste parcimonioso “acertam” as medidas de ajuste para fornecer uma comparação entre modelos com diferentes números de coeficientes estimados, sendo que o objetivo é determinar a quantidade de ajuste conseguida por cada coeficiente estimado.

Em relação às medidas de ajuste parcimonioso foi utilizada a Raíz do Erro Quadrático Médio de Aproximação (*Root Mean Square Error of Approximation* - RMSEA). O RMSEA é um índice que estima quão bem os parâmetros do modelo reproduzem a covariância populacional (LEÓN, 2011). Se um modelo estimado reproduz exatamente as covariâncias populacionais, então o RMSEA será igual a zero. Valores para RMSEA superiores a 0,10 indicam ajustamento inaceitável, entre 0,05 e 0,10 (incluindo), indicam ajustamento aceitável e menores ou iguais a 0,05 indicam ajustamento muito bom (MAROCO, 2010). Por ser um índice parcimonioso, a inclusão de parâmetros no modelo pode aumentar seu intervalo de confiança e a precisão na estimativa. Desta forma, privilegia modelos mais simples e modelos mais complexos são penalizados por apresentarem ajustes pobres.

Em relação aos índices de ajustes comparativos ou incrementais, foram utilizados o Normed Fit Index (NFI), o Comparative Fit Index (CFI) e o Índice de Tucker-Lewis (TLI)

(TUCKER; LEWIS, 1973) também conhecido como índice de ajuste desbalanceado (Nonnormed Fit Index – NNFI) (BENTLER; BONETT, 1980).

Os índices NFI e CFI medem uma melhora relativa no ajuste do modelo do pesquisador com relação a um modelo padrão, modelo independente em que todas as covariâncias entre as variáveis são iguais a zero. A desvantagem do NFI é que apresenta tendência em subestimar o ajuste em amostras pequenas, o que não ocorre com o CFI. Os valores de NFI e CFI podem estar entre zero a um e, valores acima de 0,90 indicam um ajuste aceitável (LEÓN, 2011; MAROCO, 2010).

O TLI (NNFI) também avalia o efeito da complexidade do modelo, mas, da mesma forma que o RMSEA, pode gerar estimativas menos precisas com a adição de parâmetros (LEÓN, 2011). Sua interpretação é similar ao CFI, contudo dado que o CFI não é normatizado, seu valor pode ocasionalmente ser negativo ou exceder 1 (BENTLER; BONETT, 1980). Valores negativos podem indicar problemas de especificação do modelo e valores acima de 1 podem indicar superajustamento do modelo, isto é, inclusão de parâmetros que não melhoram o ajuste do modelo (HAIR *et al.*, 2009).

Valores de TLI menores de 0,9 indicam rejeição do modelo e valores de TLI entre 0,90 a 0,95 são indicativos de um ajuste aceitável (BENTLER; BONETT, 1980; BROWN, 2015).

As análises desta etapa do estudo foram realizadas através do *software* R (R Core Team, 2021) versão 3.4.2 através do uso da biblioteca LAVAAN, desenvolvida por Rossel (2021). Em todas as análises foi considerado o nível de significância de 5% ( $\alpha = 0,05$ ).

Para analisar a confiabilidade utilizou-se a consistência interna determinada pelo coeficiente alfa ( $\alpha$ ) de *Cronbach* (HAIR *et al.*, 2009) para cada dimensão do instrumento. O valor de  $\alpha$  varia entre zero e um; neste estudo valores iguais ou maiores a 0,70 serão considerados aceitáveis (TERWEE *et al.*, 2007).

A verificação da Fidedignidade (confiabilidade) pelo teste-reteste (reprodutibilidade) ou estabilidade, foi calculado pelo coeficiente intraclassa (ICC) (FLEISS, 1981) à semelhança dos demais estudos que validaram esse instrumento. Para tanto, os dados foram coletados após 15 dias da primeira coleta, período considerado adequado para esse tipo de estudo (TERWEE *et al.*, 2007). Os valores do ICC podem ser assim considerados: menor que 0,5 são pobres; entre 0,5 e 0,75 são moderados; entre 0,75 e 0,9 são bons e maiores que 0,9 são excelentes (AIZAWA, 2015).

#### **4.6. Aspectos éticos**

Os participantes foram convidados, sendo-lhes assegurada total privacidade de suas informações. Após serem esclarecidos sobre o objetivo do estudo, eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), em duas vias, uma do participante outra do pesquisador.

Os dados coletados serviram apenas para pesquisa e foram tomadas todas as providências para que os participantes não sofressem riscos, prejuízos ou desconfortos, contudo, caso algum desconforto ocorresse, em virtude do tempo de participação, foi orientado aos participantes que eles poderiam comunicar à pesquisadora responsável. O benefício deste estudo está na validação do instrumento que identifica comportamentos de incivilidade em sala de aula, que poderá ser utilizado futuramente em outras pesquisas.

Foi garantido sigilo dos dados que servirão apenas para a pesquisa, contanto que, o participante poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum. Os resultados serão publicados em congressos ou revistas, sendo que as informações que foram coletadas permanecerão anônimas.

A pesquisa somente foi iniciada após a aprovação da Comissão de Ensino e do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, ambos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP (Parecer CEP: 3.635.814 e CAAE 18508919.4.0000.5393).

## 5. RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir estão descritos em etapas: adaptação cultural, avaliação semântica e análise das propriedades da versão adaptada do INE-R *Survey* compreendendo a análise descritiva e propriedades psicométricas dos itens e a análise das questões qualitativas do instrumento

### 5.1. Adaptação cultural

No processo de adaptação cultural (BEATON *et al*, 2000) do instrumento INE-R *Survey*<sup>15</sup> (CLARK *et al*. 2015), inicialmente, foram produzidas duas versões em língua portuguesa do Brasil (T1 e T2) sem discrepâncias nas traduções; dois termos foram divergentes: “*education*” para a qual se optou pela tradução “ensino” e “*student*” por “estudante”. Após, foi construída a síntese das traduções (T12). Em seguida, foi realizada a retrotradução da síntese (T12), originando as versões RT1 e RT2 que não apresentaram divergências, exceto nos termos “*profanity*” e “*condescending*”.

Na análise das versões produzidas, o comitê considerou que os termos “profanar” e “condescendente” poderiam ser substituídos por “praguejar” e “humilhante”, respectivamente, representando melhor o significado do instrumento original. Ainda, realizou pequenos ajustes buscando uma versão mais compreensível ao público-alvo, como a substituição de “em relação” por “sobre o conteúdo”; “assunto” por “matéria”; “relacionado ao nível de incivilidade” por “considerando o nível de incivilidade” e “comentários aviltantes” por “comentários humilhantes”.

A avaliação da versão brasileira pela autora do instrumento original, auxiliou na decisão de substituição do termo *condescending por demeaning*; também sugeriu a substituição do termo “cor” por “etnia autorreferida” nos dados sociodemográficos. Por fim, solicitou a complementação de alternativas de respostas em uma das questões finais do instrumento de múltipla escolha; tal inclusão referia-se às estratégias que contribuem para o aumento da civilidade no ensino de enfermagem.

Uma vez feitos tais ajustes, passou-se para a fase seguinte.

### 5.2. Avaliação semântica

Nesta fase participaram 21 estudantes de enfermagem, de ambos os cursos da

Instituição, sendo 52,3% do Curso de Bacharelado em Enfermagem e 47,6 % do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem.

Destes, 23,8% eram do sexo masculino e, portanto, 76,1% feminino. Quanto à etnia 66,6% autorreferiram branca, 14,2% parda, 14,2% preta e 4,7% amarela; nenhuma resposta indígena foi identificada.

A idade variou entre 19,3 e 24,8 anos, sendo tais variações (medidas de tendências) descritas por grupo na Tabela 2.

**Tabela 2-** Estatística descritiva da idade dos estudantes (n=21). Ribeirão Preto, 2020.

<b>Subconjuntos (estudantes por subconjunto n=3)</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
A	21,6	21,2	1,0	20,9	22,8
B	21,6	21,2	1,0	20,9	22,8
C	21,7	21,1	1,9	20,1	23,8
D	24,0	24,0	0,8	23,3	24,8
E	22,1	23,4	2,3	19,4	23,5
F	22,3	22,2	0,4	21,9	22,7
G	20,9	20,6	1,7	19,3	22,7

Fonte: Dados da pesquisa

Na avaliação geral da versão adaptada do INE-R *Survey* (CLARK *et al.*, 2015), a maioria dos participantes considerou-o muito bom (90,4%), sem dificuldade ao usa-lo (95,2%), com itens compreensíveis (100,0%) e muito relevantes (95,2%) (TABELA 3).

**Tabela 3** - Frequência percentual da avaliação geral do INE-R *Survey* adaptado, segundo o método DISABKIDS<sup>®</sup> adaptado (n=21). Ribeirão Preto, 2020.

Questões	Avaliação geral	A	B	C	D	E	F	Questões
		(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
1.O que você achou do nosso instrumento em geral?	Muito bom	100,0	100,0	100,0	66,7	100,0	100,0	66,7
	Bom				33,3			33,3
	Regular / mais ou menos							
2. Os itens são compreensíveis? Se não, quais itens:	Fáceis de entender	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Às vezes, difíceis							
	Não compreensíveis							
3. E sobre as categorias de resposta? Você teve alguma dificuldade em usá-las?	Nenhuma / sem dificuldade	100,0	100,0	66,7	100,0	100,0	100,0	100,0
	Algumas dificuldades			33,3				
	Muitas dificuldades							
4. Os itens são relevantes para a sua condição?	Muito relevante	100,0	100,0	100,	66,7	100,0	100,0	100,0
	Às vezes relevante				33,3			
	Sem / nenhuma relevância							
5. Você gostaria de mudar alguma coisa no instrumento?	Não	33,3	33,3	66,7	100,0	33,3	100,0	66,7
	Sim	66,7	66,7	33,3		66,7		33,3
6. Você gostaria de acrescentar algo no instrumento?	Não	33,3	66,7	66,7	66,7		33,3	66,7
	Sim	66,7	33,3	33,3	33,3	100,0	66,7	33,3
7. Teve alguma questão que você não quis responder?	Não	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Sim							

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda na avaliação geral, ao serem questionados se gostariam de mudar algo no conteúdo do *Survey* adaptado, oito estudantes responderam afirmativamente (Tabela 3), mas apenas sete sugestões foram mencionadas, conforme se segue (Quadro 1).

**Quadro 1** - Sugestões emanadas na avaliação geral do INE-R *Survey* - versão adaptada. Ribeirão Preto, SP - Brasil, 2020.

<b>Itens originais</b>	<b>Reformulação sugerida</b>	<b>Versão final</b>
<i>Layout</i> com ícone esférico para assinalar escore	Substituir por ícone quadrado	Mantido formato original
As quatro categorias de respostas da escala tipo <i>Likert</i> para nível de incivilidade variam de não incivil a altamente incivil	Substituir descrição por categorias numéricas de 0 a 4 incluindo mais uma alternativa	Mantido formato original
As quatro categorias de respostas da escala tipo <i>Likert</i> para ocorrência nos últimos 12 meses do comportamento variam de nunca a frequentemente	Acrescentar alternativa “sempre”	Mantido formato original
Consta “sexo” na identificação do participante	gênero	gênero: homem, mulher, ambos ou nenhum
Item-(estudante) – dormir ou não prestar atenção em sala de aula (fazer o trabalho de outra disciplina, não fazer anotações, etc)	Não deveria ser considerado incivilidade	Mantido, com formato alterado conforme Quadro 2
	Mesmo não aparentando prestar atenção ou fazendo anotações, o estudante pode estar atento	
Conceito de civilidade não definido nas orientações do <i>survey</i> ;	Refazer as questões finais que solicitam avaliação do nível de civilidade na instituição e estratégias para intensificá-la; empregar o termo incivilidade.	Incluída definição de civilidade sugerida pela autora. Mantidas as questões

Fonte: Dados da pesquisa

Ao serem questionados se gostariam de acrescentar algo no instrumento (Tabela 3), 11 estudantes, de distintos grupos, responderam afirmativamente; sugeriram itens ou questões sobre:



- relação incivil aluno-funcionário, professor-funcionário, aluno-usuário do serviço de saúde e professor-usuário do serviço de saúde, considerando serem esses atores envolvidos nos campos de ensino;
- ter presenciado alguma punição frente a um comportamento incivil, quer de estudante ou docente;
- professor que desestimula os alunos no processo de aprendizagem;
- motivo (causa) de o estudante ter certos comportamentos incivis em sala de aula;
- ações tomadas pelo aluno diante de situação de incivilidade;
- apoio recebido de professores e pares para a execução de alguma ação na ocorrência de um ato incivil.

Outra avaliação prevista no modelo adotado diz respeito à **Avaliação Específica dos itens**, quanto à relevância e compreensão.

Dos 48 itens 36 foram considerados ‘relevantes’ por todos avaliadores; sete itens por dois estudantes e quatro itens por um estudante; os demais consideraram esses itens ‘relevante as vezes’; apenas um item foi considerado “não relevante” por um estudante.

Quanto à “compreensão” dos 48 itens, 45 foram considerados “sem dificuldades” por todos avaliadores e três foram considerados “sem dificuldades” por dois estudantes.

Quanto a “relevância” das quatro questões abertas, três foram consideradas relevantes por todos os estudantes e uma foi considerada “relevante às vezes” por um estudante.

Quanto à “compreensão”, todas as questões apresentaram ausência de dificuldade para serem respondidas.

Os estudantes fizeram algumas sugestões de reformulação dos itens; no quadro a seguir constam a forma original analisada, a sugestão do estudante e a versão final da redação do item, após análise pelo comitê de avaliadores (Quadro 2).

**Quadro 2** – Sugestões dos estudantes emanadas na Avaliação Semântica da versão adaptada do INE-R *Survey*. Ribeirão Preto, SP - Brasil, 2020.

<b>Subconjuntos</b>	<b>Itens avaliados</b>	<b>Reformulação Sugerida</b>	<b>Versão final</b>
A Comportamento do estudante	Expressar Desinteresse, Tédio Ou Apatia Sobre	Não Demonstrar Interesse Pelo Assunto Ministrado	Mantida a redação original.

	O Conteúdo Do Curso Ou Assunto		
	Fazer Gestos Rudes Ou Comportamentos Não Verbais Direcionado Para Outras Pessoas (Revirar Os Olhos, Apontar O Dedo, Etc.)	Executar Gestos Indelicados E Inapropriados Para Outras Pessoas	Fazer Gestos Rudes Ou Outros Comportamentos Não Verbais Inapropriados Direcionado Para Outras Pessoas
	Dormir ou não prestar atenção em sala de aula (fazer o trabalho de outras disciplinas, não fazer anotações, etc.)	Dorme ou executa outras tarefas em sala de aula	Dormir ou executar tarefas não relacionadas às atividades em sala de aula
	Recusar-se ou relutar em responder a perguntas diretas	Recusa ou reluta em responder as perguntas diretas	Mantida a redação original.
		Recusar-se em responder as perguntas sobre a disciplinas ou conteúdos	
	Usar um computador, celular ou outros dispositivos de mídia durante uma aula, reunião ou atividade, para fins não relacionados	Utiliza dispositivo eletrônico de maneira inapropriada na atividade proposta	Mantida a redação original.
	Fazer comentários humilhantes ou rudes em relação a outras pessoas	Constrói comentários humilhantes ou pejorativos direcionados a outras pessoas	Mantida a redação original.
	Exigir uma nota de aprovação quando tal nota não foi obtida	Não compactua com métodos de avaliação empregados na disciplina do curso	Mantida a redação original.
C Comportamento do estudante	Criar tensão ao dominar a discussão em classe	Gerar incomodo de colegas e professor ao fazer uso de sua palavra. Dominar a discussão em classe criando tensões	Mantida a redação original.
	Ignorar, deixar de enfrentar ou estimular comportamentos perturbadores de colegas de classe	Estimular ou deixar de enfrentar comportamentos perturbadores de colegas de classe	Mantida a redação original.

D Comportamento do Professor	Fazer gestos rudes ou comportamentos não verbais direcionado à outras pessoas (revirar os olhos, apontar o dedo)	Fazer gestos rudes ou apresentar comportamentos não verbais direcionados a mim ou aos demais	Fazer gestos rudes ou outros comportamentos não verbais inapropriados direcionado para outras pessoas
	Recusar-se ou relutar em responder a perguntas diretas	Recusar-se ou negligenciar em responder perguntas diretas	mantido
	Usar um computador, celular ou outros dispositivos de mídia em reuniões do corpo docente, reuniões de comitês ou outras atividades de trabalho, para fins não relacionados.	Fazer uso de celular e outros eletrônicos de mídia em ambiente de trabalho, não relacionado ao devido momento de ensino	Mantida a redação original.
E Comportamento do Professor	Enviar e-mails inapropriados ou rudes para outras pessoas	Pessoas costumam usar meios informais para fazer ofensas (redes sociais, aplicativos e mensagens)	Enviar e-mails ou mensagens inapropriadas ou rudes para outras pessoas

Fonte: Dados da pesquisa

Quatro itens, dos quais um consta no bloco de comportamentos tanto de estudantes como de professores, foram reformulados diante das sugestões dos respectivos grupos de estudantes.

Por fim, uma alteração sugerida pelos autores do presente estudo diz respeito ao item que não iniciava com verbo, como os demais; na versão original constava “Método de ensino ineficaz ou ineficiente” e na versão final foi alterado para “Empregar método de ensino ineficaz ou ineficiente”.

A versão adaptada cultural e semânticamente para a língua portuguesa do Brasil foi denominada para as próximas etapas INE-R *Survey* – versão brasileira

### 5.3. Análise das propriedades do INE-R *Survey* – versão brasileira

Estão apresentados dados referentes à caracterização sociodemográfica dos participantes, as análises descritivas e as propriedades psicométricas dos itens do instrumento,

bem como as análises descritivas das questões do survey. Os resultados que caracterizariam o perfil de (in)civilidade onde o estudo foi aplicado não foram objeto de interesse, nesse momento.

### 5.3.1. Características dos participantes

Participaram do estudo 264 estudantes, conforme apresentado na tabela 4.

**Tabela 4** - Análise descritiva das características sociodemográficas dos participantes do estudo (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.

<b>Variável</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<i>Gênero</i>		
Mulher	222	84,1
Homem	40	15,2
Ambos	1	0,4
Nenhum	1	0,4
Total	264	100,0
<i>Etnia autorreferida</i>		
Branca	180	68,2
Parda	57	21,6
Preta	22	8,3
Amarela	4	1,5
Indígena	1	0,4
Total	264	100,0
<i>Ano Escolar</i>		
2°	113	42,8
3°	64	24,2
4°	67	25,4
5°	20	7,6
Total	264	100,0
<i>Curso</i>		
Bacharelado em enfermagem	161	61,0
Bacharelado e Licenciatura em enfermagem	103	39,0
Total	264	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

A amostra foi composta em sua maioria por estudantes que autorreferiram mulheres brancas do Curso Bacharelado em Enfermagem e, em maior número, do 2° ano letivo (Tabela

4).

### **5.3.2. Resultados descritivos dos itens sobre comportamentos incivis de estudantes e professores do INE-R *Survey* – versão brasileira**

Para esta etapa do estudo foram convidados a participar, de forma voluntária e fora do horário de atividades formais, os estudantes de graduação em Enfermagem que estiveram na Instituição no período de coleta, exceto os do primeiro ano letivo, pois havia o pré-requisito de que os participantes deveriam ter no mínimo 12 meses de experiência acadêmica.

Cabe destacar que na vigência da pandemia COVID-19 a Universidade adotou sistema híbrido de ensino; as aulas teóricas foram realizadas por meio remoto e as aulas práticas foram presenciais, em pequenos grupos, em sistema de rodízio. Portanto, recrutar alunos para participar deste estudo foi desafiador, pois havia poucos alunos na Unidade.

Ainda, tal dinâmica dificultava o retorno do aluno caso fosse participar da fase de reteste do *survey*, pois nem sempre ele estaria em atividade na Unidade. A permanência na Unidade também era restrita a atividade acadêmica, com fechamento dos espaços de convívio.

Muitos alunos das etapas finais dos cursos tinham atividades predominantemente nos locais de estágios, fora da Unidade. Tais aspectos impactaram o recrutamento e a participação dos estudantes.

Ainda, em razão da questão sanitária, alguns procedimentos complementares se fizeram necessários: - os estudantes foram orientados a usar sua própria caneta, receberam álcool e papéis absorventes para higienização das mãos e de materiais; - foram direcionados para um laboratório aberto, mantendo o distanciamento social; - o número de alunos recrutados por período foi reduzido em atendimento ao fluxo de acesso ao local da coleta; - o TCLE e o instrumento de resposta (*survey*) foram entregues individualmente em envelopes plásticos.

Em que pese tais considerações sobre o período de coleta, não se identificou nenhuma intercorrência durante a aplicação dos instrumentos.

A estatística descritiva do INE-R *survey* - versão adaptada retrata as respostas de 264 estudantes, quer para a identificação do grau de incivilidade dos itens relativos a comportamentos emitidos por estudantes ou quer daqueles relativos aos professores, bem como, para a identificação da frequência de ocorrência desses comportamentos nos últimos 12 meses na instituição em estudo.

Os 24 itens que representam comportamentos do estudante de distintos níveis de incivilidade receberam respostas nas quatro alternativas disponíveis (Não incivil, pouco incivil, moderadamente incivil ou altamente incivil), exceto o item 24 (*Fazer declarações ameaçadoras relacionadas a armas*) que não obteve nenhuma resposta na alternativa altamente incivil; todos os itens que se referiam a comportamentos incivis de docentes apresentaram respostas dos participantes.

Os itens do domínio alta incivilidade da escala original foram considerados pelos participantes do presente estudo com as maiores frequências na alternativa de resposta “altamente incivil”, tanto para comportamentos dos estudantes como dos professores. Exceção deu-se ao item 24, supracitado, que a maioria atribuiu grau moderado quando o item era expresso pelo estudante. Especificamente esse item apresenta o mesmo conteúdo e grau de incivilidade tanto para professores como para alunos, segundo os autores do instrumento; contudo, quando se referiram a esse mesmo comportamento expresso pelo professor, 83,3% dos respondentes do presente estudo o consideraram altamente incivil.

O comportamento do estudante correspondente ao item 20 (*Fazer comentários discriminatórios raciais, étnicos ou de gênero direcionados à outras pessoas*) foi o que recebeu o maior número de respostas na alternativa “altamente incivil” (82,6%). Dentre os comportamentos de professor, a maior frequência nessa alternativa (83,7%) retratou o item 22 (*Fazer ameaças de danos físicos a outras pessoas implícitas ou reais*).

Outros itens foram predominantemente considerados pelos participantes na categoria “altamente incivil”, ainda que no instrumento original pertencessem ao domínio baixa incivilidade; são eles: item 2- *Fazer gestos rudes ou outros comportamentos não verbais inapropriados direcionados para outras pessoas*, item 10- *Mostrar-se distante e frio em relação aos outros (inacessível, rejeitando as opiniões dos professores ou as de outros alunos)*, item 11- *Criar tensão ao dominar a discussão em classe*, item 12- *Manter conversas paralelas que distraem você ou outras pessoas e item 16- Ignorar, deixar de enfrentar ou estimular comportamentos perturbadores de colegas de classe*, ao se referirem ao estudante.

Quando se referiram aos comportamentos do professor os participantes consideraram predominantemente como “altamente incivil” os que se seguem: o item 1 *Expressar desinteresse, tédio ou apatia sobre o conteúdo do curso ou assunto*; item 2 *Fazer gestos rudes ou outros comportamentos não verbais inapropriados direcionados para outras pessoas*; item 3 *Usar método de ensino ineficaz ou ineficiente (com desvios em relação ao programa do curso, alteração das tarefas estabelecidas ou das datas de provas)*; item 4 *Recusar ou*

*relutar em responder perguntas diretas; item 8 Estar despreparado para as aulas ou atividades programadas; item 9 Cancelar aulas ou outras atividades agendadas sem aviso prévio; item 10 Mostrar-se distante e frio em relação aos outros (inacessível, rejeitando as opiniões dos alunos; item 11 Punir toda a turma pelo mal comportamento de um aluno; item 12 Permitir conversas paralelas de alunos que perturbam as aulas; item 15 Recusar-se a discutir sobre provas substitutivas, extensões de prazos e alterações de notas e item 18 Estar indisponível fora da sala de aula (não retornar chamadas ou e-mails, não cumprir o horário de trabalho).*

Em relação ainda aos comportamentos de professor, foram considerados prioritariamente pelos participantes “moderadamente incivil”. apenas os itens 5, 6, 7 e 11 (respectivamente: Usar computador, celular ou outros dispositivos de mídia durante uma aula, reunião ou atividade, para fins não relacionados; Chegar atrasado para a aula ou outras atividades programadas, Sair cedo da aula ou de outras atividades programadas e Permitir conversas paralelas de alunos que perturbam as aulas) Todos os demais foram considerados predominantemente como sendo de alta incivilidade.

De 12% a 15% dos participantes consideraram como nada ou pouco incivis os nove comportamentos do domínio altamente incivil do instrumento original.

O quadro a seguir descreve a variação das percentagens dos distintos níveis de incivilidade atribuídos pelos participantes, considerando todos os itens da escala.

**Quadro 3** - Variação dos escores das respostas dos participantes sobre nível de incivilidade de comportamentos de estudantes e de professores do INE-R *Survey* – versão brasileira, Ribeirão Preto, 2021/2022.

<b>Comportamentos incivis</b>	<b>Não incivil</b>	<b>Pouco incivil</b>	<b>Moderadamente incivil</b>	<b>Altamente incivil</b>
Comportamentos de estudantes	Nenhum item recebeu maior porcentagem de respostas neste escore. As respostas aos itens nesta categoria variaram de 4,9 a 27,3%.	Cinco itens receberam maior porcentagem de respostas neste escore. As respostas aos itens nesta categoria variaram de 1,1 % a 42,4%.	Sete itens receberam maior porcentagem de respostas neste escore. Sendo um de alta incivilidade. As respostas aos itens nesta categoria variaram de 2,7 a 82,2%.	13 itens receberam maior porcentagem de respostas neste escore sendo 8 dos de alta incivilidade. As respostas aos itens nesta categoria variaram de 0 % ate 82,6%.

Comportamentos de professor	Nenhum item recebeu maior porcentagem de respostas neste escore. As respostas aos itens nesta categoria variaram de 3,8 a 15,2%.	Nenhum item recebeu maior porcentagem de respostas neste escore. As respostas aos itens nesta categoria variaram de 0,4 a 29,2%.	Três itens receberam maiores porcentagem de respostas neste item sendo que um deles recebeu igualmente o escore altamente incivil. As respostas aos itens nesta categoria variaram 1,1 a 45,8.	19 itens receberam maior porcentagem respostas neste escore. Um item recebeu igualmente escore deste nível e do imediatamente inferior. As respostas aos itens nesta categoria variaram de 18,2 a 83,7.
-----------------------------	--	--	--	---

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme quadro 3, a distribuição do nível de incivilidade dos comportamentos de professores apresenta escores maiores do que os de estudantes, nos distintos níveis, de forma geral, no presente estudo.

Tal aspecto pode ser também observado pela ocorrência de efeito teto-chão (frequência maior do que 15% das respostas). O Efeito Chão foi observado nos itens 4, 15, 17, 18, 19, 22, 23 e 24 para comportamentos de estudantes e no item 22 para os comportamentos de professores. Já o Efeito Teto foi observado nos itens 1, 2, 3, 5, do 9 ao 14 e do 16 ao 23 relativos aos comportamentos dos estudantes e para todos os itens dos comportamentos de professores.

A média e mediana do nível de incivilidade estão apresentadas segundo o agente dos comportamentos (estudantes ou professores) respeitando-se a distribuição original do instrumento quanto ao nível de incivilidade: 15 itens do domínio baixa incivilidade e 9 itens do domínio alta incivilidade (Tabela 6).

Dentre os comportamentos emitidos por estudantes, o item que obteve menor média foi o item 4 (*Recusar ou relutar em responder perguntas diretas*), com média 2,212 do domínio de baixa civilidade e a maior foi 3,435 para o item 14 (*Fazer comentários humilhantes ou rudes em relação a outras pessoas*) do domínio de alta civilidade. Já, dentre os comportamentos emitidos por professores, o item que obteve menor média foi o item 7 (*Sair cedo da aula ou de outras atividades programadas*), com média 2,602 do domínio de baixa civilidade e a maior foi 3,727 para o item 17 (*Exercer superioridade, abusar de sua posição ou classificar-se acima de outros – ameaçar arbitrariamente a reprovação dos alunos*) do domínio de alta civilidade.



**Tabela 5** - Estatística descritiva (médias e medianas) dos níveis de incivilidade dos comportamentos de estudantes e de professores, por domínio (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.

<b>Incivilidade</b>		<b>Média</b>	<b>Mediana</b> (min= 1; máx=4)
Itens relacionados a estudantes	Domínio Baixa incivilidade	2,76	3
	Domínio Alta incivilidade	3,39	4
	Todos itens	3,00	3
Itens relacionados a Professor	Domínio Baixa incivilidade	3,22	3
	Domínio Alta incivilidade	3,58	4
	Todos itens	3,35	4

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que as médias dos escores dos níveis de incivilidade dos itens atribuídos aos estudantes, para os dois domínios, são aparentemente menores que aquelas atribuídas aos docentes.

O INE-R *survey*- versão brasileira também solicitava aos estudantes que apontassem a frequência dos comportamentos incivis na instituição, nos últimos 12 meses.

Quanto a frequência de ocorrência dos comportamentos incivis de estudantes todos os 24 itens apresentaram alguma frequência de resposta. Já para os professores, os itens 19 *Enviar e-mails ou mensagens inapropriadas ou rudes para outras pessoas*, item 22 *Fazer ameaças de danos físicos a outras pessoas (implícitas ou reais)*, item 23 *Causar danos materiais* e item 24 *Fazer declarações ameaçadoras relacionadas a armas* não tiveram respostas na alternativa “frequentemente”. Os demais apresentaram alguma frequência de resposta.

O comportamento mais frequente, relacionado aos estudantes, foi Expressar desinteresse, tédio ou apatia sobre o conteúdo do curso ou assunto (33,7%); em relação ao professor foi Usar método de ensino ineficaz ou ineficiente (com desvios em relação ao programa do curso, alteração das tarefas estabelecidas ou das datas de provas) (27,7%).

Nesse aspecto, apenas um item referente aos estudantes, ou seja, o item 5- Usar computador, celular ou outros dispositivos eletrônicos durante uma aula, reunião ou atividade, para fins não relacionados foi citado predominantemente como “muito frequente”.

Todos os itens referidos no domínio altamente incivil tiveram predominantemente respostas na categoria “baixa frequência”, sendo dois deles na alternativa “raramente” (itens 13-*Colar em exames ou testes* e 14-*Fazer comentários rudes em relação a outras pessoas*) e os demais na alternativa nunca.

Em relação ao professor, quanto aos comportamentos do domínio altamente incivil, um deles foi citado predominantemente como “às vezes observado” (item 17- *Exercer superioridade*), dois itens foram mencionados como raramente observados (itens 13-*Dar notas injustas* e 14-*Fazer comentários rudes...*) e os demais como nunca observados.

Em relação à frequência de comportamentos incivis, a média é aparentemente menor para os docentes em relação aos alunos; ainda, os comportamentos denominados de alta incivilidade são menos frequentes.

As porcentagens de respostas sobre frequência dos comportamentos incivis referidos nos itens do INE-R survey - versão brasileira, ocorridos na instituição no último ano, variaram de 2,3% a 98,9% para a categoria “nunca” (maior citação para o item 24 já referido, tanto para estudante como para professor); a frequência “raramente ocorrem” variou de 0,8% a 55,3% (maior frequência para o item referente ao professor Chegar atrasado para a aula ou outras atividades programadas); já a frequência “às vezes” variou de 0,8% a 47,0% (a maior citação referiu ao item relativo ao aluno-*Estar despreparado para as aulas ou atividades programadas*); já para a alternativa “frequentemente”, as porcentagens variaram de 0 a 54,5% (maior citação referiu-se ao item do professor *Usar computador, celular ou outros dispositivos de mídia durante uma aula, reunião ou atividade, para fins não relacionados*).

Em relação aos Efeitos Chão-Teto, foram observados o Efeito Chão nos itens 2,4 e do item 9 ao 24 para comportamentos de estudantes; e nos itens 1,2, do 4 ao 9 e do 11 ao 24 para os comportamentos de professores. Já o Efeito Teto foi observado nos itens 5,6, 8 e 13 relativos aos comportamentos de estudantes e para os itens 1 e 10 dos comportamentos de professores.

A média e mediana de frequência de comportamentos de incivilidade emitidos por estudantes e professores nos últimos 12 meses, constam na tabela 7.

**Tabela 6** - Estatística descritiva (médias e medianas) das frequências de ocorrências de comportamentos de estudantes e de professores, por domínio de incivildade (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.

<b>Incivildade</b>		<b>Média</b>	<b>Mediana</b> <b>(min= 1; máx=4)</b>
Itens relacionados a estudantes	Domínio Baixa incivildade	2,43	2
	Domínio Alta incivildade	1,54	1
	Todos itens	2,10	2
Itens relacionados a Professor	Domínio Baixa incivildade	2,04	2
	Domínio Alta incivildade	1,46	1
	Todos itens	1,82	2

Fonte: Dados da pesquisa

Tanto para professores como estudantes, os comportamentos mais frequentes pertencem ao domínio baixa incivildade; de forma geral, a ocorrência dos comportamentos incivis na instituição foi considerada pouco frequente.

### **5.3.3. Análise das propriedades psicométricas do INE-R Survey – versão brasileira**

Estão apresentados a seguir os dados referentes a fidedignidade da escala com a composição dos itens originais (avaliada pela consistência interna e reprodutibilidade, usando o teste e reteste) e a validade de construto (por meio da análise fatorial confirmatória).

#### **5.3.3.1. Fidelidade do INE-R Survey – versão brasileira**

A fidedignidade do INE-R Survey – versão brasileira foi avaliada pela consistência interna e reprodutibilidade.

A consistência interna, avaliada pelo Coeficiente Alfa de Cronbach e verificada a partir da composição original do instrumento, esta apresentada na tabela 8.

**Tabela 7** - Consistência interna das dimensões do INE-R *Survey* - versão brasileira, segundo os itens referentes aos comportamentos de estudantes e professores (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.

<b>Comportamentos</b>	<b>Dimensões de incivildade</b>	<b>Itens</b>	<b>Valor de Alfa (IC 95%)</b>
Estudante	Alta	13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24	0,97 (0,96; 0,97)
	Baixa	1 a 12, 15, 16, 18	0,85 (0,82; 0,87)
	Total	1 ao 24	0,94 (0,93; 0,95)
Professor	Alta	13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24	0,98 (0,97; 0,98)
	Baixa	1 a 12, 15, 16, 18	0,95 (0,947; 0,96)
	Total	1 ao 24	0,97 (0,97; 0,98)

Fonte: Dados da pesquisa

A consistência interna pode ser considerada altamente satisfatória tanto para os itens que avaliam o comportamento dos estudantes como para os do professor, para ambos os domínios de incivildade, evidenciando adequada fidedignidade na amostra estudada.

### 5.3.3.2. Reprodutibilidade do INE-R *Survey* – versão brasileira

A avaliação da reprodutibilidade do instrumento foi realizada por 29 estudantes, após um período de aproximadamente 15 dias da resposta inicial. Destes, 23 se autodeclararam do sexo feminino, 5 do sexo masculino e 1 de ambos os sexos; quanto a etnia, 19 refeririam ser de cor branca, 7 parda, 2 preta e 1 amarela; a idade média desse conjunto de alunos foi de 23,6 anos (DP=2,84). Quanto ao período letivo, 10 eram do terceiro, 18 do quarto e um do quinto ano, sendo que 17 estudantes pertenciam ao Curso Bacharelado em enfermagem e 12 ao Curso Bacharelado e Licenciatura em enfermagem.

A estabilidade foi calculada pelo coeficiente de correlação intraclassa (ICC=0,53; IC -0,02; 0,78) com  $p$ valor=0.025, ou seja, concordância moderada. Frente ao valor obtido, optou-se por analisar a concordância para cada um dos itens que retratavam o nível de incivildade de estudantes e docentes, bem como, a frequência de ocorrência desses comportamentos, constam a seguir.

**Tabela 8** - Análise da concordância das respostas de estudantes nas fases de teste e reteste (ICC) para o nível de incivilidade e a frequência de ocorrência de comportamentos de estudantes e professores (n=29). Ribeirão Preto, 2021/2022.

Variáveis	ICC	F	p valor	Intervalo		ICC	F	p valor	Intervalo	
				Mínimo	Máximo				Mínimo	Máximo
<b>Estudantes</b>										
Item 1	0,5292	2,1240	0,0254	-0,0028	0,7790	0,5721	2,3371	0,0141	0,0887	0,7991
Item 2	0,6089	2,5566	0,0078	0,1669	0,8164	0,6086	2,5548	0,0078	0,1663	0,8162
Item 3	0,5824	2,3945	0,0121	0,1105	0,8039	0,3189	1,4682	0,1577	-0,4508	0,6802
Item 4	0,2574	1,3467	0,2180	-0,5816	0,6514	0,4487	1,8139	0,0605	-0,1743	0,7412
Item 5	0,6491	2,8500	0,0036	0,2527	0,8353	0,4667	1,8750	0,0510	-0,1360	0,7496
Item 6	0,6918	3,2446	0,0013	0,3435	0,8553	0,4932	1,9731	0,0387	-0,0795	0,7621
Item 7	0,5268	2,1131	0,0262	-0,0080	0,7778	0,7127	3,4803	0,0008	0,3880	0,8651
Item 8	0,4623	1,8599	0,0532	-0,1452	0,7476	0,5153	2,0631	0,0301	-0,0324	0,7724
Item 9	0,3437	1,5238	0,1356	-0,3978	0,6919	0,5684	2,3168	0,0149	0,0806	0,7973
Item 10	0,6367	2,7527	0,0046	0,2262	0,8294	0,2857	1,4000	0,1894	-0,5214	0,6646
Item 11	0,6938	3,2663	0,0013	0,3479	0,8563	0,3681	1,5824	0,1154	-0,3460	0,7033
Item 12	0,8066	5,1714	0,0000	0,5881	0,9092	0,6479	2,8400	0,0037	0,2500	0,8347
Item 13	0,7175	3,5394	0,0007	0,3982	0,8674	0,6596	2,9376	0,0029	0,2750	0,8402
Item 14	0,7638	4,2335	0,0001	0,4969	0,8891	0,6087	2,5556	0,0078	0,1666	0,8163
										Continua

<b>Variáveis</b>	<b>ICC</b>	<b>F</b>	<b>p valor</b>	<b>Intervalo</b>	<b>Intervalo</b>	<b>ICC</b>	<b>F</b>	<b>p valor</b>	<b>Intervalo</b>	<b>Intervalo</b>
				<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>				<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Continuação										
Item 15	0,6653	2,9881	0,0025	0,2872	0,8429	0,6240	2,6595	0,0059	0,1991	0,8235
Item 16	0,7324	3,7366	0,0004	0,4300	0,8744	0,3815	1,6168	0,1049	-0,3174	0,7096
Item 17	0,7669	4,2901	0,0001	0,5035	0,8906	0,6119	2,5765	0,0074	0,1733	0,8178
Item 18	0,7971	4,9280	0,0000	0,5678	0,9047	0,0581	1,0616	0,4377	-1,0063	0,5578
Item 19	0,7579	4,1306	0,0002	0,4844	0,8863	0,2364	1,3095	0,2401	-0,6265	0,6415
Item 20	0,7431	3,8929	0,0003	0,4529	0,8794	0,5268	2,1131	0,0262	-0,0080	0,7778
Item 21	0,6811	3,1361	0,0017	0,3208	0,8503	0,4856	1,9439	0,0420	-0,0957	0,7585
Item 22	0,7431	3,8929	0,0003	0,4529	0,8794	0,1600	1,1905	0,3239	-0,7891	0,6056
Item 23	0,7330	3,7452	0,0004	0,4313	0,8746	0,6303	2,7045	0,0053	0,2125	0,8264
Item 24	0,7431	3,8929	0,0003	0,4529	0,8794	0,0001	1,0001	0,4999	-1,1297	0,5306
<b>Professor</b>										
Item 1	0,7549	4,0808	0,0002	0,4781	0,8849	0,5957	2,4734	0,0097	0,1389	0,8102
Item 2	0,6662	2,9958	0,0025	0,2890	0,8433	0,4642	1,8665	0,0522	-0,1412	0,7485
Item 3	0,3700	1,5873	0,1139	-0,3419	0,7042	0,4502	1,8188	0,0597	-0,1711	0,7419
Item 4	0,7469	3,9508	0,0003	0,4609	0,8812	0,4970	1,9879	0,0372	-0,0715	0,7638
										Continua

<b>Variáveis</b>	<b>ICC</b>	<b>F</b>	<b>p valor</b>	<b>Intervalo</b>	<b>Intervalo</b>	<b>ICC</b>	<b>F</b>	<b>p valor</b>	<b>Intervalo</b>	<b>Intervalo</b>
				<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>				<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Continuação										
Item 5	0,7435	3,8984	0,0003	0,4536	0,8796	0,4815	1,9286	0,0439	-0,1044	0,7566
Item 6	0,6945	3,2738	0,0012	0,3494	0,8566	0,7638	4,2333	0,0001	0,4969	0,8891
Item 7	0,7011	3,3455	0,0010	0,3633	0,8597	0,4203	1,7249	0,0777	-0,2348	0,7278
Item 8	0,7317	3,7277	0,0004	0,4286	0,8741	0,6712	3,0414	0,0022	0,2997	0,8456
Item 9	0,5229	2,0961	0,0275	-0,0161	0,7760	0,6880	3,2056	0,0015	0,3356	0,8535
Item 10	0,6135	2,5870	0,0072	0,1767	0,8185	0,1340	1,1548	0,3530	-0,8445	0,5934
Item 11	0,6171	2,6116	0,0067	0,1844	0,8202	0,6035	2,5218	0,0085	0,1554	0,8138
Item 12	0,7563	4,1031	0,0002	0,4809	0,8856	0,5069	2,0278	0,0332	-0,0503	0,7685
Item 13	0,6356	2,7446	0,0047	0,2240	0,8289	0,6807	3,1319	0,0018	0,3199	0,8501
Item 14	0,8470	6,5353	0,0000	0,6741	0,9282	0,4768	1,9112	0,0461	-0,1144	0,7543
Item 15	0,8056	5,1453	0,0000	0,5860	0,9088	0,2731	1,3757	0,2020	-0,5483	0,6587
Item 16	0,7023	3,3595	0,0010	0,3660	0,8602	0,2000	1,2500	0,2794	-0,7039	0,6244
Item 17	0,2741	1,3776	0,2010	-0,5462	0,6592	0,4995	1,9979	0,0361	-0,0661	0,7650
Item 18	0,3952	1,6536	0,0948	-0,2881	0,7161	0,2524	1,3377	0,2232	-0,5923	0,6490
Item 19	0,7979	4,9486	0,0000	0,5696	0,9051	0,6471	2,8333	0,0038	0,2483	0,8343
Item 20	0,6811	3,1359	0,0017	0,3208	0,8503	0,7455	3,9285	0,0003	0,4578	0,8805
										Continua

<b>Variáveis</b>	<b>ICC</b>	<b>F</b>	<b>p valor</b>	<b>Intervalo</b>	<b>Intervalo</b>	<b>ICC</b>	<b>F</b>	<b>p valor</b>	<b>Intervalo</b>	<b>Intervalo</b>
				<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>				<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Conclusão										
Item 21	0,5828	2,3971	0,0120	0,1114	0,8041	0,6599	2,9405	0,0029	0,2757	0,8403
Item 22	0,6565	2,9112	0,0031	0,2684	0,8387	0,0001	1,0001	0,4999	-1,1297	0,5306
Item 23	0,6806	3,1313	0,0018	0,3198	0,8501	NA	NA	NA	NA	NA
Item 24	0,6923	3,2500	0,0013	0,3446	0,8555	NA	NA	NA	NA	NA

Fonte: Dados da pesquisa



Considerando os comportamentos do estudante, alguns itens, quer para grau de incivildade ou para a frequência referida nos dois momentos, não deram significância, evidenciando que não apresentaram estabilidade entre os dois momentos. Os itens, exceto 4,8 e 9 para grau de incivildade apresentaram estabilidade. Quanto a frequência de ocorrência, os comportamentos referidos nos itens 3, 4, 5, 10, 11, 16, 22 e 24 sofreram alteração entre as fases.

Em relação aos comportamentos do professor, os itens 3, 17 e 18 para grau de incivildade não apresentaram estabilidade entre os dois momentos. Também ao se analisar a frequência de ocorrência de comportamentos nos últimos 12 meses, não foram similares as respostas aos itens 2, 3, 7, 10, 15, 16, 18 e 22. Todas as respostas aos itens 23 e 24, de todos os alunos, nos dois momentos foi a mesma, com concordância total.

### 5.3.3.3.- Análise fatorial confirmatória do INE-R Survey - versão brasileira

Buscou-se inicialmente verificar, na população estudada, a partir da estrutura empírica observada neste conjunto de itens, se havia evidências significativas da mensuração do construto teórico de interesse por meio da análise fatorial confirmatória. (HAIR *et al.*, 2009). As medidas de ajuste do modelo à população estudada foram o RMSEA, CFI, TLI e NFI estão apresentadas na tabela a seguir.

**Tabela 9** - Medidas de ajustes do modelo testado para os itens sobre comportamentos relacionados a estudantes e a professores (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022.

Comportamentos	$\chi^2$	GL	$\chi^2/GL$	pvalor	CFI	TLI	NFI	RMSEA
Estudantes	868,808	251.	3,461	0,000	1,000	1,000	1,000	0.091
Professores	491,440	251	1,957	0,00	1,000	1,000	1,000	0.044

**Legenda:** Qui quadrado ( $\chi^2$ ); Graus de liberdade (GL); Índice de Ajuste Comparativo (CFI); Índice de Tucker-Lewis ou Índice de ajuste não normalizado (TLI); Índice de ajuste Normalizado (NFI) Raíz do Erro Quadrático Médio de Aproximação (RMSEA).

Tais resultados reforçam que as medidas de ajuste ao modelo esperadas para CFI, TLI, NFI são aceitáveis (> 0,90) segundo Hair (2009), assim como a razão  $\chi^2/GL$  (< ou = a 5) segundo Büyüköztürk *et al.* (2004) e Byrne (2009). Já em relação aos valores para RMSEA é aceitável (<0,08) apenas para o correspondente aos comportamentos de

professores segundo Hair (2005) considerando-se o modelo original de distribuição dos itens. Para os itens relativos a estudantes, o RMSEA não foi considerado satisfatório segundo Hair (2009) ou Maroco (2010); ou seja, os valores elevados ( $>0,08$ ) não permitem aceitar a hipótese de que não há discrepâncias entre as médias das correlações da amostra e a do modelo, ou seja, de que os resíduos devem ser próximos de zero.

Por outro lado, os valores obtidos maiores de 0,90 para CFI, TLI e NFI rejeitam a hipótese de que não existe correlação entre itens e domínios.

As cargas fatoriais de cada item, segundo o domínio nível de incivilidade, para os comportamentos de Estudantes podem ser verificadas na tabela a seguir.

**Tabela 10** - Resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) dos itens relativos a comportamentos de Estudantes (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022

<b>Dominio</b>	<b>Item</b>	<b>Cargas fatoriais</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>z</b>	<b>pvalor</b>
Alta incivilidade	Item13	0,734	0,039	18.916	0,000
	Item 14	0,946	0,016	57.785	0,000
	Item17	0,855	0,023	37.411	0,000
	Item 19	0,988	0,004	236.035	0,000
	Item 20	0,999	0,001	1431.998	0,000
	Item 21	0,958	0,011	85.421	0,000
	Item 22	0,999	0,001	941.880	0,000
	Item 23	0,999	0,001	1210.095	0,000
Baixa incivilidade	Item 24	0,999	0,001	740.119	0,000
	Item 1	<b>0,149</b>	0,070	2.119	0,034
	Item 2	0,802	0,032	24.995	0,000
	Item 3	0,350	0,060	5.861	0,000
	Item 4	0,304	0,066	4.618	0,000
	Item 5	<b>0,290</b>	0,062	4.653	0,000
	Item 6	0,641	0,043	15.021	0,000
					Continua

<b>Dominio</b>	<b>Item</b>	<b>Cargas fatoriais</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>z</b>	<b>pvalor</b>
	Continuação				
	Item 7	0,538	0,048	11.188	0,000
	Item 8	0,396	0,060	6.643	0,000
	Item 9	0,577	0,050	11.587	0,000
	Item 10	0,825	0,028	29.948	0,000
	Item 11	0,825	0,030	27.392	0,000
	Item 12	0,758	0,034	22.184	0,000
	Item 15	<b>0,299</b>	0,062	4.801	0,000
	Item 16	0,776	0,036	21.609	0,000
	Item 18	0,613	0,041	14.809	0,000

Todos os itens do domínio altas incivildades para os comportamentos de estudantes apresentaram cargas fatoriais elevadas, variando de 0,734 a 0,999. Para o domínio de baixa incivilidade, os itens 1, 5 e 15 apresentaram carga fatorial  $< 0,300$ . Três outros itens (3, 4 e 8) apresentaram cargas variando de 0,304 a 0,396; os demais apresentaram valores variando de 0,613 a 0,825.

As cargas fatoriais de cada item relativo aos comportamentos de Professores podem ser verificadas na tabela a seguir, sendo a menor 0,596 (item 18) do dominio Baixa incivilidade e as maiores (20, 22, 23 e 24) do domínio alta incivilidade.

**Tabela 11** - Resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) dos itens relativos a comportamentos de Professores (n=264). Ribeirão Preto, 2021/2022

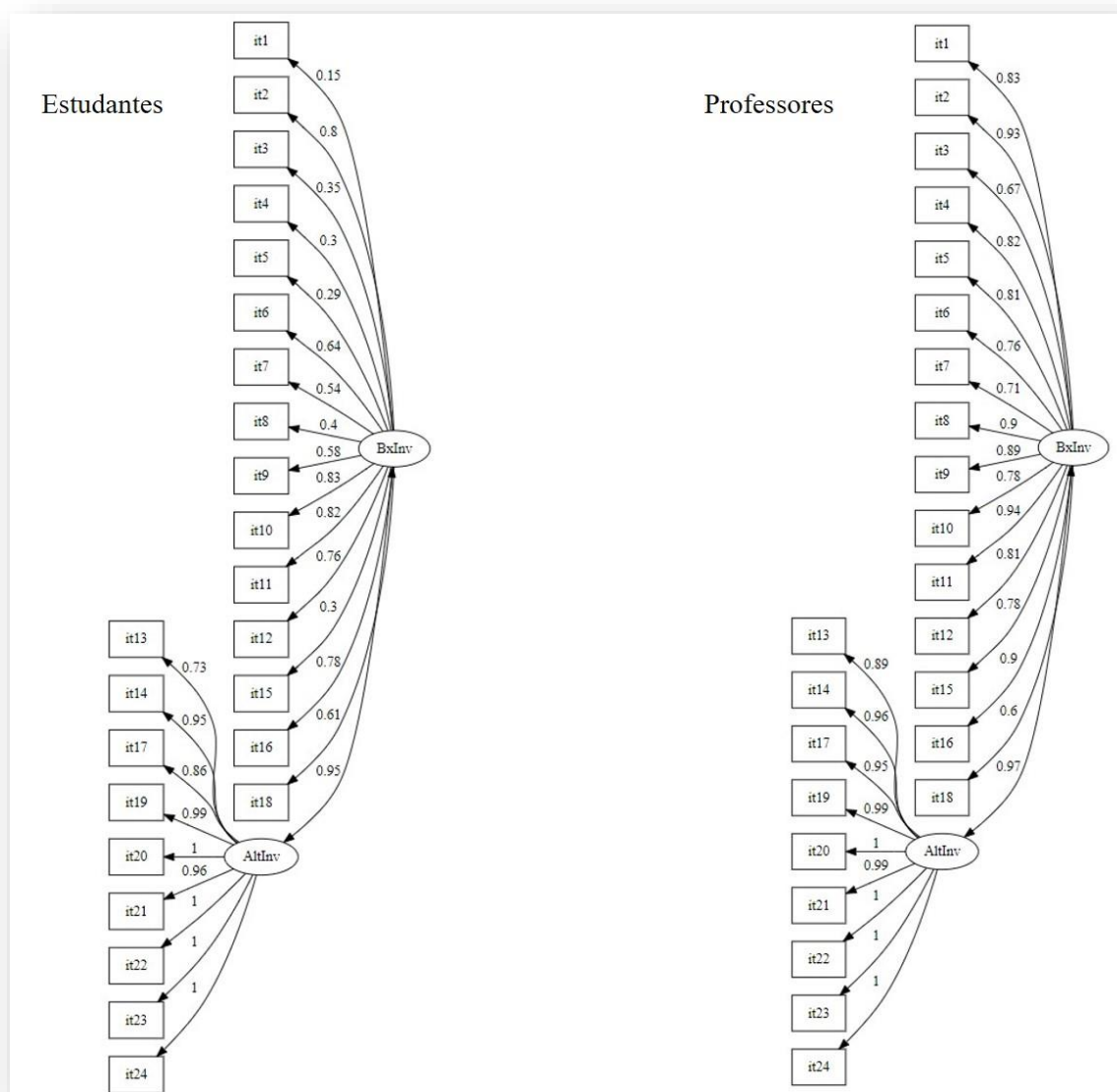
<b>Domínio</b>	<b>Item</b>	<b>Cargas fatoriais</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>z</b>	<b>pvalor</b>
	Item13	0,888	0,026	33.940	0,000
Alta	Item 14	0,963	0,013	73.082	0,000
incivilidade	Item17	0,948	0,016	59.428	0,000
					Continua

<b>Domínio</b>	<b>Item</b>	<b>Cargas fatoriais</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>z</b>	<b>pvalor</b>
	Conclusão				
	Item 19	0,990	0,004	241.701	0,000
	Item 20	0,997	0,002	606.938	0,000
	Item 21	0,993	0,003	313.800	0,000
	Item 22	1,002	0,001	1203.589	0,000
	Item 23	0,998	0,001	729.320	0,000
	Item 24	0,998	0,001	739.529	0,000
	Item 1	0,827	0,026	31.722	0,000
	Item 2	0,930	0,020	47.166	0,000
	Item 3	0,674	0,043	15.696	0,000
	Item 4	0,816	0,029	28.355	0,000
	Item 5	0,807	0,024	33.571	0,000
	Item 6	0,762	0,028	26.902	0,000
	Item 7	0,709	0,036	19.748	0,000
Baixa	Item 8	0,899	0,018	51.310	0,000
incivilidade	Item 9	0,891	0,020	44.766	0,000
	Item 10	0,779	0,033	23.809	0,000
	Item 11	0,937	0,017	54.505	0,000
	Item 12	0,814	0,026	31.101	0,000
	Item 15	0,782	0,034	23.185	0,000
	Item 16	0,900	0,020	45.231	0,000
	Item 18	0,596	0,050	12.002	0,000

As representações dos Domínios de Baixa e Alta incivilidade e seus itens, considerando-se o modelo original, quanto aos comportamentos de estudantes e de

professores, com respectivas cargas da Análise Fatorial Confirmatória do INE-R-versão brasileira estão apresentadas na Figura 1, a seguir:

**Figura 1** - Diagramas de caminhos dos Domínios de Baixa e Alta incivildade do INE-R *survey*-versão brasileira, considerando-se a estrutura fatorial original. Ribeirão Preto, 2021/2022.



Além da análise de fidedignidade e validade dos itens, as questões finais do instrumento foram avaliadas.

#### **5.4. Análise descritiva das questões sobre civilidade e incivilidade do INE-R Survey - versão brasileira**

O *Survey* apresenta, além dos 48 itens já descrito, questões fechadas e abertas que avaliam a percepção do participante acerca do tema, cujas respostas foram analisadas de forma descritiva para verificação do potencial alcance do objetivo de cada uma delas.

Todos participantes (n=264) avaliaram a questão que indaga se incivilidade representava um problema no curso que frequentam. As quatro alternativas possíveis (desde não ser problema até um problema sério) foram assinaladas, sendo possível apontar o grau em que a incivilidade é um problema na instituição. As respostas variaram de 11,7% (não é problema) a 34,8% (problema moderado).

Os participantes avaliaram a questão sobre a probabilidade (muito maior ou um pouco maior) de o professor ou o aluno ou ambos de se envolverem em comportamentos não civis. As cinco respostas possíveis apresentaram escores que variaram de 7,2% a 37,9%. Não houve efeito chão-teto nas respostas nessa questão. A maior frequência de resposta dos estudantes aponta serem eles mesmos os participantes com maior probabilidade de se envolverem em comportamentos incivis.

Quanto a questão que busca avaliar como o estudante classifica o nível de civilidade presente nas instituições, em uma escala de 0 a 100, os 264 estudantes apontaram nível que variou de 8 (mínimo) até 100 (máximo escore possível), com média igual a 70,95 e desvio padrão (dp) igual a 17,734.

A questão que solicitava aos estudantes que mencionassem três estratégias, dentre as dez referidas, para melhorar o nível de civilidade recebeu respostas para todas as alternativas possíveis; a considerada mais importante foi Aumentar a conscientização e proporcionar educação em civilidade com frequência variando de 8% a 32,6%. A mais mencionada em segunda posição foi Oferecer treinamento para comunicação eficaz e negociação de conflitos (36,4%) e a terceira estratégia em grau de importância que recebeu maior número de respostas foi Implementar estratégias para redução do estresse e para o autocuidado (62,5%).

Outras quatro questões abertas também foram submetidas a análise dos estudantes.

A que solicitava um exemplo de uma experiência não civil vivida ou testemunhada no ensino de enfermagem, não foi respondida por 20 participantes. Considerando os 244

participantes que responderam essa questão, 229 deles mencionaram apenas uma situação, como solicitado; contudo 10 estudantes citaram duas respostas e cinco mencionaram 3 respostas. Ao se considerar as 264 situações referidas, elas envolviam diferentes participantes: o aluno era o agente inicial em 34 relatos; o Professor em 178; a dupla foi citada como agentes principais por 32 alunos e em outras 20 situações mencionadas não possibilitou determinar se o agente principal era aluno, professor ou outra pessoa envolvida na prática clínica (profissional de campo). A título de exemplo, relatos de comportamento autoritário do professor em atividade prática e de não acolhimento pelo professor da solicitação dos estudantes para modificar o método de ensino que estava sendo ministrado *online* foram as duas situações mais mencionadas.

Ainda foi avaliada a questão que solicitava a opinião do estudante sobre a principal razão ou causa da incivilidade. Dos 264 participantes, 13 não responderam; 2 declararam que não sabiam e as demais respostas apresentavam coerência com o solicitado. Contudo, 195 alunos responderam uma causa de incivilidade, 56 apontaram duas razões de incivilidade, 9 apresentaram três e 4 estudantes mencionaram 4 respostas. Foram mencionadas predominantemente: a expressão de superioridade por algumas pessoas, a falta de empatia e o estresse.

Em relação ao questionamento sobre a consequência mais significativa da incivilidade, não responderam 12 estudantes; os demais declararam predominantemente como consequência a desmotivação e dificuldades no ensino-aprendizagem.

Em relação a maneira mais eficaz de promover a civilidade, 18 participantes não responderam a solicitação; os demais elencaram 28 alternativas para tal propósito, sendo a mais frequente o diálogo, seguindo-se a troca de experiências e a conscientização sobre/para o diálogo e respeito.

As questões finais, quantitativas e descritivas, que compõem a terceira parte do instrumento reforçam os aspectos abordados nos itens das escalas, que compõem a segunda parte do instrumento.

#### **5.4.1. Análise descritiva das questões sobre civildade e incivildade no teste e reteste do INE-R Survey - versão brasileira**

Todos os estudantes desta etapa (n=29) avaliaram a questão que indaga se incivildade representa um problema no curso que frequentam. Todas as alternativas possíveis (desde “não ser problema” até um “problema sério”) foram assinaladas, variando de 6,9% a 34,6% na fase teste e de 6,9% a 37,9% no reteste. A maioria considerou ser um problema leve na fase de teste e grave no reteste. A alternativa que representava o problema mais sério (mais grave) recebeu 27,5% no teste; 37,9% das respostas no reteste. O polo oposto apresentou frequência 6,9 % no teste e no reteste.

Os 29 participantes avaliaram ainda questão sobre a probabilidade de se envolverem em comportamentos não civis (com cinco alternativas, sendo muito maior do professor em um polo; a de ambos, no centro; e a muito maior do estudante no polo oposto). As cinco respostas possíveis apresentam escores que variam de 10,3 % a 41,3% no teste e de 3,4 % a 41,3 % no reteste. A maior frequência de respostas dos estudantes apontou serem eles mesmos os participantes com maior probabilidade de se envolverem em comportamentos incivis (51,7%) na fase de teste. Já na fase de reteste, tanto os alunos como ambos os envolvidos receberam frequências iguais (41,3%)

Em relação ao questionamento sobre nível de civildade no curso de enfermagem, em uma escala de 0 a 100, os 29 alunos na fase inicial apontaram ser a media igual a 71,6 (DP= 13,4) e no reteste igual a 70,2 (DP=15,4)

A questão que solicita que os estudantes mencionem as três estratégias dentre as nove referidas para melhorar o nível de civildade recebeu respostas para todas as alternativas possíveis, tanto na fase de teste como de re-teste. Todos os estudantes responderam ambas as fases, inicial e final.

As três estratégias mais citadas, em ordem decrescente, como prioritária na fase inicial foram: 4, 6 e 9 e na fase final contemplaram: 1 e 2, 6 e 9. As frequências de todas as estratégias em cada opção constam na figura 2.



**Figura 2** - Frequência das três opções de estratégias para melhorar o nível de civilidade, assinaladas em ordem de prioridade, nas fases de teste e reteste (n=29).

		Primeira opção							Segunda opção							Terceira opção										
		depois							depois							depois										
antes		1	2	3	4	5	6	7	Sum	antes		2	3	4	5	6	7	9	Sum	antes		6	7	9	10	Sum
	1	3	4	0	1	0	0	0	8		2	0	0	0	1	0	0	0	1		5	1	0	0	0	1
2	3	2	0	0	0	0	0	5	3	0	1	0	0	0	0	1	2	6	1	0	0	1	2			
3	0	2	1	0	0	0	0	3	4	0	1	1	0	2	0	0	4	7	0	0	1	0	1			
4	2	1	1	5	1	1	1	12	5	0	0	0	1	3	1	1	6	9	2	6	13	1	22			
7	1	0	0	0	0	0	0	1	6	1	1	4	1	4	0	0	11	10	0	1	2	0	3			
Sum	9	9	2	6	1	1	1	29	7	0	0	0	0	1	1	0	2	Sum	4	7	16	2	29			
									9	1	0	0	0	1	1	0	3									
									Sum	2	3	5	3	11	3	2	29									

**Legenda:** 1-Utilizar ferramentas empíricas (pesquisas, etc.) para medir a incivilidade/civilidade e trabalhar os pontos fortes/de crescimento; 2-Estabelecer códigos de conduta que definam comportamentos aceitáveis e inaceitáveis; 3-Recompensar a civilidade e o profissionalismo; 4-Aumentar a conscientização e proporcionar educação em civilidade; 5-Integrar civilidade e colegialidade nas avaliações de desempenho; 6-Oferecer treinamento para comunicação eficaz e negociação de conflitos; 7-Desenvolver e implementar políticas e procedimentos abrangentes para lidar com a incivilidade; 8-Recompensar a civilidade e o profissionalismo; 9-Implementar estratégias para redução do estresse e para o autocuidado; 10-Assumir suas responsabilidades individuais e prestar contas de suas ações.

Também foram analisadas as respostas dadas nas fases de teste e re-teste para as quatro questões finais, conforme segue:

- Quanto às experiências não civis tidas ou testemunhadas no ensino de enfermagem nos últimos 12 meses referidas nos dois momentos, cabe destacar que se tratavam das mesmas descrições, embora escritas com maior ou menor detalhes da situação.
- Quanto a principal razão ou causa da incivilidade no ensino de Enfermagem, dentre os participantes da fase inicial do estudo, dois não responderam e dois mencionarem não saber; os demais mencionaram apenas uma causa. Já no reteste, todos responderam e nenhum mencionou não saber. A razão mais citada foi estresse, na fase inicial e falta de empatia, no reteste.
- Ao opinarem quanto a consequência mais significativa da incivilidade no ensino de enfermagem, para os 29 estudantes, em ambas as etapas do estudo, predominou a “desmotivação”.
- em relação à maneira mais eficaz de promover a civilidade acadêmica, responderam ao questionamento os estudantes citaram na fase inicial as “trocas de experiências e diálogos” e “empatia” e na fase do reteste as “trocas de experiências e diálogos e “educação sobre o tema”.

## 6. DISCUSSÃO

A utilização de instrumentos confiáveis e válidos contribui para alcance da qualidade dos dados coletados em investigação e/ou avaliação de determinados conceitos ou variáveis (MINTON; STONE, 2009). Para isso, as ferramentas de medidas são utilizadas em diversas situações quer envolvam variáveis clínicas, emocionais ou comportamentais. No presente trabalho, o INE-R *Survey* avalia comportamentos de incivildade do estudante e do professor de enfermagem (CLARK *et al.*, 2015).

Com o advento da globalização e o afunilamento das fronteiras mundiais por meio da tecnologia, a língua inglesa tem sido o idioma predominante, principalmente no contexto das pesquisas científicas (BORSATTI; GABRIEL, 2020); assim como o INE-R *Survey* (Clark<sup>©</sup>, 2014), inúmeros instrumentos são provenientes de países de língua inglesa ou outras e carecem de adaptação para seu emprego em outras culturas.

A adaptação cultural é a adequação de um idioma para outro, seguindo um rigor metodológico, mantendo significado e equivalência dos componentes (KHALAILA, 2015). Para adaptação cultural do instrumento, empregou-se o modelo proposto por Beaton (2000), pelo método DISABIKIDS® (2004) adaptado para o Brasil pelo GPMSA, na fase da avaliação semântica; tais passos mostraram-se adequados ao alcance do objetivo proposto, à semelhança de vários outros estudos que utilizaram esse método no Brasil, como os citados por Romeiro *et al.* (2020) e Conacci (2020).

Mais especificamente, na adaptação cultural de instrumentos, a tradução é uma tarefa complexa de ir além do conhecimento de vocabulário e não apenas atribuir significado às palavras isoladamente (BORSATTI; GABRIEL, 2020); o exemplo disto, neste trabalho, foram os termos “education”, “profanity” e “condescending” que mereceram uma atenção para manutenção do significado proposto no instrumento original. Já em outras circunstâncias, as alternativas para a tradução, dependem do contexto pertencente (SILVESTRE, 2020); no caso, as palavras “school year” e “student” a tradução para o português pode ser realizada “*ipsis litteris*”.

Após a tradução, retrotradução e as adequações do instrumento INE-R *Survey* (CLARK *et al.*, 2015) foi realizada a validação semântica, como já descrito; esta tem a finalidade de verificar a compreensão, aceitação e sugestões do público-alvo que será destinado o instrumento (BEATON *et al.*, 2000).

Na equivalência semântica, tanto na avaliação geral do instrumento como na avaliação específica dos itens, os estudantes fizeram sugestões de alterações ou complementações, algumas acolhidas e submetidas à autora da versão original do *survey*.

Na Avaliação Geral, quanto ao número e escores das alternativas de respostas das escalas, optou-se por manter as opções do instrumento original para esses quesitos, pois tais alterações mudariam os escores e não permitiriam eventuais comparações com outros estudos (CLARK, FARNSWORTH, LANDRUM, 2009; CLARK, BARBOSA-LEIKER, GILL, NGUYEN, 2015).

Quanto a substituir “sexo” por “gênero” nos dados de identificação do respondente, o acolhimento da sugestão apoia-se no fato de que o respondente pode não se reconhecer nas categorias masculino ou feminino. Optou-se por adotar a identidade de gênero (homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros), ainda que possa haver restrições de abrangência nas alternativas de reconhecimento dos participantes, por não se incluir a expressão de gênero ou papel de gênero (SÃO PAULO, 2018).

Outra sugestão dos estudantes referiu-se ao conteúdo das questões que mencionam o conceito civilidade, sem que este esteja definido no instrumento. Ao se discutir com a autora da escala a sugestão do estudante, descrita nos resultados, e considerando a mudança substancial na redação do instrumento que tal proposta causaria, optou-se por inserir a definição de civilidade nas orientações iniciais do instrumento, à semelhança de incivilidade e ambiente acadêmico de enfermagem, já existentes (CLARK, BARBOSA-LEIKER, GILL, NGUYEN, 2015).

Em relação aos demais apontamentos da Avaliação Geral, destaca-se que as sugestões já estavam contempladas em outros itens ou extrapolavam o propósito do *survey*. Pelo exposto, na avaliação geral da versão adaptada do INE-R *Survey*, em que pese as sugestões de ajustes referidas, os participantes consideraram-no muito bom (90,4%), com itens compreensíveis (100,0%), sem dificuldade para usar as alternativas (95,2%) e seus itens relevantes (95,2%).

Na Avaliação Específica, como apontado nos resultados, ao se considerar a relevância de cada item, 11 deles foram considerados “parcialmente relevante” e “relevante” pelos seus avaliadores; destes, oito itens constavam nas duas escalas (de estudantes e de professores) sendo que em uma delas não se obteve relevância unânime. Frente a esse aspecto e ao resultado da avaliação geral optou-se por manter a redação

original.

Ainda, apenas o item “Fazer declarações ameaçadoras relacionadas a armas” foi considerado “não relevante”, por um dos participantes que examinou o conjunto de comportamentos de estudante. Contudo, os avaliadores dos comportamentos de professores consideraram, de forma unânime, esse mesmo item relevante. Frente a esse aspecto e ao resultado da avaliação geral, também se optou por manter a redação original.

Ao se considerar a compreensão dos itens, outro aspecto avaliado, igual procedimento foi adotado após análise das respostas dos grupos que examinaram as duas escalas, para os três itens que não alcançaram a concordância total das respostas, em um dos grupos.

Portanto, na avaliação semântica, quatro itens, dos quais um se repete tanto para estudantes como professores, tiveram revisão em seu conteúdo a partir das avaliações específicas dos estudantes (Quadro 2). Ainda, houve inclusão do conceito de civilidade e ajuste nas variáveis sociodemográficas feitas considerando-se a avaliação geral do instrumento. Apreende-se, portanto, que o método DISABKIDS<sup>®</sup> adaptado para o Brasil pelo GPMSA para o teste com população-alvo mostrou ser adequado ao alcance do objetivo proposto (BEATON *et al.*, 2000; DISABKIDS, 2004; ROMEIRO *et al.*, 2020).

Em relação ao instrumento, a variável do estudo é uma variável latente, mensurada por meio de opções de respostas em escala do tipo *Likert*, que variam de 1 a 4, portanto não simétrica (inexiste ponto neutro equidistante dos extremos) e não homogênea em relação ao número de itens, pois cada domínio tem, respectivamente, nove e 15 itens (CURADO; TELES; MAROCO, 2014). Ainda que a incivilidade seja entendida como expressa em um *continuun* quanto ao seu nível, onde os extremos da medida representam os opostos do fenômeno, conforme Clark *et al.* (2015) aponta em suas considerações teóricas, a variável é mensurada em escala ordinal.

Em relação ao período da coleta de dados, deu-se na vigência da pandemia, ocasião em que, segundo a literatura, mudanças nas percepções de frequência ou nível de incivildades nos comportamentos de estudantes e professores puderam ser identificadas (HUDDING, 2022). Tais aspectos podem ter interferido nos resultados obtidos no presente estudo, tanto em relação a compreensão do nível de incivilidade do conteúdo de cada item como a frequência de ocorrência de tais comportamentos.

O público-alvo do instrumento adaptado para a cultura brasileira é o estudante

de enfermagem, que apresenta características específicas dentre os estudantes da área de saúde.

Um dos aspectos dessa população é o predomínio feminino, historicamente já conhecido, como constatado no presente estudo (85% eram estudantes mulheres) e em outros, da mesma instituição (CORRÊA *et al.*, 2018) ou de distintas regiões do país (ÁVILA *et al.*, 2013; BARBOSA; NASCIMENTO; FONSECA, 2019;). Em relação à influência do gênero na expressão de incivildades no âmbito da enfermagem, Storky; Hartly (2009) identificaram que a incivilidade dos professores foi maior para alunas mulheres ( $p=0,025$ ); estudantes homens perceberam menores níveis de incivilidade de professores do que estudantes mulheres.

Em relação a aspectos étnicos, houve um predomínio de estudantes que se autorreferiram ter cor branca, ainda que se possa destacar a presença dos que se autodeclararam cor preta (8,3%) e os de cor parda (21,7%), as quais têm aumentado dentre os estudantes universitários em geral, concomitante ao combate ao racismo e presença crescente de cotas raciais nos vestibulares, embora, como destacam Sabino, Calbino e Lima (2022) ainda que não seja distribuído de forma homogênea.

Estudo apresentando a relação de variáveis sociodemográficas - etnia, gênero, nacionalidade, idade – em acadêmicos sul-africanos ou não, de escola da área de saúde, com percepção de atos incivis, como o de Conco *et al.* (2021), reforça a importância de se conhecer tais aspectos em nosso meio, em especial para propor estratégias que previnam e enfrentem a incivilidade no ambiente escolar.

Quanto à escolaridade, o predomínio dos alunos dos segundo e terceiro ano, reflete a exigência de não se coletar dados dos alunos do primeiro ano, e o impacto da pandemia, que manteve o menor número de atividades nas dependências da instituição escolar, como já descrito. Os alunos concluintes permaneciam no período da coleta em estágios práticos, com o propósito de assegurar a interação entre os conhecimentos teóricos adquiridos e as práticas inseridas nos cenários de atuação (BELÉM *et al.*, 2018). A relevância dessa etapa pode ser vista ao se considerar ser ela a última oportunidade, durante a graduação, de avaliar os conhecimentos adquiridos, favorecendo e desenvolvendo as habilidades obtidas (NEGREIROS; LIMA, 2018).

Cabe lembrar a não inclusão de alunos iniciantes na amostra dessa pesquisa, por restrição contida no próprio instrumento que buscou identificar as percepções dos

estudantes sobre a frequência de comportamentos incivis ocorridos nos 12 meses previos à coleta de dados (CLARK; FARNSWORTH; LANDRUM, 2009).

Quanto ao predomínio de estudantes do curso Bacharelado em Enfermagem (61%) em relação ao curso Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem (39%), cabe lembrar que o primeiro dispõe de 80 vagas nos oito semestres letivos e o segundo, 50 vagas em 10 semestres letivos (ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO, 2022).

Em relação ao número de participantes, os resultados podem ter sido influenciados pelo tamanho amostral; ao se empregar instrumento desta natureza há indicação que para realização da análise fatorial compute-se de 5 a 10 respondentes por questões do instrumento (HAIR *et al.*, 2009; KLINE, 2010). Contudo, ao se usar modelo de equações estruturais, há literatura que recomenda de 10 a 15 participantes por variável no modelo (CURADO; TELES; MAROCO, 2014).

No presente estudo o tamanho amostral de 264 atende a primeira condição. No estudo original a amostra foi de 310 estudantes americanos; o estudo que validou o instrumento para a cultura coreana teve 284 participantes (De GAGNE *et al.*, 2016) e a árabe 389 participantes (AL-JUBOURI; SAMSON-AKPAN; JAAFAR, 2019). Todas empregaram Análise fatorial em suas análises.

Apenas o estudo original validou o instrumento por professores e estudantes. Dos 24 itens (comportamentos incivis) de estudantes e de professores, 16 são idênticos para ambos e outros oito são similares e como destacado pelos autores, o instrumento pode ser avaliado para cada um dos sujeitos-foco (estudantes ou professores) ou conjuntamente (CLARK *et al.*, 2015). No presente estudo o instrumento foi avaliado apenas por estudantes que consideraram as suas percepções sobre os comportamentos tanto de pares como de docentes, à semelhança do estudo de De Gagne *et al.* (2016).

Além dos aspectos socioculturais, a literatura tem sugerido, mas ainda carece de teste empírico, a influência de variáveis cognitivas e afetivas que podem mediar comportamentos incivis no ambiente laboral, como medo, raiva, danos a identidade social, capacidade de avaliação cognitiva (CORTINA *et al.*, 2001) e percepção de justiça (PEARSON, ANDERSON; PORATH, 2000). Não foram identificados estudos nacionais com tais abordagens em relação a estudantes de enfermagem.

Por outro lado, as percepções referidas sobre comportamentos de professores, no

presente estudo, dizem respeito a experiências com docentes de uma instituição pública, secular (não religiosa), que majoritariamente trabalham por longos períodos na mesma instituição. Se considerarmos os resultados do estudo de Bence *et al.* (2022), realizado na África do Sul, em que o tempo de trabalho na mesma instituição apresentou associação com aumento da incivilidade, bem como os de Clark *et al.* (2013) e de McGee (2021) que citam níveis aumentados de incivilidade na academia, podemos considerar, assim como salientou Falk (2014), que com o tempo novas demandas se sobrepõem às iniciais com aumento de responsabilidades; e isso pode ter gerado impacto na expressão de comportamentos incivis, somados também ao período de coleta de dados, que coincidiu com a pandemia e com o maior uso de recursos remotos nas aulas.

Em relação à análise descritiva do instrumento em tela, optamos por apresentar a percepção dos participantes sobre o nível de incivilidade e a frequência dos mesmos por meio de mediana, ainda que tenhamos descrito a média para efeito de comparação com os estudos que validaram ou empregaram esse instrumento em outras culturas. Tal indicador (média), pode não representar a variação da amostra com clareza por se tratar de escala tipo Likert, portanto, uma escala qualitativa ordinal, segundo nível de mensuração (CURADO; TELES; MAROCO, 2014).

A mediana das respostas dos participantes, sobre nível de incivilidade de comportamentos de estudantes e de professores, foi respectivamente 3 e 4 (Mínima=1; máxima=4); em relação a frequência observada desses comportamentos nos últimos 12 meses, os participantes atribuíram mediana 2 tanto para os comportamentos de estudantes como de professores, em escala variando de 1 a 4.

A título de comparação, portanto, os níveis de incivilidade, tanto para os comportamentos de estudante ( $\bar{x}=3,0$ ) como para os de professores ( $\bar{x}=3,35$ ) do presente estudo mostraram-se inferiores à média geral ( $\bar{x}=3,45$ ) obtida por Al-Jubouri; Samson-Akpan; Jaafar, (2019), inferior a do estudo coreano para comportamentos de estudantes ( $\bar{x}=3,11$ ), mas superior a dos comportamentos do professor ( $\bar{x}=3,17$ ) (DE GAGNE *et al.*, 2016).

As médias das frequências de ocorrência dos comportamentos nos últimos 12 meses, referidas em nosso estudo para os comportamentos dos estudantes ( $\bar{x}=2,09$ ) e a de professores ( $\bar{x}=1,82$ ) são similares à obtida por Al-Jubouri; Samson-Akpan; Jaafar, (2019).

Ainda, a análise descritiva dos dados obtidos no presente estudo aponta aspectos que merecem considerações. Um deles diz respeito à distribuição das respostas.

Foi identificado o efeito teto-chão (*ceiling/floor effects*) para vários itens do INE-R *survey* versão brasileira; isto indica que a distribuição dos escores é assimétrica, ou seja, retrata a percentagem dos participantes que pontuaram nos níveis mais baixos ou elevados da medida (BENNETT *et al.*, 2002). A presença de tal efeito pode influenciar a sensibilidade e a responsividade (OLIVEIRA; SANTOS, 2011).

Em estudo que usou o INE também se observou o efeito teto-chão, havendo mais de 15% de frequência para a apercepção de comportamentos de estudantes e professores em ambos os polos da escala usada (VICKOUS, 2015).

A natureza do fenômeno/evento em estudo (no caso a incivilidade e a intensidade dos comportamentos que variaram de “nada” a “muito incivil”) ou sua frequência (se “nunca ocorreu” ou se é “frequente”), representadas pelos polos das escalas, podem favorecer a presença do efeito chão-teto. Sabe-se que comportamentos representados nos itens finais do *survey*, socialmente considerados no domínio alta incivilidade, são esperados que não ocorresse em um ambiente educacional (Clark *et al.*, 2015). Exemplos são: item 19-*Enviar e-mails ou mensagens inapropriadas ou rudes para outras pessoas*; item 21-*Usar palavras ofensivas direcionados a outras pessoas*; item 23-*Causar danos materiais*. Tal fato, contudo, não invalida a observação do impacto do efeito chão-teto na avaliação do instrumento (OLIVEIRA; SANTOS, 2011).

Sabe-se também que comportamentos disruptivos são mais prevalentes que os de incivis de alta incivilidade (CORTINA *et al.*, 2001; VICKOUS, 2015). Para Clark *et al.* (2015) é mais provável ver comportamentos não-verbais rudes e declarações de comentários humilhantes do que comportamentos ameaçadores ou atos violentos.

Houve, no presente estudo, uma tendência de os participantes atribuírem maior nível de incivilidade a um mesmo comportamento, quando este é realizado por professores do que quando realizado por estudantes. Tal tendência já havia sido identificada no estudo de Itzkovich (2014), ao descrever o efeito moderador da hierarquia social em comportamentos incivis no trabalho. Para esse autor, os resultados mostraram que a incivilidade percebida foi maior entre os atos incivilizados perpetrados por seus gerentes em comparação com a incivilidade percebida se perpetrada por um colega.

Em relação à validade e à confiabilidade, a literatura aponta distintas alternativas



para análise das propriedades psicométricas, a depender da natureza da variável, forma de medida, tamanho amostral e características dos dados obtidos (CURADO; TELES; MAROCO, 2014). As análises podem ser realizadas por meio de distintos softwares estatísticos, sendo o R utilizado mais recentemente (LEÓN, 2011) e o escolhido na presente pesquisa.

Ainda, dado já existir uma análise exploratória feita pelas autoras do instrumento (CLARK *et al.*, 2015), buscamos confirmar tal proposta na população de estudantes brasileiros, por meio da validade de construto empregando a AFC, uma técnica adequada para testar (confirmar) se a estrutura empírica observada no conjunto de itens apresenta as mesmas evidências do construto teórico de interesse na população analisada (ALMEIDA, 2021).

O estudo árabe com estudantes de enfermagem verificou, a partir dos resultados da análise de tendências e com validade de face realizada por quatro peritos, que alguns itens retratavam intensidades distintas de incivilidade em relação à proposta original americana; na validade de construto, por meio da AFE, obteve cinco fatores para a escala com comportamentos de estudantes. Não foi objeto do estudo a escala com itens sobre comportamentos de docentes (AL-JUBOURI; SAMSON-AKPAN; JAAFAR, 2019). Já o estudo coreano, também com estudantes, identificou com os resultados da análise fatorial confirmatória que a escala com itens de comportamentos de estudantes apresentava, por meio de AFE, quatro fatores e que a de professores apresentavam dois fatores à semelhança da proposta teórica original americana (DE GAGNE *et al.*, 2016).

O percurso percorrido e os resultados indicam ser a proposta teórica válida para a população estudada, em especial a existência de dois domínios (alto nível e baixo nível de incivilidade) e a pertinência de todos os itens atribuídos aos comportamentos de professores.

Os dados das medidas de ajustes do modelo testado para os comportamentos de estudantes e professores, respectivamente ( $\chi^2/GL=3,46$  e  $1,95$ ; CFI=1,00; 1,00; TLI=1,00; NFI= 1,00; 1,00; RMSEA= 0,09; 0,04), evidenciaram bom ajuste, para a subescala dos comportamentos de professores, confirmando a proposta original de duas dimensões: domínio alta incivilidade com nove itens e domínio baixa incivilidade com 15 itens. Já para os resultados da subescala dos comportamentos de estudantes o ajuste ao modelo teórico, pelos valores de RMSEA (0,09), sugere ajuste não satisfatório, em que pese os

demais indicadores (CFI, TLI e NFI) apresentarem valores satisfatórios.

Ao se analisar as cargas fatoriais dos itens em cada domínio das escalas do professor, identifica-se ajuste de todos os itens com cargas elevadas de contribuição para composição dos domínios. Em contrapartida, ao se examinar a subescala de comportamentos de estudantes, os itens 1, 5 e 15 não alcançaram o escore 0,30, valor mínimo recomendado. Cabe lembrar que esses três itens são pertencentes ao domínio baixa incivildade. São eles: item 1- expressar desinteresse, tédio ou apatia sobre o conteúdo do curso ou assunto; item 5- usar computador, celular ou outros dispositivos eletrônicos durante uma aula, reunião ou atividade para fins não relacionados; e item 15 - exigir provas substitutas, extensões de prazos ou outros favores especiais.

Esses comportamentos foram percebidos pelos participantes do presente estudo com as seguintes médias de incivildade: item 1 ( $\bar{x}=2,76$ ); item 5 ( $\bar{x}=3,12$ ); e item 15 ( $\bar{x}=2,21$ ). Ainda, quando perguntado a frequência de ocorrência dos mesmos, apresentaram as médias: item 1 ( $\bar{x}=3,06$ ); item 5 ( $\bar{x}=3,40$ ); item 15 ( $\bar{x}=2,27$ ).

Portanto, quanto a usar celular ou outro dispositivo para fins não relacionados à atividade da aula (item 5), apesar de os estudantes perceberem o comportamento como incivil, permaneceram em contato com outras pessoas ou com sites, a exemplo de resultados de outros estudos, que tem sido um dos comportamentos mais frequentes de estudantes em diferentes instituições (CAHYADI; HENDRYADI; SURYANI, 2021; VURAL; BACIOĞLUEM, 2020; AL-JUBOURI; SAMSON-AKPAN; JAAFAR, 2019; SANTANA; KOEHLER, 2013).

Durante o período de pandemia, momento da coleta, as atividades estudantes e docentes apresentavam-se em fase de ajustes, como já descrito, com sobrecargas de demandas e dificuldades de dispositivos e manuseio dos mesmos (ABRAHAM *et al.*, 2022). Tais aspectos podem ter interferido na compreensão do conteúdo do item 15 (exigir novas provas e ampliação de prazos ...), em relação ao que seria “violação” ou “desejo” frente ao contexto vigente; note-se que esse item foi considerado pelos participantes como de baixo nível de incivildade e de frequência de ocorrência.

Tem-se, ainda, que o critério de inclusão ao estudo exigia a vivência do estudante por um ano no ambiente escolar; para alguns, esse prazo deu-se predominantemente com atividades remotas. E tal experiência pode ter interferido nas respostas emitidas, nas relações entre professor e estudante e na motivação de assistir ou participar das atividades

educacionais, aspectos referidos moderadamente no item 1 do survey (item 1- expressar desinteresse, tédio ou apatia sobre o conteúdo do curso ou assunto).

Por ora, uma sugestão seria a revisão dos itens supracitados, para a escala de estudantes, com posterior reformulação do conteúdo ou análises complementares, caso oportuno.

A sugestão de revisão dos itens apoia-se na compreensão de que um conceito pode necessitar de releitura de seu significado, conforme mencionado por Walker e Avant (2019); Clark; Gorton e Bentley (2022), dado que fatores culturais, sociais ou contextuais podem contribuir para mudanças em um conceito ao longo do tempo.

Os dois estudos que analisaram a validade de construto utilizaram a análise fatorial exploratória, por considerarem: a inexistência de estudos de validade na cultura árabe, bem como, a eventual influência cultural no instrumento (AL-JUBOURI; SAMSON-AKPAN; JAAFAR, 2019) ou por não confirmarem o modelo original proposto de dois domínios em população coreana (DE GAGNE *et al.*, 2016).

Clark *et al.* (2015), ao revisarem o *survey*, após a fatorial exploratória, na qual sugerem dois domínios para o instrumento, realizaram a análise confirmatória validando sua proposta teórica. Contudo, as Análises Fatoriais utilizadas nos estudos de Clark *et al.* (2015) e de De Gagne *et al.* (2016) empregaram o modelo de verossimilhança para estimação dos parâmetros, distinto do descrito no presente estudo, DWLS (mínimos quadrados ponderados diagonalmente), recomendado para variáveis ordinais.

Outra medida aplicada ao instrumento, com sua estrutura de itens original, foi a verificação da consistência interna que se mostrou altamente confiável para a amostra estudada. Os valores obtidos para os comportamentos de estudantes ( $\alpha = 0,93$ ) e professores ( $\alpha = 0,97$ ) são considerados como correlação quase perfeita, segundo Landis e Koch (1977). Os valores do presente estudo são superiores àqueles obtidos em estudo árabe (AL-JUBOURI; SAMSON-AKPAN; JAAFAR, 2019) e similares ao estudo norte americano (CLARK *et al.*, 2015) e ao coreano que propôs uma versão do INE-R com mais domínios de baixa incivilidade para os comportamentos de estudantes (De GAGNE *et al.*, 2016). Pode-se afirmar que o instrumento adaptado - versão brasileira- apresentou consistência interna quase perfeita para seus domínios de baixa e alta incivilidade para os comportamentos tanto de estudantes como de professores.

A reprodutividade do instrumento também mostrou ser o instrumento fidedigno

(ICC=0,53; IC: -0,02; 0,78, com  $p = 0.025$ ), considerando-se o valor obtido como moderado por Landis e Koch (1977). Cabe destacar que na correlação item-dimensão, especificamente para a dimensão que representa o nível de incivilidade, 87,5% dos itens apresentaram concordância nas duas etapas, com correlação igual ou superior a 0,53 (portanto, de moderado a quase perfeito). Em relação à dimensão que retrata a frequência dos comportamentos, houve 62,5 % de itens concordantes entre o teste e reteste, com valores de correlação maiores do que 0,45, ou seja, com valores de moderado a quase perfeito. Portanto, pode-se dizer que o instrumento apresentou reprodutividade adequada, verificada após 15 dias, com 29 estudantes.

De Gagne *et al.* (2016), ao realizarem o teste reteste com 10 alunos, obtiveram coeficiente de estabilidade 0,73 para nível de incivilidade de estudantes e 0,64 para o de professores, bem como 0,84 para frequência de comportamentos de estudantes e 0,78 para a de professores. O estudo persa (MOHAMMADIPOUR *et al.*, 2018) obteve um ICC= 0,94. Ambos os estudos obtiveram coeficientes maiores que o referido para a versão brasileira.

Quanto ao tempo decorrido de 15 dias entre as fases de teste e reteste, ainda que em consonância a literatura, este pode ter propiciado a mudança da percepção dos participantes sobre o objeto estudado, o que poderia justificar a concordância moderada entre as respostas. Outra possibilidade pode ter sido o fato de a instituição ter feito uma força tarefa para obter melhor alcance dos objetivos acadêmicos durante a pandemia em decorrência do uso de ensino remoto; alguns estudantes podem ter participado dessas discussões e identificado alguma relação entre comportamentos docentes e de estudantes e as atividades remotas ou o efeito emocional nos comportamentos de ambos oriundos da situação sanitária, por exemplo. Tais ocorrências não foram passíveis de serem controladas pela pesquisadora.

Por outro lado, a própria releitura do instrumento ou o processo de reflexão para responder os itens descritivos ao final do instrumento podem levar a percepções distintas, sobre os comportamentos analisados, nos dois momentos de avaliação. Segundo Rueda, Suehiro, Boulhoça e Silva (2008), as fontes de erro presentes nesse tipo de estudo referem-se, dentre outros, à desatenção por parte dos respondentes, às respostas aleatórias, a um possível processo de aprendizagem dos examinandos e a motivação em responder o instrumento.

O número de participantes das etapas de teste e reteste (n=29) também é considerado satisfatório para tal análise. Conforme afirma Santos (2018), uma amostra de tamanho n=20, já pode ser considerada suficiente para obter um resultado de ICC adequado.

A análise das questões finais, do ponto de vista do alcance de seus propósitos e confiabilidade dessa parte do instrumento, evidencia serem elas compreendidas pelos estudantes e adequadas ao alcance de seus objetivos. Contudo, cabe destacar que houve ausência de respostas nas questões abertas (variando de 4,5% a 7,6% dos participantes), o que poderia ser considerado desinteresse em responder, não considerar o item relevante ou existir presença de algum desconforto para o estudante dado que poderia lembrar-se de incidentes ocorridos; por outro lado, nenhum participante manifestou dificuldade ou restrição para preenchimento do instrumento.

Cabe uma consideração em relação ao conteúdo solicitado nas questões do instrumento; por exemplo, uma delas pede para o respondente mencionar uma situação de incivildade, já outra solicita que se identifique o principal motivo de sua ocorrência; tais questões receberam mais de uma resposta de 5,6% e 26,0% dos respondentes, respectivamente. Diante desses resultados, talvez as questões merecessem redação mais enfática de que a resposta deva ser única para cada quesito.

Os resultados evidenciaram que as questões finais permitiram caracterizar, tanto a presença da incivildade no ambiente acadêmico da enfermagem, como suas consequências mais relevantes, a exemplos de vários outros estudos que empregaram o *INE-R survey* (CLARK *et al.*, 2021, UNIM *et al.*, 2020; CLARK *et al.*, 2015).

Mohammadipour *et al.* (2018) já destacaram que as questões abertas são ricas por permitirem identificar situações de incivildade e estratégias de enfrentamento desses comportamentos, na busca de maior civilidade no ensino.

O nível de incivildade na instituição percebido pelos participantes é menor que o referido no estudo italiano (UNIM *et al.*, 2020) que encontrou 45,5% de nível moderado.

Ainda que o nível de civilidade seja razoável (score obtido=71, em uma escala de 1 a 100), sobretudo pelas ocorrências citadas não serem as de maior nível de incivildade, há espaço para se elevar os comportamentos desejáveis, uma vez que a presença de comportamentos incivis gera, dentre outros, a desmotivação e dificuldades no processo ensino-aprendizagem.

O efeito deletério da presença dos comportamentos incivis é destacado nos estudos de Unim *et al.*, (2020), de Mohammadipour *et al.*; (2018), Ckark (2008), Rad *et al.*, (2014), no qual os participantes consideraram como principal consequência a ocorrência de uma educação de pobre qualidade e práticas de ensino inapropriadas.

Aponta-se também que o instrumento permite identificar que os estudantes têm conhecimento de algumas estratégias para enfrentar ou reduzir tais comportamentos incivis. As estratégias “Aumentar a conscientização e proporcionar educação em civilidade”; “Utilizar ferramentas empíricas para medir a incivilidade/civilidade e trabalhar os pontos fortes/de crescimento” e “Estabelecer códigos de conduta que definam comportamentos aceitáveis e inaceitáveis evidenciam as expectativas dos participantes” foram as mais citadas. No estudo italiano (UNIM *et al.*, 2020) também se observou a sugestão de se “Aumentar a conscientização e proporcionar educação em civilidade”, além da de “Oferecer treinamento para comunicação eficaz e negociação de conflitos”. No estudo de Mohammadipour *et al.*, (2018) foram mais citadas as estratégias “Estabelecer códigos de conduta...”, Aumentar a conscientização e proporcionar educação em civilidade” e “Encorajar civilidade ‘.

Ao se considerar a relevância do estudo, cabe destacar a pertinência do uso do INE-R-versão brasileira para a população estudada considerando a confiabilidade e estabilidade do *survey*, adequação integral à proposta teórica do instrumento original quanto ao número de domínios e aos itens relacionados com os comportamentos de professor em sua totalidade; apenas três itens relacionados aos comportamentos dos estudantes não obtiveram carga fatorial satisfatória.

Ainda que este estudo tenha sido desenvolvido apenas com estudantes, a percepção da presença do fenômeno incivilidade envolvendo docentes e discentes e seus pares, confirmam a necessidade de se implantar processos que estimulem as relações interpessoais e o diálogo sobre tal existência, formas de enfrentamento e, sobretudo, como apontam Clark, Farnsworth & Landrum (2009), a assunção da responsabilidade de ambas as partes. Para essas autoras, quando professores e estudantes buscam construir ambiente educacional mais respeitável, o crescimento da civilidade é o resultado que surge.

Por fim, ao se considerar a relevância do estudo, cabe destacar que a comprovação, na população estudada, da percepção das relações teóricas feitas pelas autoras do instrumento original reforça a pertinência de se empregar o INE-R versão

brasileira para diagnóstico de comportamentos incivis e para medir mudanças comportamentais a partir do uso de estratégias de intervenção, educativas ou não.

### *Limitações*

Ainda que se tenha buscado realizar a presente pesquisa observando as recomendações para estudos dessa natureza, limitações foram identificadas, podendo o número de participantes ser considerado pequeno por alguns autores; o número de participantes, atribuímos ser decorrente do quadro sanitário vivido durante a execução do estudo. Complementarmente, a amostra caracterizou-se de conveniência, com voluntária participação, de uma única instituição, o que pode gerar possíveis vieses.

Outra eventual limitação, causado pelo mesmo motivo, diz respeito ao tempo de coleta, longo a nosso ver. Soma-se, ainda, a possível “contaminação” dos participantes em relação ao construto em estudo, entre as fases de pré e pós-teste.

Tais aspectos podem ser fatores intervenientes nos resultados obtidos. Este estudo foi desenvolvido apenas com estudantes; torna-se necessário validar o instrumento com professores, caso haja interesse em empregá-lo nessa população.

## 7. CONCLUSÃO

O INE-R é um *survey* com bons resultados na literatura para apoiar os estudos e estratégias que necessitam medidas de percepção ou de frequência de comportamentos disruptivos a incivis, de estudantes, professores, gestores de unidades de ensino ou de profissionais que auxiliam na prática clínica de estudantes e de enfermeiros.

A adaptação transcultural, a validação semântica e a análise descritiva e psicométrica dos itens, com aplicação a um grupo de estudantes de enfermagem, permitiram apresentar uma versão brasileira do instrumento com evidências satisfatórias de confiabilidade e reprodutibilidade para estudo da incivilidade no ensino de enfermagem.

Quanto à validade de construto, o presente estudo reitera pela AFC a presença de dois domínios, quais sejam, alta e baixa incivilidade. Para os itens relacionados a comportamentos de estudantes, os resultados apontam para a revisão de tres deles, com carga inferior a 0,300, presentes no dominio baixa incivilidade. Em relação aos itens referentes aos comportamentos dos professores, houve confirmação de todos em relação ao modelo teórico.

As questões adicionais da parte II do *survey* também mostraram ser adequadas para coletar dados sobre a percepção de incivilidade enquanto problema no contexto educacional e sobre os agentes que mais promovem atos ou ações de incivilidade.

Ainda, as análises dos dados obtidos dos questionamentos finais do instrumento (parte III) evidenciaram que as questões permitem caracterizar, de forma ampla, o grau da presença da incivilidade no ambiente acadêmico da enfermagem, como suas consequências mais relevantes, além de identificar as principais estratégias que os estudantes consideram ser adequadas para estimular o crescimento da civilidade no ambiente institucional, os fatores causais, as consequências, a forma mais eficaz de se ter maior nível de civilidade; tais informações são úteis para se valorizar e implementar a educação sobre o tema.

Desta forma, o objetivo do estudo foi alcançado, ao se executar todos os passos.



## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura aponta a existência e o crescimento de comportamentos incivis no ambiente educacional, em grande número de instituições ao redor do mundo. Tanto estudantes como professores, assim como os demais atores da instituição de ensino, podem ser agentes ou receptores de comportamentos incivis e ficam incomodados na presença desses comportamentos.

Na Enfermagem, tais comportamentos afetam profundamente as bases do cuidado que se constroem a partir da relação de confiança, respeito e colaboração. Se não forem cultivados os valores e comportamentos de civilidade, como se esperar a consolidação dos mesmos na relação com colegas de trabalho ou de assistência?

Portanto, identificar a presença e amplitude da incivilidade nas Instituições de Ensino Superior, como nos demais níveis, é uma preocupação da Escola. Várias estratégias de enfrentamento desses comportamentos quando presentes, assim como, o desenvolvimento das forças individuais que mantêm e estimulam a civilidade, devem ser programadas, implantadas e avaliadas, continuamente.

Reduzir ou eliminar a emissão de comportamentos disruptivos no ambiente escolar, assim como os de elevado nível de incivilidade, devem ser a meta das Instituições de Ensino, dado que a presença dos mesmos gera mais incivilidade. Nesse sentido, estudos que testem estratégias que contribuam para alcance de tal meta serão bem vindos.

Para Kearney e Plax (1992), o nível de civilidade do aluno está relacionado ao uso de reforços positivos e emissão de sinais de simpatia pelo professor. Desta forma, valorizar conceitos como responsabilidade, respeito, dignidade, privacidade, compromisso e simpatia favorece a compreensão de civilidade (ABEDINI; PARVIZY, 2019).

A importância de se detectar e reduzir esses comportamentos respalda-se, ainda, nos efeitos deletérios para o processo de aprendizagem dos estudantes, para as relações sociais entre os estudantes, professores, funcionários e gestores da Instituição, para a qualidade de vida dos envolvidos e para a qualidade do ambiente de trabalho.

## 9. REFERÊNCIAS<sup>1</sup>

ABEDINI, Z.; PARVIZY, S. Student's perceptions of using scenario-based education to improve civility: A mixed method study. **Journal of Advances in Medical Education & Professionalism**, v. 7, n. 4, p. 165-74, 2019a.

BEDINI, Z.; PARVIZY, S. The effects of group discussion and self-learning on Nursing Students' Civility. **Iran Journal Nurs Midwifery Reseah**, v. 24, n. 4, p. 268-73, 2019b.

ABRAHAM, A. E. *et al.* Instructor Perceptions of Student Incivility in the Online Undergraduate Science Classroom. **Journal of microbiology and biology education**, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2022.

ABRAMOVAY, M., AVANCINI, M. F. (2000). **A violência e a escola: O caso Brasil, 2000** Disponível em:  
<<http://www.ucb.br/observatorio/pdf/A%20Viol%EAncia%20e%20a%20Escola.pdf>>  
Acesso em 09 de setembro de 2020.

ABRAMOVAY, M. **Violências no cotidiano das escolas**. In: ABRAMOVAY, M (Org.) **Escola e violência**. Brasília: Unesco, 2002, 67-68p.

ABREU, I.S. *et al.* Crianças e adolescentes em hemodiálise: atributos associados à qualidade de vida. **Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**, v. 48, n. 4, p. 602-9, 2014.

AHMED, S.; ZIMBA, O.; GASPARYAN, A. Y. Moving towards online rheumatology education in the era of COVID-19. **Clinical Rheumatology**, v. 39, p. 3215–22, 2020.

AIZAWA, C. Y. P. **Elaboração e análise da confiabilidade de uma escala para avaliação dos movimentos generalizados em lactentes com riscos para o desenvolvimento neuromotor**. 2015. Dissertação (Mestrado em ciências) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven sampling” na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

---

<sup>1</sup> Adotou-se para citação e listagem de referências a Norma ABNT das Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP, 3ª edição, n.9, São Paulo, 2016

- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. Minha pior experiência escolar": Caracterização retrospectiva da vitimização de estudantes. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 133-144, 2018.
- ALENCAR, E. R. D. **Bullying e desempenho escolar de alunos do instituto federal do piauí campus Parnaíba**: um Estudo de Caso. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.
- AL-JUBOURI, M. B.; SAMSON-AKPAN, P.; JAAFAR, S. A. Validity and reliability of the arabic version of the incivility in nursing education-revised scale. **International journal of nursing education scholarship**, v. 16, n. 1, p.1-11, 2019.
- ALMEIDA, E. A. B.; HOLANDA, M. J. B. Atos de incivilidade: um comportamento cada vez mais frequente no ambiente escolar. **Núcleo de pesquisa e inovação**, v. 12, n. 1, p. 1-10, 2016.
- ALMEIDA, L. N. A. **Autoavaliação dos sintomas vocais e estratégias de enfrentamento na disfonia: nova perspectiva com base na teoria de resposta ao item**. 2021. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
- ALT, D.; ITZKOVICH, Y. Adjustment to college and and perceptions of faculty incivility. **Current Psychology**, v. 35, p. 657, 2016.
- ALT, D.; ITZKOVICH, Y.; NAAMATI-SCHNEIDER, L. Students' emotional well-being, and perceived faculty incivility and just behavior before and during COVID-19. **Frontiers in psychology**, v. 13, p. 1-12, 2022.
- ALTMILLER, G. M. Student Perceptions of incivility in Nursing Education: Implications for Educators. **Nursing education perspectives**, v. 33, n. 1, p. 15-20, 2012.
- ALVES, G. R. A.; BECKER, E. L. S. Manuais de etiqueta e sua importância na formação das mulheres. **Acta Scientiarum**. v. 4, n. 1, p. e48937, 2019.
- ANDERSSON, L. M.; PEARSON, C. M. Tit for tat? The spiraling effect of incivility in the workplace. **Academy of management review**, n. 24, p. 452-71, 1999.
- ANDRADE, A. L. DE; MATOS, F.R; LOBIANCO, V.M.P. BROSEGUIN, G.B. (In)civilidade no Trabalho: medidas e modelos. **Revista Psicologia: organizações e trabalho**, v. 20, n. 1; p. 914-21, 2020.
- ANTHONY, M. *et al.* Development and validation of a tool to measure incivility in clinical nursing education. **Journal of Professional Nursing**, v. 30, n. 1, p. 48-55, 2014.

ARAKELIAN, E, RUDOLFSSON, G.J Reaching a tipping point: perioperative nurse managers' narratives about reasons for leaving their employment-A qualitative study. **Journal of nursing management**, v. 29, n. 4, p. 664-71, 2021.

ARASLI H. *et al.* Workplace incivility as a moderator of the relationships between polychronicity and job outcomes. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**. v. 30, n. 1, p. 12-14, 2018.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede- Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

AUL, K. Who's uncivil to who? Perceptions of incivility in pre-licensure nursing programs. **Nurse education practice**, v. 27, p. 36-44, 2017.

AVANCI, J. Q.; ASSIS, S. G.; OLIVEIRA, R. V. C. Sintomas depressivos na adolescência: estudo sobre fatores psicossociais em amostra de escolares de um município do Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, v. 24, n. 10, p. 2334 - 46, 2008.

ÁVILA, L. I. *et al.* Visibilidade da enfermagem sob a ótica de universitários. **Enfermagem em Foco**, v. 4, n. 3, p. 211-4, 2013.

AZIZAN, H. M.; RAZLINA, H. J. Relationship between workplace incivility, job attitudes and muslim religiosity personality among trade union members. **Global Journal Al-Thagafah**. v. 5, n. 2, p. 43-50, 2015.

BALLESTRIN, L. M. A. Sociedade civil, democracia e violência. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 87, p. 144-62, 2015.

BARBOSA, J. M. S.; NASCIMENTO, O.; FONSECA, I. A. C. O Processo de enfermagem sob a ótica do acadêmico de uma faculdade privada de Rondônia. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 29, sup. 92, p. e1061, 2019.

BARROS, S. S. H. *et al.* Aulas de educação física e indicadores de violência em adolescentes. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 18, n. 5, p. 566-75, 2013.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEATON, D. E. *et al.* Guidelines for the processo f cross-cultural adaptations of self-report measures. **Spine**, v. 25, n. 24, p. 3189-91, 2000.

BELÉM, J. M. *et al.* Avaliação da aprendizagem no estágio supervisionado de enfermagem em saúde coletiva. **Trabalho, educação e saúde**, v. 16, n. 3, p. 849-67, 2018.

BENCE, A. F. *et al.* The association between the practice environment and selected nurse educator outcomes in public nursing education institutions: A cross-sectional study. **Nurse Education in Practice**, v. 5, p. 1-7, 2022.

BENNETT, S. J. *et al.* Discriminant properties of commonly used quality of life measures in heart failure. **Quality of life research**, v. 11, n. 4, p. 349-59, 2002.

BENTLER, P. M.; BONETT, D. G. Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. **Psychological Bulletin**, n. 88, p. 588-606, 1980.

BEZERRA, I. M. P. Estado da arte sobre o ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia do coronavírus. **Journal of human growth and development**, v. 30, n.1, p. 141-47, 2020.

BJORKLUND, W. L.; REHLING, D. L. Student perceptions of classroom incivility. **College Teaching**, v. 58, p. 15 - 8, 2010.

BORSATTI, D.; GABRIEL, R. **A tradução automática de textos científicos como suporte pedagógico para o desenvolvimento da compreensão leitora em inglês para propósitos acadêmicos**. Disponível em <<https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/93643/54242>> acesso em 01 junho 2020.

BRASIL. **Lei 13.185 de 6 de novembro de 2015** institui o programa de combate a intimidação sistemática (Bullying). . Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/.../Lei/L13185.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/.../Lei/L13185.html). Acesso em 03 out. 2018

BRAXTON, J. M.; BAYER, A. E. Addressing faculty and student classroom improprieties. BRAXTON, J. M.; BAYER, A. E. In: **New directions for teaching and learning**, San Francisco: CA: Jossey-Bass, 2004, 99 p.

BRITO, C. B.; OLIVEIRA, M. T. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. **Journal Pediatric**, v. 89, n. 6, p. 601-7, 2013.

BROWN, T. A. **Confirmatory Factor Analysis for Applied Research**. New York: 2nd ed., 2015, 462p.

BÜYÜKÖZTÜRK, S.; AKGÜN, Ö. E.; ÖZKAHVECÝ, Ö.; DEMÝREL, F. Gudulenme ve oĖrenme stratejileri olceginin Turkce formunun gecerlik ve guvenirlik calismasi. **Kuram ve Uygulamada Egitim Bilimleri**, 4(2), 207-239. 2004.

BYRNE, B. M. **Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications and programming**, 2ª ed. Routledge, 2009.

CAHYADI, A.; HENDRYADI, H.; SURYANI S. Thoughts on Incivility: A Preliminary Study to Identify Uncivil Behavior in Indonesian Higher Education. **Journal of Ethnic and Cultural Studies**. v. 8, n. 1, p. 129-42, 2021.

CAMARGO, B. V. Serge Moscovici (14/06/1925 - 16/11/2014): um percurso inovador na psicologia social. **Memorandum: memória e história em psicologia**, v. 28, p. 240–5, 2015.

CÂNDIDO, L. B. **Incivilidades nas redes sociais online sob as lentes da regionalidade: vulgaridades, depreciações, ameaças e mentiras**. 2019. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

CARBONE, E. Students Behaving Badly in Large Classes. **New Directions for Teaching and Learning**, v. 77, p. 35-43, 1999.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 403-410, 2011.

CARTER, S. **Civility: manners, morals, and the etiquette of democracy**. New York: harper perennial, 1999.

CARVALHO, A. *et al.* Bullying ou conflito entre pares? Incidências, características das vítimas e impacto psicológico. **Revista de estudios e investigación em psicologia y educación**, v. extr., n. 2, p. A2-071, 2017.

CASSIOLATO, J. E.; FALCÓN, M. L.; SZAPIRO, M. Novas tecnologias digitais, financeirização e pandemia Covid-19: transformações na dinâmica global produtiva, no papel do Estado e impactos sobre o CEIS. **Cadernos do desenvolvimento**, v. 16, n. 28, p. 51-86, 2021.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situações de pobreza, vulnerabilidades sociais e violência. In: ABRAMOVAY, M. (Org). **Escola e violência**. Brasília: Unesco. 2002, 16 - 66 p.

CAZA B.B.; CORTINA L.M. - From Insult to Injury: Explaining the Impact of Incivility. **Basic and applied social psychology**, v.29, n. 4, p. 335-50, 2007.

CHARLOT, B. A. Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, n. 8, p. 432-43, 2002.

CHEN, G. M. *et al.* We Should Not Get Rid of Incivility Online. **SAGE Journal**, v. 5, n. 3, 2019

CITTOLIN, S. F. **Incivilidade na educação superior**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

CLARK, C. M. An evidence-based approach to integrate civility, professionalism, and ethical practice into nursing curricula. **Nurse Educator**, v. 42, n. 3, p. 120 - 6, 2017.

CLARK, C. M. Faculty and student assessment and experience with incivility in nursing education: a national perspective. **Journal Nursing Education**, v. 10, n. 47, p. 458-65, 2008a.

CLARK, C.M. National study on faculty-to-faculty incivility: Strategies to foster collegiality and civility. **Nurse Educator**, v. 38, p. 98 - 102, 2013.

CLARK, C. M. On faculty Incivility in Nursing Education: a conceptual model. **Nursing Education Perspective**, v. 29, n. 5, p. 284-89, 2008b.

CLARK, C. M. Pursuing a Culture of civility, an intervention study in one program of nursing. **Nurse educator**, v. 36, n. 3, p. 98-102, 2011

CLARK, C. M. *et al.* Descriptive study of student incivility in the People's Republic of China. **Journal of cultural diversity**, v. 17, n. 4; p. 136, 2010.

CLARK, C. M. *et al.* Exploring and addressing faculty-to-faculty incivility: A national perspective and literature review. **Journal of Nursing Education**. v. 52, n. 4, p. 211 - 8, 2013.

CLARK, C. M. *et al.* Faculty and student perceptions of academic incivility in the People's Republic of China. **Journal of Cultural Diversity**. v. 19, n. 3, p. 85-93, 2012.

CLARK C. M. *et al.* National study on faculty and administrators' perceptions of civility and incivility in nursing education. **Nurse Educator**, v. 46, n. 5, p. 276-83, 2021.

CLARK, C. M. *et al.* Revision and psychometric testing of the Incivility in Nursing Education (INE) Survey: Introducing the INE-R. **Journal Nursing Education**. v. 54, n. 6, p. 306 - 15, 2015.

CLARK, C. M.; AHTEN, S. M. Beginning the conversation: the nurse educator's role in preventing incivility in the workplace. **Georgia Nursing**, v. 72, n. 3, p. 16-7, 2012.

CLARK, C. M.; AHTEN, S. M.; WERTH, L. Cyber-bullying and incivility in the online learning environment, part 2: Promoting student success in the virtual classroom. **Nurse Educator**. v. 37, p. 192-7, 2012.

CLARK,C.M.; CARNOSSO, J. Civilit: a concept analysis. 2008. **The Journal of Theory Construction & Testing**.v.12, n.1, sp., 2008.  
<https://www.researchgate.net/publication/287821658>

CLARK, C. M.; DAVIS-KENALEY, B. L. Faculty empowerment of students to foster civility in nursing education: A merging of two conceptual models. **Nursing Outlook**. v. 3, n. 59, p. 158 - 65, 2011.

CLARK, C. M.; FARNSWORTH, J.; LANDRUM, R. E. Development and description of the Incivility in Nursing Education (INE) Survey. **Journal of Theory Construction & Testing**. v. 13, n. 1, p. 7-15, 2009.

CLARK, C.M.; GORTON, K.L.; BENTLEY, A.L Civility: a concept analysis revisited. **Nursing Outlook**. v. 70, n. 2, March–April 2022, p. 259-270.

CLARK, C. M.; LUPARELL, S. Cyber-incivility, cyber-bullying, and other forms of online aggression: A call to action for nurse educators. **Nurse Education Today**, n. 85, p. 1-2, 2020.

CLARK, C. M.; SPRINGER, P. J. ‘Academic nurse leaders’ role in fostering a culture of civility in nursing education. **Journal of Nursing Education**, v. 49, n. 6, p. 319–25, 2010.

CLARK, C. M.; SPRINGER, P. J. Thoughts on incivility: Student and faculty perceptions of uncivil behavior in nursing education. **Nursing Education Perspectives**. v. 28, p. 93–7, 2007a.

CLARK, C. M.; SPRINGER, P. J. Incivility in nursing education: a descriptive study of definitions and prevalence. **Journal of Nursing Education**, v. 46, n. 1, p. 7-14, 2007b.

CLARK, C. M.; WERTH, L. AHTEN, S. Cyber-bullying and incivility in the online learning environment, part 1: Addressing faculty and student perceptions. **Nurse Educator**. v. 37, n. 4, p. 150 - 6, 2012.

CONACCI, B. J. **Validação do módulo específico de diabetes mellitus dos instrumentos DISABKIDS: estudo colaborativo internacional**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

CONCO, D. N. *et al.* Experiences of workplace bullying among academics in a health sciences faculty at a South African university. **South African Medical Journal**, v. 111, n. 4, p. 315-20, 2021.

CONNELLY, R. J. Introducing a culture of civility in first-year college classes. **The Journal of General Education**, v. 58, n. 1, p. 47-64, 2009.

COOMBS, W. T.; SHERRY, J. H. Understanding the aggressive workplace: Development of the workplace aggression tolerance questionnaire. **Communication Studies**, v. 55, n. 3, p. 481-97, 2004.

COOPER, J. R. M. *et al.* Nursing students’ perceptions of bullying behaviours by classmates. **Issues in Educational Research**, v. 19, n. 3, p. 212-26, 2009.

CORRÊA, A. K. *et al.* O perfil do aluno ingressante em um curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem de uma instituição de ensino superior pública. **Educação em Revista**, n. 34, e185913, p. 1-34, 2018.



CORTINA, L. *et al.* Incivility in the workplace: incidence and impact. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 6, n. 1, p. 64 - 80, 2001.

COURSEY, J. H.; RODRIGUES, R. E.; DIEKMANN, L.S. Successful implementation of policies Addressing Lateral Violence. **AORN Journal**, v. 97, n. 1, p. 101-9, 2013.

CRISPIM, J. A. *et al.* Adaptação cultural para o Brasil da escala tuberculosis-related stigma. **Ciência e saúde coletiva**, v. 21, n. 7, p. 2233-42, 2016.

CRUZ, G. V.; PEREIRA, W. R. Diferentes configurações da violência nas relações pedagógicas entre docentes e discentes do ensino superior. **Revista brasileira de enfermagem**. v. 66, n. 2, p. 241-50, 2013.

CURADO, M. A. S.; TELES, J.; MARÔCO, J. Análise de variáveis não diretamente observáveis: influência na tomada de decisão durante o processo de investigação. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v. 48, n.1, p. 149-56, 2014.

DALCASTAGNER, G. B.; NUNES, C. C. Violências no contexto escolar percepções de alunos, professores e gestores. **Filosofia e Educação**, v.11, n.3, p.423-52. 2019

DALOSTO, M. M.; ALENCAR, E. M. L. S. Manifestações e prevalência de *bullying* entre alunos com altas habilidades/superdotação. **Revista brasileira de educação especial**, v. 19, n. 3, p. 363-78, 2013.

DAMASCENO, V. A. M.; ZAZZETTA, M. S.; ORLANDI, F. S. Adaptação da escala para medir a habilidade de cuidado de cuidadores familiares de pessoas com doença crônica no Brasil. **Aquichan**, v. 19, n. 4, p. 1-13, 2019.

D'AMBRA, A. M.; ANDREWS, D. R. Incivility, retention and new graduate nurses: an integrated review of the literature. **Journal of nursing management**, v. 22, n. 6, p. 735-42, 2014.

DAVIS, R. **Academic culture and the classroom: a practical application**. Working paper, university of Nebraska at Kearney, 2002.

DE GAGNE, J. C.; KANG, H. S.; HYUN, M. S. Psychometric properties of the Korean version of the incivility in nursing education-revised (INE-R) survey. **Nursing and Health Sciences**, v. 18, n. 4, p. 425-34, 2016.

DEBARBIEUX, E. **La violence en milieu scolaire: le désordre des choses**. Paris: ESF, 1999.

DEBARBIEUX, E. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, p. 57-87, 2002.

DELEVEAUX, F. C. Nursing students and faculty perceptions of incivility in an urban jamaican university. **Sigma Theta Tau International's 29th International Nursing**

**Research Congress**, 2018. Disponível em:

<https://sigma.nursingrepository.org/handle/10755/624336> Acesso em: 9 de março de 2022.

DEMSKY, C. A. *et al.* Workplace incivility and employee sleep: The role of rumination and recovery experiences. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 2, p. 228 - 40, 2019.

DEON, K. C. *et al.* Translation and cultural adaptation of the brazilian version of Disabkids® Atopic Dermatitis Module (ADM). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n.2, p. 450-7, 2011.

DEON, K.C. **Adaptação cultural e validação do módulo específico Dermatite Atópica do instrumento de avaliação de Qualidade de Vida Relacionada à Saúde de Crianças e Adolescentes – DISABKIDS®-MDA – Fase I**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009

DI FABIO, A.; DURADONI, M. Fighting incivility in the workplace for women and for all workers: The challenge of primary prevention. **Frontiers in Psychology**, v. 10, n. 1805, p. 1-6, 2019.

DISABKIDS®. **Translation and validation procedure: Guidelines and documentation form**. The DISABKIDS Group Europe, 2004.

DUNN, S. V.; BURNETT, P. The development of a clinical learning environment scale. **Journal of Clinical Nursing**, v. 22, n. 6, p. 1166-73, 1995.

EDUARDO, A. H. A. *et al.* Validação da versão brasileira do questionário Quality of Recovery – 40 Itens. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 29, n. 3, p. 253-9, 2016.  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO. Disponível em <  
<http://www.eerp.usp.br/graduacao-bacharelado-em-enfermagem-apresentacao/>> acesso em: 02 de junho 2020.

EINARSEN, S.; HOEL, H. The Negative Acts Questionnaire: Development, Validation and Revision of a Measure of Bullying at Work. **10th European Congress on Work and Organizational Psychology**, Prague, 16-19 May 2001.

EKA, N.G.A.; CHAMBERS. D. Incivility in nursing education: A systematic literature review. **Nurse Education Practice**, v 39, p. 39:45-54, 2019.

ELDER, B. R.; SEATON, L. P.; SWINNEY, L. S. Lost in a crowd: Anonymity and incivility in the accounting classroom. **The Accounting Educators Journal**, v. 20, p. 91 – 107, 2010.

FALK, N. L. Retaining the Wisdom: academic nurse leaders' reflections on extending the working life of aging nurse faculty. **Journal of Professional Nursing**, v. 30, n. 1, p. 34–42, 2014.

FANTE, C. Bullying no ambiente escolar. In: Fante, Cleo; Prudente, Neemias Moretti. (Orgs.) **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção Pedagogia e Educação). p. 79-107.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 6ª ed. Campinas, SP: Versus Editora, 2011.

FARID, H. *et al.* Incivility in online learning environment: Perception of dental students and faculty. **Journal Dental Education**. p. 1–11, 2022.

FEGADOLLI, C. *et al.* Adaptação do módulo genérico DISABKIDS para crianças e adolescentes brasileiros com condições crônicas. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil**, v. 10, n. 1, p. 95-105, 2010.

FELDMAN, L. J. Classroom civility is another of our instructor responsibilities. **Journal College Teaching**, v. 49, n. 4, p. 137-40, 2001.

FELIPE, H. R. *et al.* Questionário de conhecimentos sobre práticas de enfermagem Forenses: adaptação para o Brasil e as propriedades psicométricas. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 23, p. 99-110, 2019.

FERNANDES, C. *et al.* Aula à distância ou aluno distante. **Revista Ciências da Saúde e Educação IESGO**, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2019.

FLEISS, J. L. **The measurement of interrater agreement**. In: \_\_\_\_\_ Statistical methods for rates and proportions, 2th ed., John Wiley & Sons, Inc., New York, 1981, 38 – 49 p.

FORNARI, L. F.; FONSECA, R. M. G. S. Prevenção e enfrentamento da violência de gênero por meio de jogos educativos: uma revisão de escopo. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação**, n. 33, p. 78-93, 2019.

FRANCO, C.G. **O bullying em publicações acadêmicas brasileiras nas bases de dados Scielo e Capes entre 2008-2018**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020

FRANKLIN, N.; CHADWICK, S. The impact of workplace bullying in nursing. **Journal: Australian Nursing Journal**, v.21, n. 1, p. 31, 2013.

FRYER HANSON, M.R. (2000). **Classroom incivility: Management practices in large lecture courses**. Available from ProQuest Dissertations and Theses database. (UMI No. 9978835)

FUZISSAKI, M. A. *et al.* Validação semântica de instrumento para identificação da prática de enfermeiros no manejo das radiodermatites. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 18, p. e1142, 2016.

GALBRAITH, M. W.; JONES, M. S. Understanding Incivility in Online Teaching. **Journal of Adult Education**, v. 39, n. 2, p. 1-10, 2010.

GALO, V. J. Incivility in nursing education: A review of the literature. **Teaching and Learning in Nursing**, 7:62-66, 2012.

GARCIA, J. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **Educação Temática digital**, v. 8, n. 1, p. 121 - 30, 2006.

GIATTI, L. *et al.* Labor in early life, vulnerability for health in Brazilian schoolchildren: National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, suppl. p. 1-30, 2014.

GIMENEZ, F. V. **A educação superior em tempos de pandemia e sua dimensão pedagógica**. 1ª ed. Catu-BA: Bôrdó Grena, 2021. p. 68.

GOSSELIN, T. K.; IRELAND, A. M. Addressing Incivility and Bullying in the Practice Environment. **Seminars in Oncology Nursing**, v. 36, n. 3, p. 151023, 2020.

GOUVEIA, E. M. L. *et al.* Moral harassment: what nursing students make of it. **Revista de Enfermagem UERJ**, v. 20, n. 2, p. 161 - 6, 2012.

GUERREIRO; M. G.; CHAGAS, A. M.; LACERDA, C. R. Educação e sociedade: uma reflexão sobre o caráter de educar em tempos de modernidade líquida. **Revista Expressão Católica**, v. 9, n. 2; p. 83-93; 2020.

GUIDROZ, A. M. *et al.* The nursing incivility scale: development and validation of an occupation-specific measure. **Journal of Nursing Measurement**, v. 18, n. 3, p. 176-200, 2010.

GUILHERME, C. *et al.* Evidências de validade da Spiritual Care Competence Scale para estudantes de graduação em enfermagem brasileiros. **REME - Revista Mineira de Enfermagem (online)**, v. 24, p. e-1343, 2020.

GUIMARÃES, E. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

HACHI, M. E. Faculty incivility: lived experiences of nursing graduates in the United Arab Emirates. **International Nursing Review**, v. 67, n. 1, p. 127-135, 2020.

HAIR, J. F. *et al.* **Análise multivariada dos dados**. Porto Alegre:6 ed. Bookman, 2009, 127p.

HANSON, M. F. **Classroom incivility: managment practices in large lecture courses. 2000**. Dissertation (Doctor of Education) - Education Administration, University of South Dakota, Dakota, 2000.

HEFFERNAN, T.; BOSETTI, L. Incivility: the new type of bullying in higher education. **Cambridge Journal of Education**. v. 51, n. 5, p. 641-52, 2021.

HONG, H. *et al.* Clinical characteristics of novel coronavirus disease 2019 (COVID-19) in newborns, infants and children. **Pediatrics & Neonatology**, v. 61, n. 2, 2020.

HOPKINS, E. E. *et al.* Incivility in the Online Classroom: A Guide for Policy Development. **Nursing Forum**, v. 0, n. 0, p. 1-7, 2017.

HUDGINS, T. *et al.* Disruptive academic behaviors: the dance between emotional intelligence and academic incivility. **Journal of Academic Ethics**. v. 4, p. 1-21, 2022.

IBRAHIM, S. A. E.; QALAWA, S. A. Factors affecting nursing students' incivility: as perceived by students and faculty staff. **Nurse Education Today**, v. 36, p. 118-23, 2016.

INDIANA UNIVERSITY CENTER FOR SURVEY RESEARCH. A survey on academic incivility at Indiana University. **Preliminary report. Bloomington: Center for Survey Research, Indiana University 2000**; 50-74Disponível em: <https://docplayer.net/41146807-Academic-incivility-a-survey-on-at-indiana-university-preliminary-report-center-for-survey-research-june-14-2000.html> Acesso em: 12 nov 2022.

ITZKOVICH, Y. Incivility: The Moderating Effect of Hierarchical Status Does a Manager Inflict More Damage? **Journal of Management Research**. v. 6, n. 3, p. 86-98, 2014.

JUNGES, K. S.; BEHRENS, M. A. Uma formação pedagógica inovadora como caminho para a construção de saberes docentes no ensino superior. **Educação em Revista**, n. 59, p. 211-29, 2016.

KERBER, C. *et al.* Journal clubs: a strategy to teach civility to nursing students. **Journal of Nursing Education**, v. 51, n. 5, p. 277 - 82, 2012.

KHALAILA, R. Translation of questionnaires into arabic in cross-cultural research: techniques and equivalence issues. **Journal of Transcultural Nursing**, v. 24, n. 4, p. 363 - 70, 2015.

KHAN, M, S.; ELAHI, NS, ABID, G. workplace incivility and job satisfaction: mediation of subjective well-being and moderation of forgiveness climate in health care sector. **European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education**, v. 11, n. 4, p. 1107-19, 2021.

KHAN, W. H. *et al.* COVID-19 pandemic and vaccines update on challenges and resolutions. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, v. 11, p.690621, 2021.

KIM, S. S.; LEE, J. J.; DE GAGNE, J. C. Exploration of cybercivility in nursing education using cross-country comparisons. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 17, n. 19, p. 2-18, 2020.

KLAR, R. T. Nurse Educators as Agents of Change in the SARS-CoV-2 Pandemic. **Nursing for Women's Health**, v. 24, n. 4, p. 253-5, 2020.

KLING, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling** 3<sup>rd</sup> ed. New York: Guilford Press, 2010.

KRUG, H. N.; KRUG, R. R.; TELLES, C. Encantos e desencantos na profissão de professores de educação física na educação básica. **Revista Textura**. v. 20 n. 44 p. 289-306, 2018.

LANDIS, J. R.; KOCH, G. G. An Application of Hierarchical Kappa-type Statistics in the Assessment of Majority Agreement among Multiple Observers. **Biometrics**, v. 33, n. 2, p. 363-74, 1977.

LASHLEY, F. R.; MENESES, M. Student civility in nursing programs: A national survey. **Journal Professional Nursing**, v. 77, n. 2, p. 81 - 6, 2001.

LEITER, M. P.; DAY, A. **Straightforward Incivility Scale Manual. Technical Document**. Centre for Organizational Research, Acadia University. 2013.

LIANG, S. Y. *et al.* Designing and evaluating an interactive multimedia Web-based simulation for developing nurses' competencies in acute nursing care: randomized controlled trial. **Journal of Medical Internet Research**, v. 17, n. 1, p. e5, 2015.

LIM, S.; CORTINA, L. M.; MAGLEY, V.J. Personal and workgroup incivility: impact on work and health outcomes. **Journal Appl Psychology**, p. 95-107, 2008.

LIMA, M. S. L.; BRAGA, M. M. S. C. Relação ensino-aprendizagem da docência: traços da pedagogia de Paulo Freire no ensino superior. **Educação em Revista**, n. 61, p. 71-88, 2016.

LOPES, P. D.; CARVALHO, A. C. L. **Desafios do trabalho na modernidade líquida**. Revista do Observatório de Direitos Humanos do Curso de Direito IESB: Brasília, v.7, n.7, 2019

LUCHESE, T. Direitos da Criança e do Adolescente: conhecimentos necessários para o educador. In: WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti; STELKO-PEREIRA, Ana Carina (Orgs.) **Violência Nota Zero: como aprimorar as relações na escola**. 2013. EDUFSCAR, São Carlos. p. 40- 58.

LUPARELL, S. Faculty encounters with uncivil nursing students: an overview. **Journal of Professional Nursing**, v. 20, n. 1, p. 59 - 67, 2004.

LUPARELL, S. Incivility in nursing: the connection between academia and clinical settings. **Critical care nurse**, v. 31, n. 2, p. 92 - 95, 2011.

LUPARELL, S.; FRISBEE, K. Do uncivil nursing students become uncivil nurses? A national survey of faculty. **Nursing Education Perspectives**, v. 40, n. 6, p. 322 - 7, 2019.

MACHADO, T.B.; BOTTOLI, C. Como os professores percebem a violência intrafamiliar. **Revista do Departamento de Ciências Humanas**, n. 34, p. 38 - 59, 2011.

MACNAMARA, S. A. Incivility in nursing: unsafe nurse, unsafe patients. **AORN Journal**, v. 95, n. 4, p. 535 - 40, 2012.

MAFFISSONI, A. L. et al. Violência e suas implicações na formação em enfermagem: revisão da literatura. **Revista Cuidarte**. v. 11, n. 2, p. e1064, 2020

MAGALHAES, J. R. F. et al. Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. e20170003, 2017.

MAIA, L. L, Q, G.; ARAÚJO, A.; SANTOS JÚNIOR, A. S. O entendimento da violência escolar na percepção de adolescentes. **Revista Médica Minas Gerais**, v. 22, n. 2, p. 166 - 73, 2012.

MALTA, D. C. et al. Situações de violência vivenciadas por estudantes nas capitais brasileiras e no distrito federal: resultados da pesquisa nacional de saúde da escola (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. supl.1, p. 158 - 71, 2014.

MARCHIONDO, K.; MARCHIONDO, L.A.; LASITER, S. Faculty incivility: effects on program satisfaction of BSN students. **Journal of Nursing Education**, v. 49, n. 11, p. 608 -14, 2010.

MARCOLINO, E. C. et al. *Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto Contexto – enfermagem**, v. 27, n. 1, p. e5500016, 2018.

MARLOW, S. **Academic incivility in nursing education**. 2013. Dissertation (Doctorate of Nursing Practice). Gardner-Webb University School of Nursing. Boiling Springs, 2013.

MARÔCO, J. **Análise de equações estruturais. fundamentos teóricos, software e aplicações**. Produtos e Serviços de estatística PSE: Portugal, Pêro Pinheiro, 2010. 374p.

MARQUES, S. S.; MARQUES, S. M. S. Aspectos da pós-modernidade no contexto da formação de professores. **UNESP: Semana acadêmica**. Disponível em: [https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo\\_-\\_aspectos\\_da\\_pos\\_modernidade\\_no\\_contexto\\_da\\_formacao\\_de\\_professores.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_-_aspectos_da_pos_modernidade_no_contexto_da_formacao_de_professores.pdf) Acesso em 01 julho 2022



- MARTIN, R. J.; HINE, D. W. Development and validation of the uncivil workplace behavior questionnaire. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 10, n. 4, p. 477-90, 2005.
- MASOUMPOOR, A. *et al.* Nursing instructors' perception of students' uncivil behaviors: A qualitative study. **Nursing Ethics**, v. 24, n. 4, p. 483 - 92, 2017.
- McGEE, P. L. A descriptive study of faculty-to-faculty incivility in nursing programs in the United States. **Journal of Professional Nursing**, v. 37, n. 1, p. 93-100, 2021.
- MEDEIROS, E. D. *et al.* Escala de Comportamentos de Bullying (ECB): Elaboração e Evidências Psicométricas. **Psico USF**, v. 20, n. 3, p. 385 - 97, 2015.
- MELANDA, F. N. *et al.* Physical violence against schoolteachers: an analysis using structural equation models. **Caderno Saúde Pública**, v. 34, n. 5, p. e00079017, 2018.
- MELHADO, T. T. **Medidas de ajuste de modelos de equações estruturais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estatística) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MENDONÇA, J. M. B.; SIQUEIRA, M. V. S.; SANTOS, M. A. F. Civilidade e incivildade no ambiente de trabalho: uma bibliometria internacional. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, v. 13, n. 2, p. 68 - 88, 2018.
- MILESKEY, J. L. *et al.* Promoting a culture of civility in nursing education and practice. **Journal of Nursing Education and Practice**, v. 5, n. 8, p. 90 - 94, 2015.
- MILLER, R. E. Student performance: Conduct and behaviour concerns. **International Journal of Teaching and Learning in Higher Education**, v. 21, n. 2, p. 248 - 51, 2009.
- MINTON, O.; STONE, P. A systematic review of the scales used for the measurement of cancer-related fatigue (CRF). **Annals of Oncology**, v. 20, n. 1, p.17–25, 2009.
- MITCHELL, A.; AHMED, A.; SZABO, C. Workplace violence among nurses, why are we still discussing this? Literature review. **Journal of Nursing Education and Practice**, v. 4, n. 4, p. 147-50, 2014.
- MIZEN, R. The affective basis of violence. **Infant Mental Health Journal**, v. 40, p. 113-28, 2019.
- MOHAMMADIPOUR, M, *et al.* The Level and Frequency of Faculty Incivility as Perceived by Nursing Students of Lorestan University of Medical Sciences. **Journal of Medicine and Life**, v. 11, n. 4, p. 334-42, 2018.
- MORENO, E. A. C. *et al.* Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de bullying em escolas públicas e privadas. **Revista de Enfermagem UERJ**. v. 20, n. 6, p. 808-13, 2012.



MOSS, S. E.; MAHMOUDI, M. STEM the bullying: An empirical investigation of abusive supervision in academic Science. **E-Clinical Medicine**. v. 40, p. 1-11, 2021.

MULIIRA, J. K.; NATARAJAN, J.; COLFF, J. V. Nursing faculty academic incivility: perceptions of nursing students and faculty. **BMC Medical Education**. v. 17, n. 1, p. 253, 2017.

MURRAY, R. E. An educational intervention to promote civility in nursing: a pilot study. **International Journal of Nursing Education Scholarship**, v. 17, n. 1, 2020.

MUTCHINICK, A. Las incivildades en la escuela. Potencialidades y recaudos del uso de la categoría en la investigación educativa. **Archivos de Ciencias de la Educación**, v. 11, n. 12, p. e034, 2017.

NEGREIROS, R. V.; LIMA, V. C. B. Importância do estágio supervisionado para o acadêmico de enfermagem no hospital: compartilhando experiências vivenciadas com a equipe de trabalho. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. v. 16, n. 2, p. 1-7, 2018.

NIKSTAITIS, T.; SIMKO, L. C. Incivility among intensive care nurses: the effects of an educational intervention. **Dimens Critice Care Nurse**. v. 33, n. 5, p. 293 - 301, 2014.

NITZSCHE, M. **(In)civilidade no trabalho: escalas de medida e efeitos no burnout e engagement**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Autônoma de Lisboa, Lisboa, 2015.

NOBRE, C. S. *et al.* Fatores associados à violência interpessoal entre crianças de escolas públicas de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4299 - 309, 2018.

NORBERT, E. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**, v. 1, São Paulo: Jorge Zahar, 1995.

NORDSTROM, C. R, BARTELS, L. K.; BUCY, J. Predicting and curbing classroom incivility in higher education. **College Student Journal**. n. 43, p.74–85, 2009.

NUNES, L.; CARIDADE, S.; SANI, A. A escola em análise entre 2006 e 2016: Das questões de (in) disciplina, transgressão e violência. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, v. 18, p. 9 - 31, 2018.

OLIVEIRA, A. S.; ANTÔNIO, P. S. The adolescent feelings related to the bullying phenomena: possibilities to the nursing assistance in this context. **Revista Eletrônica Enfermagem**, v. 8, n. 1, p. 30-41, 2006.

OLIVEIRA, A. S.; SANTOS, V. L. C. G. Responsividade dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida de Ferrans & Powers: uma revisão bibliográfica. **Acta Paulista de Enfermagem**. v. 24, n. 6, p. 839-44, 2011.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciências e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 707 - 18, 2014.

OLIVEIRA, W. A. et al. Ways to explain bullying: dimensional analysis of the conceptions held by adolescents. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 751-61, 2018.

OLIVEIRA, W.; JOAQUIM, S. A Influência dos Jogos Educativos Analógicos e Digitais na Interação Social dos Estudantes. IX Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2020). **Anais do XXVI Workshop de Informática na Escola**, 2020.

ORFAN, S. N. Faculty Incivility in Higher Education of Afghanistan. Students' perspectives. **Interchange: A Quarterly Review of Education**, v.53 n.1 p.133-49, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. **Coronavírus disease**. Disponível em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>; acesso em 22 de novembro de 2020.

OSATUKE, K. *et al.* Civility, Respect, Engagement in the Workforce (CREW). **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 45, n. 3, p. 384-410, 2009.

PALUMBO, R. Incivility in nursing education: an intervention. **Nurse education**, v. 66, p. 143 - 148, 2018.

PASQUALI, L. Psicometria. **Revista da escola de enfermagem da usp**, v. 43 (especial), p. 992 – 9, 2009.

PATEL, S. E.; CHRISMAN, M. Incivility through the continuum of nursing: A concept analysis. **Nursing forum**, v. 55, n. 2, p. 267-274, 2020.

PEARSON, C. M.; ANDERSSON, L. M.; PORATH, C. L. Assessing and attacking workplace incivility. **Organizational dynamics**, v. 29, n. 2, p. 123-37, 2000.

PETERS A.B. The concept of incivility: A case study. **Teaching and Learning in Nursing**. 2015; 10(4): 156-60.

PIGOZI, P. L.; JONES, B. A. School nurses' experiences in dealing with bullying situations among students. **Journal of School Nursing**, v. 32, n. 3, p. 177 - 85, 2016.

PILLA, M. C. B. A. Manuais de civilidade, modelos de civilização. **História em revista**, v. 9, p. 1-16, 2003.

PINES, E. W. et al. Stress resiliency, psychological empowerment and conflict management styles among baccalaureate nursing students. **Journal of Advanced Nursing**, v. 68, n. 7, p. 1482-93, 2012.

- RABOW, J.; PAYNE, K. E. Responding to incivility in classroom: a case study. **European Scientific Journal**, v. 12, n.19, p. 1-8, 2016.
- RAD M, ILDARABADI EH, MOHARRERI F, KARIMI MOONAGHI H. A study of incivility in the Iranian nursing training system based on educators and students' experiences: a quantitative content analysis. **Global Journal Health Science**. 29;7(2):203-9. doi: 10.5539/gjhs.v. 7, n.2, p. 203, 2014.
- RAD, M.; ILDARABADI E.H.; MOHARRERI F.; MOONAGHI H. K. Causes of Incivility in Iranian Nursing Students: A Qualitative Study. **International Journal Community Based Nursing Midwifery**. 2016 Jan;4(1):47-56. PMID: 26793730; PMCID: PMC4709814.
- RAD, M.; MIRHAGHI, A.; SHOMOOSI, N. Self-assertiveness interfacing incivility in student nurses: Possible outcomes. **Nurse Education Today**, v. 35, p. e6, 2015.
- RAWLINS, L. Faculty and student incivility in undergraduate nursing education: an integrative review. **Journal of Nursing Education**. v. 56, n.12, p.709-16, 2017.
- RIBEIRO, I. M. P. *et al.* Prevalência das várias formas de violência entre escolares. **Acta Paulista de enfermagem**, v. 28, n. 1, p. 54 - 9, 2015.
- RIECK, S.; CROUCH, L. Connectiveness and civility in online learning. **Nurse Education Practice**. v. 7, n. 6, p. 425-32, 2007.
- ROMEIRO, V. *et al.* DISABKIDS in Brasil: advances and future perspectives for production of scientific knowledge. **Revista Latino-Americana Enfermagem**, v. 28, p. e3257, 2020.
- RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Revista de educação interfaces**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.
- ROSE, K. A. *et al.* Lessons Learned: Raising Awareness of Civility and Incivility Using Semi-Virtual Reality Simulation. **Journal Nursing Education**, v. 59, n. 8, p. 461 - 4, 2020.
- ROSEN, C. C. *et al.* Who strikes back? A daily investigation of when and why incivility begets incivility. **Journal of Applied Psychology**, v. 101, n. 11, p. 1620 - 34, 2016.
- RUDOLPH, J. L. Inquiry, instrumentalism, and the public understanding of Science. **Science Education**, n. 89, p. 803-82, 2005.
- RUEDA, M. F. J. *et al.* Precisão entre avaliadores e pelo método teste-reteste no Bender-Sistema de pontuação gradual. **Psicologia Teoria e Prática**, v. 10, n. 1, p. 25-35, 2008.

- SABINO, G.; CALBINO, D.; LIMA, I. A trajetória dos movimentos negros pela educação: conquistas e desafios. **Linhas Críticas**, v. 28, n. e40739, 2022.
- SAMPAIO, J. M. C. *et al.* *Bullying at school: analysis of conflict relations between adolescents.* **Revista de enfermagem UFPE**, v. 9, n. 4, p. 7264 - 71, 2015.
- SANTANA, M. L.B.; KOEHLER, S. M. F. Estudo sobre as violências e indisciplinas no ensino superior: percepção de docentes de uma instituição privada. **Revista Digital de Educación**. n. 1, p. 205-20, 2013.
- SANTOS, D. M. S. S. *et al.* Validity of the DISABKIDS® -Cystic Fibrosis Module for Brazilian children and adolescents. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 22, n. 5, p. 819-825, set./out. 2014b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n5/0104-1169-rlae-22-05-00819.pdf>.
- SANTOS, J. A. *et al.* The prevalence and types of bullying in 13 to 17 year-old Brazilian schoolchildren. **Revista Salud Pública**, v. 16, n. 2, p. 173 - 83, 2014a.
- SANTOS, L. S. F. *et al.* Jogo da memória sobre feridas e curativos como estratégia de ensino-aprendizagem. **Revista Enfermagem Atual**, v. 83 n. 21, 73-82, 2017.
- SANTOS, T. B. L. **Tamanho de amostra para o teste-reteste na determinação do coeficiente de correlação intraclasse.** 2018. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em Estatística) –Faculdde de Matemática, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- SANTOS, W. S.; MEDINA, P. Violência na escola básica: um estudo de caso envolvendo redes pública e privada em Palmas – TO. **Observatório**. v. 4, n. 6, p. 794-825, 2018.
- SÃO PAULO. GOVERNO DO ESTADO. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. **Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. Diversidade sexual e cidadania LGBT.** 3ª ed. São Paulo: SJDC/SP, 2018. 47 p.
- SCHNEIDER, A. Insubordination and intimidation signal the end of decorum in many classrooms. **Chronicle of Higher Education**. p. A12-A14. 1998.
- SCOTUZZ, C. A. S.; SANTOS, R. C. M. A escola e as diferentes formas de violência: como temos enfrentado?. In: II ENPURC - ENCONTRO PIBID UNESP, 2019, Rio Claro. **Anais [...]**. Rio Claro, 2019. Disponível em: [https://igce.rc.unesp.br/Home/unidadeauxiliar/ceapla1019/2019\\_anais\\_iienpurc.pdf#page=61](https://igce.rc.unesp.br/Home/unidadeauxiliar/ceapla1019/2019_anais_iienpurc.pdf#page=61).
- SEIXAS, S.; FERNANDES, L; MORAIS, T. **CYBERBULLYING: um guia para pais e educadores.** Lisboa: Plátano Editora, 2016.
- SENHORAS, E. M. Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020.

- SHEN, H. *et al.* Incivility in nursing practice education in the operating room. **Nurse Education Today**, v. 88, n. 19, 30871-8, 2020.
- SILVA, A. M. V. L.; HASSELMANN, M. H. Associação entre maus-tratos familiares e excesso de peso e de gordura em escolares do município do Rio de Janeiro/RJ, Brasil. **Ciências e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4129 - 42, 2018.
- SILVA, C. D. *et al.* Representation of domestic violence against women: comparison among nursing students. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 39, p. e63935, 2018.
- SILVA, C. E. *et al.* Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 83 - 93, 2012.
- SILVA, G. R. **O território de incivildade na manifestação da violência escolar: olhar nas violências intranaturais**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- SILVA, J. L. *et al.* Assistência oferecida a estudantes que relatam serem vítimas de bullying. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 325 - 35, 2017.
- SILVA, L. M. C. *et al.* Elaboração e validação semântica de um instrumento de avaliação da transferência do tratamento diretamente observado como política de controle da tuberculose. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 38, n. 2, p. 129 - 35, 2015.
- SILVA, M. A. I. *et al.* The involvement of girls and boys with bullying: an analysis of gender differences. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 10, n. 12, p. 6820-31, 2013.
- SILVA, M. A. I. *et al.* The view of teachers on bullying and implications for nursing. **Revista da Escola de Enfermagem**, v. 48, n. 4, p. 723 - 30, 2014.
- SILVA, P. H. A. *et al.* Qualidade de vida de crianças/adolescentes com fibrose cística segundo a percepção de seus pais/cuidadores. **Revista Brasileira de Qualidade de vida**, v. 11, n. 2, p. e9443, 2019.
- SILVA, T. M. O. *et al.* Conceitos dos discentes de enfermagem sobre aulas remotas. **Revista Diálogos em Saúde**, v. 3, n. 1, p. 45 – 61, 2020.
- SILVA, T.O; SILVA, L.T.G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**. [online]. v.34, n.103,2017
- SILVESTRE, M. A. C. **Práticas de leitura e escrita – inglês** [recurso eletrônico], Natal: sedis ufrn, p. 25, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/>> acesso em 01 junho 2020.

- SMALL S. P. *et al.* Mutual respect would be a good starting point: students' perspectives on incivility in nursing education. **Canadian Journal of Nursing Research**, n. 51, p. 133–44, 2019.
- SMITH, J.G.; URBAN, R.W.; WILSON, S.T. Association of stress, resilience, and nursing student incivility during COVID-19. **Nursing Forum**, v. 57, p. 374–81, 2022.
- SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.17, p. 124-48, 2014.
- SPRUNK, E. A.; LASALA, K. B.; WILSON, V. L. Student incivility: Nursing faculty lived experience. **Journal of Nursing Education and Practice**, v. 4, n. 9, p. 1 -12, 2014.
- STELKO-PEREIRA, A. C. *et al.* Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil. **Psicologia da Educação**, v. 46, p. 21-30, 2018.
- STORK. E.; HARTLEY, N. T. Classroom Incivilities: Students Perceptions About Professors Behaviors. **Contemporary Issues in Education Research**, v. 2, n. 4, p. 13-24, 2009.
- SUPLEE, P. D; LACHMAN, V.D.; SIEBERT, B.; ANSELM, K.K. Managing Nursing Student Incivility in the Classroom, Clinical Setting, and on-line. **Journal of Nursing Law**, v. 12, n. 2, p. 68-77, 2008.
- SWARTZWELDER, K. *et al.* Confronting incivility in the online classroom. **Journal of Christian Nursing**, v. 36, n. 2, p. 104-11, 2019.
- SWINNEY, L; ELDER, B; SCATON, L.P - Incivility in the accounting classroom. **American Journal of Business Education**, v. 3, n. 5,2010.
- SYLVESTRE, D. R. P. S. O uso do padlet para os letramentos do estudante. Revista Ibero-Americana de Humanidades, **Ciências e Educação**. v. 7, n. 1, p. 1-9, 2021.
- TAROZO, M. **Adaptação cultural e validação da Weight Bias Internalization Scale (WBIS) para uso no Brasil - Fase I**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.
- TERWEE, C. B. *et al.* Quality criteria were proposed for measurement properties of health status questionnaires. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 60, p. 34 - e42, 2007.
- THOMAS, S. P. Handling anger in the teacher-student relationship. **Nursing Education Perspective**, v. 24, n. 1, p. 17 - 24, 2003.
- THOMAS, S.P.; BURK, R. Junior nursing students' experiences of vertical violence during clinical rotations. **Nursing Outlook**, v. 57, p. 226 - 31, 2009.

THOMPSON, G. *et al.* Resilience among medical students: the role of Coping Style and Social Support. **Teaching and Learning in Medicine**. v. 28, n. 2, p. 174-82, 2016.

THUPAYAGALE-TSHWENEAGAE GB, BARATEDI WM, SEBOLA BR, RADITLOKO S, DITHOLE KS. Foreign nurse educators' lived experiences of incivility: The case for Botswana. **Curationis**. 2020 v.43, n.1, e1-e5. doi: 10.4102/curationis.v43i1.2162.

TONIN, S. **Adaptação e validação transcultural da escala de incivildade no trabalho**. 2018. Tese (doutorado em Administração) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

TORRES, R. M. *et al.* AVAS21 - Ambiente virtual de aprendizagem para o século 21: uma experiência exitosa. **Brazilian Journal of Development**. v. 7, n. 5, p. 45250-68, 2021.

TREVISOL, M. T. C.; CAMPOS, C. A. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicologia, Escola e Educação**, v. 20, n. 2, p. 275 - 84, 2016.

TSCHANNEN, D. *et al.* The impact of nursing characteristics and the work environment on perceptions of communication. **Nursing Research and Practice**, v. 2012, p. 1-7, 2012.

TUCKER, L. R., LEWIS, C. The reliability coefficient for maximum likelihood factor analysis. **Psychometrika**, n. 38, p. 1-10, 1973

UNIM, B. *et al.* The Italian validation of the revised Incivility in Nursing Education survey: preliminary results. **European Journal of Public Health**, v. 30, Suplemenet, 5, p. 772, 2020

VAGHARSEYYEDIN, S. A. Workplace incivility: a concept analysis. **Contemporary Nurse**, v. 50, n. 1, p. 115-25, 2015.

VEGINI, N. M. K.; RAMOS, F. R. S.; FINKLER, M. Representações sociais do trote universitário: uma reflexão ética necessária. **Texto Contexto – Enfermagem**, v. 28, p. e20170359, 2019.

VICKOUS, K. E. Y. **Perceptions of Incivility in Nursing Education: A Survey of Associate and Baccalaureate Program Nursing Students**. 2015. Dissertation (Doctor of Education), Western Kentucky University. 2015.  
<https://digitalcommons.wku.edu/diss/79/> -

VIEIRA, I. S. V. *et al.* Attitudes of bullying practices bystanders students at school. **Ciência, Cuidados e Saúde**. v. 15, n. 1, p. 163-70, 2016.

- VINK, H.; ADEJUMO, O. Factors contributing to incivility among students at South African nursing school. **Curations**, v. 38, n. 1, p. 163 – 70, 2016.
- VURAL, L.; BACIOĞLU, S.D.; Student Incivility in Higher Education. **International Journal of Progressive Education**, Volume 16 Number 5, 2020.
- YOUNG K.S, ABREU C.N. **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed; 2011.
- WAGNER, B. *et al.* Differences in perceptions of incivility among disciplines in higher education. **Nurse Education**. v. 44, p. 265–69, 2019.
- WALKER, L. O.; AVANT, K. C. **Strategies for theory construction in nursing**. 6<sup>o</sup> ed. New York: Pearson, 2019
- WALSH, B. M. *et al.* Workgroup norms for civility: The development of the Civility Norms Questionnaire-Brief. **Journal of Business and Psychology**, v. 27, n. 4, p. 407-20, 2012.
- WETTER, V. Seeking Spiritual Solutions to Nurse Incivility. **Journal of Christian Nursing**, v. 35, n. 3, p. e40 - e42, 2018.
- WILDER-SMITH, A.; FREEDMAN, D. O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. **Journal Traveling Medicine**, v. 2, n. 2, 2020.
- WILSON, N. L.; HOLMVALL, C. M. The development and validation of the Incivility from Customers Scale. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 18, n. 3, p. 310–326, 2013.
- WOODWORTH, J. Promotion of nursing student civility in nursing education: a concept analysis. **Nursing Forum**, v. 51, n. 3, 196-203, 2016.
- ZAGO, N. Prefácio. In: LATERMAN, I. **Violência e incivilidade na escola. Nem vítimas e nem culpados**. Florianópolis: Obra jurídica, 2000. p. 158.
- ZANATTA, E. A. *et al.* Violência no contexto de jovens universitários de enfermagem: repercussões na perspectiva da vulnerabilidade. **Revista Baiana Enfermagem**, v. 32, p. e25945, 2018.





**ANEXO A** - Checklist de Avaliação Geral do instrumento (DISABKIDS®, 2004)  
adaptado pelo GPEMSA (ROMEIRO et al, 2019) para avaliação do INE Survey – R  
(CLARK *et al.*, 2015) adaptado.

Identificação: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Ano da graduação: \_\_\_\_\_

	<b>Por favor, marque UMA opção</b>
1. O que você achou do nosso instrumento em geral?	<input type="checkbox"/> muito bom <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular / mais ou menos
2. Os itens são compreensíveis? Se não, quais itens:	<input type="checkbox"/> fáceis de entender <input type="checkbox"/> às vezes, difíceis <input type="checkbox"/> não compreensíveis
3. E sobre as categorias de resposta? Você teve alguma dificuldade em usá-las? Por favor, explique:	<input type="checkbox"/> nenhuma / sem dificuldade <input type="checkbox"/> algumas dificuldades <input type="checkbox"/> muitas dificuldades
4. Os itens são relevantes para a sua condição?	<input type="checkbox"/> muito relevante <input type="checkbox"/> às vezes relevante <input type="checkbox"/> sem / nenhuma relevância
5. Você gostaria de mudar alguma coisa no instrumento? ( ) não ( ) sim	
6. Você gostaria de acrescentar algo no instrumento? ( ) não ( ) sim	
7. Teve alguma questão que você não quis responder? ( ) não ( ) sim	

CLARK, C. M.; BARBOSA-LEIKER, C. GILL, L. M. et al. Revision and psychometric testing of the Incivility in Nursing Education (INE) Survey: Introducing the INE-R. *J Nurs Educ.* v. 54, n. 6, p. 306-15, 2015.

DISABKIDS®. **Translation and validation procedure: Guidelines and documentation form.** The DISABKIDS Group Europe, 2004.

ROMEIRO, V. *et al.* DISABKIDS in Brasil: advances and future perspectives for production of scientific knowledge. *Revista Latino-Americana Enfermagem*, v. 28, p. e3257, 2020.

**ANEXO B** - Checklist de Avaliação Específica do instrumento ((DISABKIDS®, 2004) adaptado pelo GPEMSA (ROMEIRO et al, 2019) para avaliação do INE Survey – R (CLARK *et al.*, 2015) adaptado.

Exemplificado com o instrumento a ser aplicado para avaliação semântica dos itens do subconjunto A

Avaliação Semântica dos itens do Subconjunto A

Item	Isso é relevante para a sua situação de estudante?			Teve dificuldade de entender esta questão?		Em suas palavras, como faria esta pergunta?
	Sim	Às vezes	Não	Sim	Não	Reformulação
Nº						
1						
2						
3						
4						
5						
13						
14						
17						

CLARK, C. M.; BARBOSA-LEIKER, C. GILL, L. M. et al. Revision and psychometric testing of the Incivility in Nursing Education (INE) Survey: Introducing the INE-R. **J Nurs Educ.** v. 54, n. 6, p. 306-15, 2015.

DISABKIDS®. **Translation and validation procedure: Guidelines and documentation form.** The DISABKIDS Group Europe, 2004.

ROMEIRO, V. *et al.* DISABKIDS in Brasil: advances and future perspectives for production of scientific knowledge. **Revista Latino-Americana Enfermagem**, v. 28, p. e3257, 2020.

**ANEXO C** - Checklist de Avaliação Específica do instrumento ((DISABKIDS®, 2004) adaptado pelo GPEMSA (ROMEIRO et al, 2019) para avaliação do INE Survey – R (CLARK *et al.*, 2015) adaptado

Exemplificado com o instrumento a ser aplicado para avaliação das questões do subconjunto G.

Avaliação Semântica das Questões abertas

Questões	Isso é relevante para a sua situação de estudante?			Teve dificuldade de entender esta questão?		Em suas palavras, como faria esta pergunta?
	Sim	Às vezes	Não	Sim	Não	Reformulação
Nº						
1						
2						
3						
4 ...						

CLARK, C. M.; BARBOSA-LEIKER, C. GILL, L. M. et al. Revision and psychometric testing of the Incivility in Nursing Education (INE) Survey: Introducing the INE-R. *J Nurs Educ.* v. 54, n. 6, p. 306-15, 2015.

DISABKIDS®. **Translation and validation procedure: Guidelines and documentation form.** The DISABKIDS Group Europe, 2004.

ROMEIRO, V. *et al.* DISABKIDS in Brasil: advances and future perspectives for production of scientific knowledge. *Revista Latino-Americana Enfermagem*, v. 28, p. e3257, 2020.

## **APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participantes estudantes de enfermagem (fase da Validação semântica)**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a) da validação semântica da pesquisa "Adaptação cultural e semântica e análise das propriedades psicométricas do Incivility in Nursing Education Survey - Revised (INE-R) com estudantes brasileiros" desenvolvido por Vanessa dos Santos Ribeiro, coordenada pela Profa. Dra. Emilia Campos de Carvalho. Após conversarmos e você realizar a leitura deste documento, ficará esclarecido (a) sobre as informações da pesquisa e sua participação; no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, a outra pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. A participação na pesquisa não irá lhe gerar gastos e não será realizado pagamento da participação.

Em caso de dúvidas sobre questões éticas desta pesquisa, você pode procurar o Comitê de Ética da EERP-USP, endereço: Av. Bandeirantes, 3900; Vila Monte Alegre, CEP: 14040-902; Ribeirão Preto-SP; tel: (016) 3315-9197 e-mail: [cep@eerp.usp.br](mailto:cep@eerp.usp.br), de 2ª à 6ª feira, em dias úteis, das 10hs às 12hs e das 14hs às 16hs; ou ainda no endereço Rua Flório de Souza Coelho, 197; celular: (016) 98801-3767.

### **Informações sobre a Pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa com objetivo de validar o instrumento Incivility in Nursing Education Survey - Revised (INE-R), sob o ponto de vista de estudantes de enfermagem brasileiros com alunos na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Você irá receber o instrumento INE-R e assinalar um *check-list* quanto a relevância dos itens, dificuldades para entender as questões e em suas palavras, como faria a pergunta. O tempo estimado de participação na pesquisa será de 15 min aproximadamente.

Os dados coletados servirão apenas para pesquisa. Acreditamos ter tomado todas as providências para que você não sofra riscos, prejuízos ou desconfortos, contudo, caso algum desconforto ocorra, você deverá comunicar a pesquisadora para as providências cabíveis, que é retirar-se do estudo sem que lhe cause prejuízo e caso ocorra algum dano relacionado à participação na pesquisa você tem o direito de indenização, pela pesquisadora e Instituição envolvida (Item IV.3-h – Resolução 466/2012 – CONEP-MS). Você poderá se beneficiar com a participação nesta pesquisa, uma vez que irá colaborar

com a validação de um instrumento sobre incivildade em sala de aula. Contudo, você poderá interromper sua participação e sair do estudo, sem nenhum prejuízo para você, no momento que sentir necessidade.

Reiteramos que você terá garantia de sigilo dos seus dados e o direito de retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum. Os resultados serão publicados em congressos ou revistas, sendo que as informações que serão coletadas permanecerão anônimas.

Esta Pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP-EERP/USP), que tem como função proteger eticamente o participante de pesquisa.

### **Consentimento da participação**

Eu \_\_\_\_\_, RG/CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo: "Adaptação cultural e semântica e análise das propriedades psicométricas do Incivility in Nursing Education Survey - Revisaded (INE-R) com estudantes brasileiros". Fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo para o exercício de minhas funções na instituição. Recebi uma via deste documento e a outra ficou com a pesquisadora responsável, ambas assinadas por ela e por mim.

Ribeirão Preto \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Doutoranda: Vanessa dos Santos Ribeiro  
Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

#### Institucional

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP  
Av. Bandeirantes, 3900 tel: (016) 3315-3381  
Ribeirão Preto – SP

#### Pessoal

Rua: Flório de Souza Coelho, 197 tel: (016) 98801-3767  
Bairro: Planalto Verde  
Ribeirão Preto – SP

## **APÊNDICE B** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participantes estudantes de graduação em enfermagem

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a) da análise psicométrica da pesquisa "Adaptação cultural e semântica e análise das propriedades psicométricas do Incivility in Nursing Education Survey - Revised (INE-R) com estudantes brasileiros" desenvolvido por Vanessa dos Santos Ribeiro, coordenada pela Profa. Dra. Emilia Campos de Carvalho. Após conversarmos e você realizar a leitura deste documento, ficará esclarecido (a) sobre as informações da pesquisa e sua participação; no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, a outra pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. A participação na pesquisa não irá lhe gerar gastos e não será realizado pagamento da participação.

Em caso de dúvidas sobre questões éticas desta pesquisa, você pode procurar o Comitê de Ética da EERP-USP, endereço: Av. Bandeirantes, 3900; Vila Monte Alegre, CEP: 14040-902; Ribeirão Preto-SP; tel: (016) 3315-9197 e-mail: [cep@eerp.usp.br](mailto:cep@eerp.usp.br), de 2ª à 6ª feira, em dias úteis, das 10hs às 12hs e das 14hs às 16hs; ou ainda no endereço Rua Flório de Souza Coelho, 197, Bairro: Planalto Verde; celular: (016) 98801-3767.

### **Informações sobre a Pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa com objetivo de validar o instrumento Incivility in Nursing Education Survey - Revised (INE-R), sob o ponto de vista de estudantes de enfermagem brasileiros com alunos na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Você irá responder o instrumento INE-R com formato *Likert* que contém 24 itens sobre incivildade de estudantes e/ou professores de enfermagem. O tempo estimado de participação na pesquisa será de 20 min aproximadamente.

Os dados coletados servirão apenas para pesquisa. Acreditamos ter tomado todas as providências para que você não sofra riscos, prejuízos ou desconfortos, contudo, caso algum desconforto ocorra, você deverá comunicar a pesquisadora para as providências cabíveis, que é retirar-se do estudo sem que lhe cause prejuízo e caso ocorra algum dano relacionado à participação na pesquisa você tem o direito de indenização, pela pesquisadora e Instituição envolvida (Item IV.3-h – Resolução 466/2012 – CONEP-MS). Você poderá se beneficiar com a participação nesta pesquisa, uma vez que irá colaborar

com a validação de um instrumento sobre incivildade em sala de aula. Contudo, você poderá interromper sua participação e sair do estudo, sem nenhum prejuízo para você, no momento que sentir necessidade.

Reiteramos que você terá garantia de sigilo dos seus dados e o direito de retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum. Os resultados serão publicados em congressos ou revistas, sendo que as informações que serão coletadas permanecerão anônimas.

Esta Pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP-EERP/USP), que tem como função proteger eticamente o participante de pesquisa.

### **Consentimento da participação**

Eu \_\_\_\_\_, RG/CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo: "Adaptação cultural e semântica e análise das propriedades psicométricas do Incivility in Nursing Education Survey - Revisaded (INE-R) com estudantes brasileiros". Fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo para o exercício de minhas funções na instituição. Recebi uma via deste documento e a outra ficou com a pesquisadora responsável, ambas assinadas por ela e por mim.

Ribeirão Preto \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Doutoranda: Vanessa dos Santos Ribeiro  
Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

#### Institucional

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP  
Av. Bandeirantes, 3900 tel: (016) 3315-3381  
Ribeirão Preto – SP

#### Pessoal

Rua: Flório de Souza Coelho, 197 tel: (016) 98801-3767  
Bairro: Planalto Verde  
Ribeirão Preto – SP



**APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para peritos**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a) da validação do instrumento dos idiomas inglês para o português da pesquisa "Adaptação cultural e semântica e análise das propriedades psicométricas do Incivility in Nursing Education Survey - Revised (INE-R) com estudantes brasileiros" desenvolvido por Vanessa dos Santos Ribeiro, coordenada pela Profa. Dra. Emilia Campos de Carvalho. Após conversarmos e você realizar a leitura deste documento, ficará esclarecido (a) sobre as informações da pesquisa e sua participação; no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, a outra pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. A participação na pesquisa não irá lhe gerar gastos e não será realizado pagamento da participação.

Em caso de dúvidas sobre questões éticas desta pesquisa, você pode procurar o Comitê de Ética da EERP-USP, endereço: Av. Bandeirantes, 3900; Vila Monte Alegre, CEP: 14040-902; Ribeirão Preto-SP; tel: (016) 3315-9197 e-mail: [cep@eerp.usp.br](mailto:cep@eerp.usp.br), de 2ª à 6ª feira, em dias úteis, das 10hs às 12hs e das 14hs às 16hs; ou ainda no endereço Rua Flório de Souza Coelho, 197, Bairro: Planalto Verde; celular: (016) 98801-3767.

**Informações sobre a Pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa com objetivo de validar o instrumento Incivility in Nursing Education Survey - Revised (INE-R), sob o ponto de vista de estudantes de enfermagem brasileiros com alunos na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Você irá verificar eventual inconformidade com o instrumento original, considerando a equivalência entre a versão do original em inglês para o português do Brasil. O tempo estimado de participação na pesquisa será de 20 min aproximadamente.

Os dados coletados servirão apenas para pesquisa. Acreditamos ter tomado todas as providências para que você não sofra riscos, prejuízos ou desconfortos, contudo, caso algum desconforto ocorra, você deverá comunicar a pesquisadora para as providências cabíveis, que é retirar-se do estudo sem que lhe cause prejuízo e caso ocorra algum dano relacionado à participação na pesquisa você tem o direito de indenização, pela pesquisadora e Instituição envolvida (Item IV.3-h – Resolução 466/2012 – CONEP-MS). Você poderá se beneficiar com a participação nesta pesquisa, uma vez que irá

colaborar com a validação de um instrumento sobre incivildade em sala de aula. Contudo, você poderá interromper sua participação e sair do estudo, sem nenhum prejuízo para você, no momento que sentir necessidade.

Reiteramos que você terá garantia de sigilo dos seus dados e o direito de retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum. Os resultados serão publicados em congressos ou revistas, sendo que as informações que serão coletadas permanecerão anônimas.

Esta Pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP-EERP/USP), que tem como função proteger eticamente o participante de pesquisa.

### **Consentimento da participação**

Eu \_\_\_\_\_, RG/CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo: "Adaptação cultural e semântica e análise das propriedades psicométricas do Incivility in Nursing Education Survey - Revisaded (INE-R) com estudantes brasileiros". Fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação minha participação. Foi me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo para o exercício de minhas funções na instituição. Recebi uma via deste documento e a outra ficou com a pesquisadora responsável, ambas assinadas por ela e por mim.

Ribeirão Preto \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Doutoranda: Vanessa dos Santos Ribeiro  
 Pesquisadora Responsável  
Institucional  
 Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP  
 Av. Bandeirantes, 3900 tel: (016) 3315-3381  
 Ribeirão Preto – SP

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante

Pessoal  
 Rua: Flório de Souza Coelho, 197 tel: (016) 98801-3767  
 Bairro: Planalto Verde  
 Ribeirão Preto – SP.